



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

QUANDO O SOFRIMENTO E O PRAZER SE
ENCONTRAM: A EXPERIÊNCIA DA
SEXUALIDADE SÁDICA

JESSICA RESENDES PACHECO

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍTOR JOSÉ AMORIM RODRIGUES

Coordenador do Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍTOR JOSÉ AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia.

Agradecimentos

A dissertação que aqui se apresenta e o conhecimento que nela pretendi transmitir foi fruto de contributos das várias pessoas que, de uma forma ou de outra, acompanharam este meu processo. A estas, dedico este espaço, com o meu mais profundo agradecimento.

Agradeço ao Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues, meu orientador, pelo seu acompanhamento, pautado pela competência científica, disponibilidade na partilha do seu conhecimento, pela flexibilidade e paciência demonstradas ao longo deste processo, moroso e com muitos sobressaltos.

Aos participantes desta dissertação, que disponibilizaram o seu preciso tempo e paciência, abrindo um pouco as portas às suas intimidades, com abertura e sem sinais de hesitação.

Às colegas de casas Solange, Filipa e Rita, mais do que colegas de casa e amigas, foram a minha ‘família de aluguer’, incentivaram desde sempre os meus esforços, mantendo discussões académicas que me permitiram evoluir.

Às minhas colegas de curso, Rita, Inês, Mafalda e Maria, mais do que isso amigas, que puxaram por mim quando achava que não podia dar mais e me fizeram acreditar em mim própria.

Ao Diogo, pela amizade sempre sólida e disponível, na qual me apoiei como se de uma pedra se tratasse, fazendo-me manter os pés bem assentes no chão.

Por último, um agradecimento especial à minha família, particularmente à minha mãe. Foi a mão que me segurou para que esta etapa ocorresse sem percalços e tudo fez para que pudesse levar os meus objetivos a bom porto; partilhou das minhas alegrias e tristezas, fazendo-se por vezes esquecer das suas; incentivou-me a dar sempre o máximo de mim, nunca questionando as minhas escolhas. Se aqui cheguei hoje, foi por ela.

RESUMO

O Sadismo Sexual continua a figurar nos manuais de diagnóstico de saúde mental como uma perturbação do foro psicológico, mais especificamente uma Parafilia, estando ligado à excitação sexual decorrente de atos de crueldade, continuando portanto a ser conceptualizado como uma sexualidade desviante. Até à data, continua a não haver consenso entre cientistas sobre se a Preferência pela Violência Sexual experienciada num contexto consensual e não-consensual. Os estudos realizados neste âmbito dividem-se assim entre os estudos realizados com população forense (agressores sexuais) e estudos realizados com a população BDSM (sadoMasoquismo).

Face à escassez de conhecimento científico produzido no nosso país com foco no Sadismo Sexual, este estudo, de carácter exploratório, tem como objetivo principal a compreensão e descrição da experiência subjetiva dos sujeitos que se percecionam como sexualmente sádicos, isto é, entender o fenómeno do Sadismo Sexual (na sua vertente consensual), utilizando como amostra quatro participantes do sexo masculino que se encontram inseridos nas redes sociais de BDSM.

Em relação aos resultados, esta investigação permitiu concluir que embora os percursos de vida e vivências sejam fundamentalmente distintos, foi possível verificar a existência de uma estrutura da experiência sexualmente sádica, compartilhada por todos os participantes, na qual são visíveis constituintes essenciais de dimensões distintas, nomeadamente as dimensões individual (caraterísticas relativas aos processos psicológicos do participante), relacional e contextual (características resultantes da esfera das relações com parceiras e do envolvimento com a comunidade BDSM).

Palavras-chave: Sadismo Sexual; Consensualidade; BDSM; Experiência.

ABSTRACT

Sexual Sadism still appears on the mental health diagnostic manuals as a psychological disturb, more specifically a paraphilia, being linked to sexual arousal stemming from acts of cruelty and still being conceptualized as a sexual deviancy. There is still no agreement amongst scientists, referring to the preference for sexual violence experienced in a consensual or non-consensual context. Studies so far have been divided between samples of forensic population (sexual offenders) and samples of sadomasochism in a BDSM community, with no emphasis on sadism alone.

Considering the lack of scientific knowledge produced in our country and focusing sadists alone, the main goal of this exploratory study is to understand and describe the subjective experience of subjects that perceive themselves as sexually sadistic, that is, understand the phenomenon of sexual sadism in its consensual variant, using a sample of four participants of the masculine gender, that are a part of BDSM networks.

Concerning the results, this investigation allowed us to conclude that although the life course of the participants and their experiences are fundamental distinctive, it was possible to verify the existence of a structure for the experience of sexual sadism, shared by all the participants, in which it is possible to determine an individual dimension (characteristics pertaining to psychological processes), relational / contextual dimension (characteristics pertaining to the relationship sphere and the involvement in a BDSM community).

Key words: Sexual Sadism; Consensuality; BDSM; Experience.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	1
II. REVISÃO LITERATURA	2
1. O Sadismo Sexual	2
1.1 A sexualidade normativa e desviante	2
1.2 Perspetiva histórica do Sadismo Sexual.....	3
1.3 Perspetiva clínica do Sadismo Sexual.....	3
1.4 Bases motivacionais	5
1.5 Prevalência, desenvolvimento e curso	7
1.6 Diagnóstico diferencial	8
1.7 Teorias explicativas.....	9
1.7.1 Psicodinâmicas	9
1.7.2 Cognitivo-comportamentais	10
2. O Sadismo Sexual Consensual	12
2.1 Conceptualização	12
2.2 Marcos fundamentais	13
2.3 O Sadismo sexual e o BDSM.....	14
2.3.1 Contextualização	14
2.3.2 Considerações clínicas.....	16
2.4 O perfil psicológico dos praticantes de BDSM.....	17
2.5 O papel das práticas sádicas e da dinâmica BDSM	19
III. MÉTODO	21
1. Objetivos do estudo	21
2. A metodologia fenomenológica	Erro! Marcador não definido.
2.2.1 O método de Giorgi.....	23
3. Participantes	25
4. Instrumentos	26
5. Procedimentos	27

IV. RESULTADOS	28
1. Análise da Estrutura Geral da experiência da sexualidade sádica consensual	28
2. O Sadismo Sexual Consensual	31
2.1 Dimensão Individual	31
2.2 Fatores Relacionais / Contextuais	36
V. DISCUSSÃO	45
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
VII. REFERÊNCIAS	53
VIII. ANEXOS	61
Anexo A Consentimento Informado	61
Anexo B Guião de entrevista	63
Anexo C Análise do protocolo de P1	64
Anexo D Análise do protocolo de P2	86
Anexo E Análise do protocolo de P3	101
Anexo F Análise do protocolo de P4	137

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: Dados de caracterização dos participantes	27
TABELA 2: Síntese dos constituintes essenciais da experiência da sexualidade sádica.....	30
TABELA 3: Tomada de consciência.....	31
TABELA 4: Desejo de exploração.....	33
TABELA 5: Percepção da sexualidade sádica.....	34
TABELA 6: Iniciação com parceiras baunilha.....	36
TABELA 7: Relações afetivas com parceiras compatíveis.....	37
TABELA 8: Preocupações.....	38
TABELA 9: Dinâmica de poder.....	41
TABELA 10: Envolvimento na comunidade BDSM.....	43
TABELA 11: Percepção de oportunidades	44
TABELA 12: Análise do protocolo de P1	65
TABELA 13: Análise do protocolo de P2	87
TABELA 14: Análise do protocolo de P3.....	102
TABELA 15: Análise do protocolo de P4	138

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: Estrutura final da experiência.....	31
---	----

I. INTRODUÇÃO

Ao abordar o Sadismo Sexual é inevitável fazer referência às fantasias sexuais do Marquês de Sade, que mais tarde viriam a ser problematizadas por Kraftt-Ebbing como Sadismo Sexual e contribuíram para o entendimento da motivação subjacente a diversos crimes de agressão sexual e até mesmo homicídios (Hickey, 2001). Desde então o conhecimento científico sobre o fenómeno sofreu alguma evolução; não obstante, o Sadismo Sexual continua a figurar nos manuais de diagnóstico de saúde mental como uma perturbação do foro psicológico, mais especificamente uma Parafilia, estando ligado à excitação sexual decorrente de atos de crueldade, continuando portanto a ser conceptualizado como uma sexualidade desviante. Este paradigma científico, que encontrou maior força no século XIX (Gordon, 2008), teve diversas implicações metodológicas, desde a falta de consenso quanto à conceptualização do fenómeno em si, até à relativa generalização dos resultados dos estudos até então efetuados, que põem em causa o conhecimento adquirido até então.

Paralelamente, foram surgindo diversos movimentos sociais cujo objetivo era suspender a visão patologizante de algumas práticas sexuais consideradas desviantes, entre elas o Sadismo, convergindo na criação de comunidades BDSM (Bondage/Disciplina, Dominação/submissão e SadoMasoquismo), nas quais estas e outras práticas seriam vivenciadas num ambiente de consensualidade e não-estigmatização (Ernulf & Innala, 1995, cit. por Mota, 2011). Embora os manuais de diagnóstico atuais admitam a ideia de que indivíduos sexualmente sádicos nem sempre necessitam de intervenção psicológica, os sujeitos sexualmente sádicos cujas práticas são efetuadas de forma consentida, permanecem enquadrados na ótica da psicopatologia. Este facto, em conjunto com a estigmatização dos praticantes de BDSM em geral, levou à prossecução de diversas investigações com o objetivo de desmistificar algumas crenças atuais e descrever os perfis psicológicos dos seus praticantes (Weeks, 1985). Embora estes estudos apontem para que as práticas de BDSM não sejam associadas a processos psicológicos desadaptativos, nenhum estudo foi realizado até à data exclusivamente com sujeitos sexualmente sádicos.

Assim, sublinha-se a necessidade de maior atenção sobre o fenómeno, resultante de práticas, estilos de vida e crenças específicos dos sujeitos, e que se traduzem na vivência de diferentes experiências por parte de diferentes praticantes. É com o intuito de contribuir nesta busca de conhecimento que surge este estudo, que procura, dando enfoque à população

portuguesa, caracterizar as vivências dos seus atores (as práticas e os contextos), bem como os significados que lhe são atribuídos.

Para ir de encontro aos objetivos postulados, esta dissertação divide-se em dois momentos: uma componente teórica, que corresponde à revisão da literatura existente sobre o fenómeno, e a componente empírica, que explicita o estudo empírico realizado. Neste primeiro momento teórico, abordam-se as diversas controvérsias envolvendo a conceptualização do Sadismo Sexual e a sua patologização, bem como as diferentes vertentes investigativas que tomaram o Sadismo como objeto de estudo, fazendo uma separação entre o estado de arte relativo ao Sadismo Sexual, enquanto Perturbação Parafilica, e a investigação realizada com sujeitos sexualmente sádicos (englobados numa amostra de participantes de BDSM) cujas práticas são efetuadas sem prejuízos para outrem, não sendo assim merecedores de atenção clínica. O segundo marco desta dissertação compreende a metodologia utilizada para a obtenção dos dados empíricos, a análise e discussão dos mesmos, com base na revisão de literatura efetuada, e por fim um momento de considerações finais relativas à experiência da sexualidade sádica.

II. REVISÃO LITERATURA

1. O Sadismo Sexual

1.1 A sexualidade normativa e desviante

Ao explorar a problemática do Sadismo Sexual, será inevitável abordar a sexualidade do ser humano e fazer uma revisão do que é considerado normativo neste contexto. A este respeito, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – V (DSM-V) faz uma divisão clara daquilo que constitui a sexualidade normativa e desviante, esclarecendo: “O termo parafilia refere-se a qualquer outro interesse sexual intenso e persistente que não o interesse na estimulação genital ou carícias preparatórias consentidas com parceiros humanos fenotipicamente normais e fisicamente adultos” (American Psychiatric Association [APA], 2013, p. 819). Neste sentido, o conceito de parafilia (do grego *pará* – ao lado de, anormal e *philos* – amante, que tem afinidade ou atraído por) surge como um termo biomédico utilizado para descrever um desvio em relação ao ato sexual normal, acima explicitado.

Embora se estime que tenham sido identificadas na atualidade cerca de 547 categorias diferentes de parafilias (Aggrawal, 2009), segundo First e Halon (2008) um grupo de 8 parafilias tem recebido especial atenção clínica, entre eles o Masoquismo Sexual e o Sadismo Sexual, na medida em que causam tendencialmente problemas aos indivíduos que as possuem, quer porque o sujeito agiu sobre os seus impulsos, quer porque os impulsos ou fantasias sexuais causam aflição significativa ou dificuldades interrelacionais para o sujeito (APA, 2013).

1.2 Perspetiva histórica do Sadismo Sexual

O primeiro caso registado de agressão sexual com contornos sádicos parece ter sido o de Gilles de Rais – um nobre francês do séc. XV, o qual alegadamente violou, torturou e assassinou centenas de crianças (Hickey, 1991). Com o desenrolar dos séculos posteriores, assistiram-se a diversos relatos de agressores sexuais que aparentavam exibir traços sádicos, entre eles o mediático Marquês de Sade, após o qual a psicopatologia adquiriu a sua nomenclatura (Hickey, 1991). As suas obras literárias “*Os 120 Dias de Sodoma*”, “*Justine*” e “*História de Juliete*” marcaram a época denunciando as fantasias do marquês, as quais passavam por atividades eróticas como a sodomia, pedofilia, gerontofilia, coprofilia, entre outras variantes desviantes da sexualidade normativa (Hickey, 1991).

Nesta altura, e até ao final do século XIX, a desviância sexual não era tida enquanto fenómeno médico, tendo sido Krafft-Ebing em 1886, o primeiro a introduzir na obra *Psychopathia Sexualis*, os termos ‘sadismo’ e ‘Masoquismo’ na terminologia médica e psiquiátrica, ao elaborar uma descrição compreensiva e organizadora do desvio sexual (Gordon, 2008). O autor (tendo por base as escrituras de Sade e outros casos clínicos célebres) utilizou assim o termo para descrever a associação entre a violência, crueldade e luxúria (Marshall & Kennedy, 2003), tendo-a concebido como: “... a experiência de sensações sexuais prazerosas (incluindo orgasmo) produzida por atos de crueldade ... e pode ainda conter um desejo inato de humilhar, magoar, ferir ou destruir outros” (von Krafft-Ebing, 1906/1999, p. 109). Esta conceptualização permitiu assim que o Sadismo fosse aceite como tópico de estudo científico, reunindo a atenção de diversos ramos da ciência, entre eles a Psicologia (Gordon, 2008).

1.3 Perspetiva clínica do Sadismo Sexual

Do ponto de vista da Psicologia Clínica, e na atualidade, a preferência por uma sexualidade da qual faz parte a violência ou o sofrimento pode ser diagnosticada como uma

Desordem da Preferência Sexual (Parafilia), sob a nomenclatura de “SadoMasoquismo”, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças – 10 ou CID-10 (World Health Organization [WHO], 1992) ou “Masoquismo sexual”/“Sadismo Sexual ” de acordo com a DSM-V (2013).

Segundo consta no manual de diagnóstico CID-10 (WHO, 1992), este fenômeno está classificado como sendo experienciado por indivíduos cuja preferência de atividade sexual, tanto como recipiente (Masoquismo) ou como provedor (Sadismo), ou ambos, envolva dor, humilhação ou escravidão. Isto é, para que estas atividades constituam uma Desordem da Preferência Sexual, devem corresponder à forma de estimulação sexual mais significativa ou necessária para a gratificação sexual do sujeito, estando inseridas num *continuum* que vai desde atos sádicos consentidos pelos parceiros, à tortura e homicídio de vítimas sem o seu consentimento.

Por outro lado, na DSM-V (APA, 2013), o Sadismo Sexual e o Masoquismo Sexual aparecem como Parafilias separadas, embora estando ambas incluídas no grupo de Perturbações Algolâgnicas - as quais envolvem dor e sofrimento. O manual define assim o Sadismo Sexual como envolvendo “... excitação sexual recorrente e intensa a partir do sofrimento físico ou psicológico de outra pessoa, manifestada por fantasias, impulsos e comportamentos”, sendo requisito que o indivíduo atue “de acordo com estes impulsos sexuais com uma pessoa que não o permite, ou impulsos sexuais ou fantasias provocam mal-estar clinicamente significativo ou déficit social, ocupacional ...” (APA, 2013, p. 819). Aqui importa sublinhar que o preenchimento dos dois critérios supramencionados permitem efetuar o diagnóstico de Perturbação Parafílica, sendo que, se a excitação sexual perante o sofrimento dos outros ocorrer sem estar acompanhada de constrangimentos para o sujeito ou outrem, apenas se atribui ao sujeito a Parafilia em si, não sendo considerado portador de uma Psicopatologia, e dispensando assim de atenção clínica¹.

De um modo geral, o Sadismo Sexual pode então ser entendido como envolvendo a prática de atos nos quais o indivíduo deriva excitação sexual do sofrimento psicológico ou físico da vítima; atuando segundo os seus anseios sexuais, com um parceiro que consente ou não em ser alvo destes comportamentos (Muribeca, 2009). Estas atividades podem envolver atos como:

¹ Note-se a troca da palavra ‘ou’ por ‘e’ no trecho “fantasias, impulsos e comportamentos” da nova versão do manual (APA, 2013) que implica a verificação necessária destas três condições para efetuar-se um diagnóstico, contrariamente à versão passada (DSM-IV) que admitia que apenas uma das condições se verificasse, possibilitando assim a realização de um diagnóstico ao sujeito portador de impulsos e fantasias que nunca atuasse sobre os mesmos.

atar, espancar, chicotear, queimar, administrar choques elétricos, violar, esfaquear, estrangular, torturar, mutilar ou mesmo o homicídio (Muribeca, 2009).

Embora as definições acima apresentadas sejam similares, são fonte de discórdia por parte de muitos autores, que põem em causa os motivos subjacentes que incentivam o sádico sexual (Marshall & Kennedy, 2003). Como frisam os autores, a característica comum a todas as definições existentes corresponde à geração de excitação sexual como resposta a algumas características no comportamento do agressor ou da resposta da vítima. No entanto, segundo os mesmos, o problema da identificação do Sadismo como satisfação sexual derivada de determinados atos ou consequências é que tal satisfação é subjetiva e deve portanto ser inferida por quem faz o diagnóstico. Assim, enquanto esta anomalia nos manuais de diagnóstico não for resolvida, pode-se esperar que o diagnóstico do Sadismo Sexual seja pobre, e, por consequência, também os resultados dos estudos neste âmbito (Marshall & Kennedy, 2003).

1.4 Bases motivacionais

Resultante desta preocupação, são numerosos os autores que procuram definir a base motivacional do sadismo, defendendo que a força impulsionadora primária reside no desejo de exercer poder ou controlo sobre outrem (e.g. Brittain, 1970; Dietz, Hazelwood & Warren, 1990; Giannangelo, 1996; Langevin, Bem-Aron, Wright, Marchese & Handy, 1988; Myers, Scott, Burgess, & Burgess, 1995). Reconhecendo que existem muitos outros comportamentos envolvidos nos atos sádicos, a maioria dos autores defende que o controlo e o poder são primários, sendo os outros comportamentos meros meios através dos quais o sádico experiencia o controlo e/ou poder (Marshall & Kennedy, 2003). Estas sensações parecem motivar tanto o sádico que possui uma Perturbação Parafílica, agindo contra a vontade do recetor, como o sádico que possui a Parafilia, relacionando-se com parceiros consentâneos (na dinâmica Sádico e Masoquista), como sugere Calenza (1999), que explica que este desnível de poder manifesto entre o Sádico e o recetor, é caracterizado por práticas e interações cuja motivação é fundamentalmente reafirmar este desnível, sendo que nas práticas consentidas, os relacionamentos são usualmente definidos por interações que revolvem entre a dor e a humilhação, os papéis definidos são relativamente fixos.

Não obstante, certos autores apontam para a importância da erotização da agressão. Groth (1979) sugere que a sexualidade e a agressão se fundem numa única experiência psicológica que é o Sadismo, o que de algum modo é confirmado por Sadoff (1986), que defende que algum grau de violência é necessário para que o sádico experiencie a excitação

sexual. Groth (1979) sugere ainda que tanto o ato intencional de agressão como o efeito que este tem na vítima são erotizados. O autor baseia esta sugestão pelo facto de as ações do sádico (quer sejam agressivas ou degradantes, envolvam tortura ou restrição de movimentos) terem claramente efeitos imediatos na vítima, pois esta pode demonstrar dor, medo, terror, aflição, vergonha, nojo ou submissão, como resposta ao comportamento do seu agressor (Marshall & Kennedy, 2003).

A este respeito, Marshall e Kennedy (2003) põem uma questão importante: embora se esteja ciente de todas estas motivações para a experiência de prazer perante estímulos sádicos e a agressão sexual, serão as mesmas suficientes para distinguir os sádicos de outros agressores sexuais? Torna-se difícil diferenciar entre as várias formas de coerção, particularmente entre a violência instrumental, expressiva e sádica, sendo um problema intransponível para os que diagnosticam e os investigadores, tornando muitos estudos a um certo ponto questionáveis (Marshall & Kennedy, 2003).

Face a estas limitações no foro diagnóstico, alguns investigadores recomendam que se abandone os critérios de diagnóstico discutidos anteriormente, devendo tomar uma abordagem dimensional na definição do Sadismo Sexual (Marshall & Kennedy, 2003). Neste sentido, Marshall & Hucker (2006) desenvolveram uma escala comportamental para identificarem sádicos sexuais masculinos que incluíam diversos padrões comportamentais. Segundo a mesma escala, deve procurar-se as seguintes evidências no que respeita ao agressor: (a) ficar sexualmente excitado com atos sádicos, (b) exercitar poder/controlo/domínio sobre a vítima, (c) humilhar ou degradar a vítima, (d) torturar ou realizar atos de crueldade para com a vítima, (e) mutilar partes sexuais do corpo da vítima, (f) ter história prévia de sufocar parceiros consensuais durante o sexo, (g) utilizar violência gratuita para com a vítima, (h) ter histórico de crueldade para com pessoas ou animais, (i) ferir gratuitamente as vítimas, (j) tentar (ou suceder) estrangular, sufocar ou asfixiar a vítima, (k) manter troféus da vítima, (l) manter registos da agressão, (m) planejar com cuidado a agressão, (n) mutilar partes não-sexuais do corpo da vítima, (o) escravizar parceiras consensuais durante o sexo, (p) a vítima ser raptada ou enclausurada e (q) haver evidências de ritualismo nas agressões.

Embora a literatura relativa às parafilias no sexo feminino seja limitada (Stone, 2010, refere que o Sadismo Sexual é um fenómeno maioritariamente masculino), existem estudos recentes que indicam que os padrões de excitação sexual das mulheres é significativamente diferente da dos homens (Cortoni e Gannon, 2011). Pflugradt e Allen (2012), realizando um estudo com indivíduos do sexo feminino (que foram identificados com base nos critérios de diagnóstico da DSM-IV-TR) concluíram que o Sadismo Sexual feminino é um constructo

complexo e multifactorial, que engloba um conjunto de comportamentos, processos cognitivos e respostas emocionais. As mulheres examinadas evidenciaram pelo menos 11 dos 17 factores observados por Marshall e Hucker (2006) na população masculina. No entanto, em contraste com a população masculina, a excitação sexual desviante pareceu estar mais associada à inflicção de dor psicológica em detrimento da dor física. O mesmo estudo demonstrou ainda que o Sadismo Sexual nas mulheres é altamente relacional de natureza: uma vez que utilizavam um co-agressor aquando das agressões e que as vítimas eram normalmente conhecidas das agressoras, o que parece contribuir para o sofrimento psicológico da vítima, de traição e confiança quebrada (Pflugradt & Allen, 2012).

De especial destaque nesta etapa é referir que grande parte dos estudos que tomam por objeto o Sadismo Sexual têm por base sujeitos que, na prossecução dos seus interesses sexuais, de alguma forma entraram em contato com a justiça (homicidas, violadores) não fazendo a distinção clara entre o Sadismo Sexual praticado de forma consensual, e agressores sexualmente sádicos cujas práticas violam a autodeterminação sexual do outro (e.g. Abel, 1989; Chuang, 2011; Kirsch & Becker, 2007; Marshall & Hucker, 2006).

Embora um número de teóricos tenha feito a distinção entre Sadismo Sexual e uma preferência por sexo não-consensual na literatura forense, o fenómeno em apreço tem sido associado por certos autores a outras patologias, como violação preferencial, biastofilia e parafilia coerciva, pelo que neste sentido, grande parte do que hoje se sabe sobre o fenómeno apresenta enviesamentos (Seto, Lalumière, Harris & Chivers, 2012).

1.5 Prevalência, desenvolvimento e curso

Tendo em conta a falta de consenso no que respeita ao diagnóstico do Sadismo Sexual e as limitações daí subsequentes, torna-se então possível entender que também os resultados serão pouco passíveis de generalização – limitação esta que se estende, por consequência, aos estudos relativos à prevalência desta Parafilia na população geral e clínica. Neste sentido, e segundo confirma a DSM-V, a prevalência da Perturbação de Sadismo Sexual é desconhecida (podendo variar entre 2% a 30%), acrescentando também, como foi anteriormente apontado, o facto de que os estudos se baseiam maioritariamente em indivíduos pertencentes ao contexto forense (APA, 2013).

Desta feita, embora o Sadismo Sexual seja raro na população geral, a sua prevalência pode variar entre os 5% e os 45% dos ofensores sexuais, e entre 67% e 99% de todos os perpetradores de homicídio sexual em série (Kirsch & Becker, 2007). Por outro lado, no caso

dos portadores de Sadismo Sexual sem perturbação, os dados estatísticos são igualmente pouco esclarecedores, na medida em que englobam os sujeitos com sexualidade sádica na panóplia que são os participantes de BDSM, tópico abordado posteriormente nesta dissertação. Não obstante, uma investigação realizada com participantes australianos concluiu que 2,2% dos homens e 1,3% das mulheres tinham incorrido em práticas BDSM anteriormente, entre elas de sadoMasoquismo (APA, 2013).

Quanto ao desenvolvimento e curso da parafilia, a informação existente é muito limitada. Segundo um estudo realizado com sujeitos do sexo masculino, a idade média do início das práticas sádicas era de aproximadamente 19 anos (APA, 2013). Tendo em conta que a masturbação se inicia com maior frequência na adolescência, sendo a mesma acompanhada por fantasias (carregadas de afeto, podendo assim permear a imaginação e constituir a fantasia primária), é nesta fase que a tendência desviante para o Sadismo Sexual é expressa, sendo os impulsos condensados e manifestados através das fantasias (Mercier, s/d). Perante as mesmas, e segundo Allgeier e Allgeier (1989), o clima emocional que delas deriva varia de indivíduo para indivíduo e ao longo do desenvolvimento do mesmo, podendo ser associado a sensações de prazer e excitação ou de ansiedade e angústia. Daqui se infere que, enquanto a parafilia em si parece ser uma constante durante toda a vida do sujeito, o diagnóstico de Perturbação Parafílica pode variar nesta população, na medida em que o mal-estar subjetivo o sujeito ou a sua propensão para causar danos a outrem flutua, diminuindo frequentemente com a idade (APA, 2013).

1.6 Diagnóstico diferencial

De modo a confirmar o diagnóstico de Sadismo Sexual, são várias as perturbações que devem ser alvo de despieste, entre elas a perturbação antissocial da personalidade, perturbação de Masoquismo sexual, hiperssexualidade e perturbações do uso de substâncias (APA, 2013). A personalidade antissocial pressupõe a ausência de remorsos e a indiferença pelos sentimentos alheios, levando à violação dos direitos dos outros; deste modo, embora seja evidente na literatura a existência de traços antissociais associados a alguns indivíduos diagnosticados como sádicos sexuais, trata-se de transtornos mentais díspares e por isso não devem ser confundidos (APA, 2013). Por outro lado, embora o Masoquismo seja uma perturbação que também envolve dor / humilhação como fonte preferencial de obtenção de gratificação sexual, trata-se de sujeitos que derivam tal gratificação do ato de ser o objeto de tal humilhação ou dor pelo que importa, aquando do diagnóstico, distinguir a fonte da gratificação sexual (APA, 2013).

A hiperssexualidade refere-se ao impulso mais forte do que o habitual para ter atividade sexual, neste sentido, importa atentar se os impulsos sexuais do sujeito não são melhor explicados por esta perturbação (APA, 2013). O consumo de álcool e drogas parece também ser uma característica comum a grande parte dos sádicos sexuais (Langevin, 2003). Neste sentido, importa clarificar se os comportamentos e impulsos do indivíduo fazem verdadeiramente parte da preferência sexual do mesmo ou são apenas um produto de uma outra condição, nomeadamente espoletada pelo consumo de substâncias. Não menos importante será fazer o diagnóstico diferencial entre o Sadismo Sexual e a Biastofilia, que se caracteriza pela obtenção de prazer decorrente de um ataque surpresa e violento a uma vítima desconhecida, provocando o terror (Toledo, 2003).

1.7 Teorias explicativas

1.7.1 Psicodinâmicas

Durante o século XX, o estudo dos comportamentos sexuais eram realizados sob os paradigmas da psicanálise, sendo que as teorias psicodinâmicas postulavam inicialmente que o Sadismo Sexual evoluía a partir de fixações nos estados iniciais do desenvolvimento psicosexual ou de um impulso inato de morte (Yates, Hucker & Kingston, 2008). A este respeito, foi Freud que teceu o Sadismo no tecido que é a sexualidade humana normativa e desenvolveu uma complementaridade psicológica entre o Sadismo e o Masoquismo (Leonoff, 1997). Para Freud (1919), a perversão está presente em toda a criança, que desenvolve pulsões sexuais em zonas erógenas distintas dos genitais, sendo portanto esta disposição parte da constituição normal de todas as pessoas. Neste sentido, conceptualiza o Masoquismo como precedente do sadismo, na medida em que decorre de fantasias de espancamento que surgem nas causas acidentais da primeira infância e são inseridas no âmbito dos processos típicos de desenvolvimento, podendo tornar-se numa perversão (quando o complexo edipiano não recalca estas pulsões), que persiste por todo o ciclo de vida e se instala na sexualidade do indivíduo, nas formas ativas (sádico) ou passivas (masoquista). Freud defendia assim que as formas ativa e passiva se encontravam presentes na mesma pessoa, mesmo que uma destas se desenvolva com maior intensidade.

A posição teórica de Melanie Klein foi construída tendo por base a teoria do instinto dual de Freud, das pulsões para a vida e para a morte (Leonoff, 1997) na qual a pulsão de morte (Thanatos) se encontra em oposição à pulsão sexual e de vida (Eros) (Freud, 1920). Esta viu o

Sadismo como emanando da agressão inata associada com a pulsão de morte, pelo que as fantasias inconscientes sádicas, enraizadas no instinto de morte, estariam presentes constitucionalmente desde o nascimento (Klein, 1932). De acordo com a mesma, à medida que o desenvolvimento ocorre, o Sadismo segue o circuito libidinal em acompanhar as zonas erógenas do corpo, fazendo com que o Sadismo seja baseado na necessidade de expelir o instinto de morte de um ego vulnerável (Klein, 1932).

Para Sartre, na sua obra *O Ser e o Nada* (1997), publicada originalmente em 1943, a relação sexual é tida como conflituosa, na medida em que o Eu precisa do Outro para ser confirmado na sua identidade, ao mesmo tempo que também o procura objetificar para não ser ele próprio objetificado, perdendo a sua subjetividade. Este vê o indivíduo como um corpo (Ser-Em-Si) que pode ser facilmente dominado; e uma consciência (Ser-Para-Si) que resiste à dominação. Neste sentido, o sádico aparece como aquele que pretende dominar não apenas o Ser-Em-Si do Outro, querendo apropriar-se também da sua consciência, de modo a aniquilar a subjetividade livre do Outro, ansiando por uma subjetividade única no relacionamento. Isto é, o sadismo é tido como um transcender da sua encarnação para se apropriar da encarnação do Outro, pela violência, sendo na dor que a facticidade invade a consciência, anulando a consciência reflexiva e por isso a subjetividade do Outro.

Por sua vez, Lacan (1963) também se debruçou sobre a perversão e o fenómeno sadomasoquista. Este vê a perversão não como um desvio, mas como parte integrante da estrutura do funcionamento psíquico do indivíduo, sendo que a realização da conduta sexual (na sua imoralidade) constitui a sua vontade de se transformar em objeto de prazer, num desejo inconsciente de se anular no mal absoluto e na alienação de si mesmo. Desta feita, Lacan define o masoquista como alguém que procura no outro as respostas para sua angústia e o sádico como alguém que exige a angústia do outro. Para o autor o Sadismo não é contrário do Masoquismo, pois o perverso sexual pretende procurar o seu prazer sem passar pelo desejo do outro.

Mais tarde, alguns teóricos evidenciaram um papel funcional aos sintomas de perversão sexual (Nahra, 2005). De acordo com esta perspetiva, os impulsos e atos sádicos estabilizariam o indivíduo, apesar dos défices existentes no seu desenvolvimento numa personalidade madura e apropriada socialmente. Nesta abordagem, o trauma inicial surge como preventor da perda da criança da autoimagem de grandiosidade e egocentrismo – de facto, o narcisismo mostrou estar associado tanto ao Sadismo Sexual como à violência sexual extrema (Nahra, 2005).

1.7.2 Cognitivo-comportamentais

Abordando o fenómeno sob o olhar cognitivo-comportamental, Brittain (1970) parece ter sido o primeiro autor a tentar definir os sujeitos dotados de uma sexualidade sádica. Para tal, debruçou-se sobre os homicidas cujos crimes evidenciavam uma motivação sexual subjacente, chegando à conclusão de que o homicida sádico parecia ser um sujeito recatado, narcisista, com sentimentos de inferioridade social e sexual, sentimentos de agressividade profundos e súbitos, com uma vida fantasiada rica e frequentemente violenta, cometendo os seus atos sádicos de modo a atingir sentimentos de poder que normalmente não tem (Brittain, 1970).

Uma década mais tarde, quem também se baseou numa amostra clínica forense para desenhar uma teoria acerca da génese do comportamento sádico foram MacCulloch, Swowden, Wood e Mills (1983). Estes últimos notaram que a maioria dos sujeitos descreveram fantasias sádicas recorrentes ligadas à excitação sexual, começando primariamente durante a adolescência e resultando tipicamente em experimentação comportamental, e que tinham dificuldade em formar relacionamentos sexuais ou sociais, causando sentimentos de inadequação. Desta feita, teorizaram que as fantasias sádicas podem fornecer ao sujeito um sentimento de poder e controlo da qual sente falta nas outras áreas da sua vida. Essas fantasias são então mantidas e reforçadas através de atos masturbatórios, via condicionamento clássico e operante (MacCulloch et al., 1983). Mais tarde alguns autores suplementaram este modelo ao descrever o início de uma fantasia sádica como sendo devido a ligações associativas neutras entre estados de excitação sexual e sentimentos de agressão que surgem devido a experiências traumáticas na infância (MacCulloch, Gray, & Watt, 2000).

Por sua vez, Burgess, Hartman, Ressler, Douglas e McCormack (1986) teorizaram que a resolução mal sucedida de um evento traumático precoce faz com que a criança se retraia para um mundo interior de fantasia, caracterizado por temas dominantes e agressivos, fantasias estas que interagem com características negativas pessoais na criança, dificultando as suas relações sociais e levando a maior isolamento e ao uso da fantasia como substituto social. O estudo levado a cabo por Kirsch, Becker, Fanniff e Martens (2006, cit. por Kirsch & Becker, 2007) veio acrescentar às teorias existentes uma noção interessante: estes verificaram que o abuso sexual por uma mulher é um factor preditivo significativo para o desenvolvimento de Sadismo Sexual numa amostra de predadores sexualmente violentos. Tal sugere que o abuso por uma mulher pode levar à fusão da excitação sexual com a agressão para com as mulheres (Kirsch & Becker, 2007).

É de especial importância salientar que ambas as teorias psicodinâmicas e cognitivo-comportamentais reconhecem a relevância potencial das experiências traumáticas através do

abuso físico, psicológico e emocional na infância para a emergência do Sadismo Sexual (Kirsch & Becker, 2007).

Face ao supramencionado, torna-se evidente que a literatura até aqui mencionada tem tido por base amostras médicas ou psicológicas, que operam ao nível da perspectiva psicanalítica ou forense, com foco na transgressão. Mas e quando as necessidades sexuais são efetuadas sem recurso à agressão sexual?

2. O Sadismo Sexual Consensual

2.1 Conceptualização

Os dados até então discutidos têm tido por base a problematização do Sadismo Sexual enquanto uma perturbação psicológica, que toma a excitação sexual recorrente perante o sofrimento de outrem como sendo acompanhada por constrangimentos significativos para o sujeito. Contudo, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - V (DSM-V) admite uma diferenciação no âmbito da sexualidade desviante em geral, dividindo as categorias Parafilia Simples e a Perturbação Parafilica. Segundo a qual embora a existência de Parafilia seja uma condição necessária à realização de um diagnóstico clínico, por si só não é suficiente nem justifica uma intervenção clínica (APA, 2013).

Segundo Larue, Schmidt, Imhoff, Eggers, Schonbrodt & Banse (2014) não há consenso entre os cientistas em relação à existência ou não de diferenças relativas à preferência por violência sexual agida num contexto consensual e ou de forma não consentida, sendo necessária uma distinção quantitativa entre os dois, com o sadismo consensual sendo uma variante mais suave do sadismo não-consensual. Alguns autores frisam ainda a necessidade de clarificar a diferença qualitativa entre os dois, por defenderem que a investigação até então não justifica designar um trajeto etiológico comum a estas duas formas de violência sexualizada (Fiedler, 2004, cit. por Larue et al., 2014).

No ponto de vista de Marshall (2007), os interesses parafilicos deveriam ser entendidos no geral em termos de um *continuum* desde o normal ao desviante. De acordo com o ICD-10 (WHO, 2007), é promovida uma abordagem dimensional, na qual as formas mais savas de SadoMasoquismo podem ser uma parte do repertório sexual considerado normal (Berner, Berger, & Hill, 2003). Também a versão mais recente da DSM admite esta diferenciação, o que

parece ser um passo em frente em despatologizar os interesses sexuais pouco usuais. O manual explicita que a maioria dos indivíduos que estão ativos em grupos comunitários (que praticam comportamentos Sadistas e Masoquistas) não expressa qualquer insatisfação com o seu interesse sexual, pelo que o seu comportamento não cumprirá os critérios do DSM-V para a perturbação de Sadismo Sexual (nomeadamente o critério B). Neste sentido os sujeitos inscritos neste tipo de sexualidade consensual, não sentindo mal-estar (ex: ansiedade, culpa ou vergonha acerca destes impulsos parafílicos) não sendo prejudicados pelos mesmos na persecução dos seus objetivos, tendo o seu autorrelato, história psiquiátrica e legal indicado que o sujeito não se determina de acordo com os seus impulsos, podem ser referidos como tendo um interesse sexual sadista, não devendo ser diagnosticados com uma Perturbação de Sadismo Sexual (APA, 2013). Este interesse sexual / subcultura sexual apenas atrativa para uma minoria é corroborado por Richsters, Visser, Rissel, Grulich e Smith (2008).

A este respeito, diversos autores (e.g. Langevin, 2003; Wright, 2010) fazem uma observação importante: as implicações de distinguir uma 'Parafilia' e diagnosticar uma 'Desordem Parafílica' são críticas para tirar o foco patologizante das parafilias consensuais, na medida em que por vezes se observa angústia nos indivíduos, bem como limitações na sua vida social e ocupacional (ex: dificuldades interpessoais) quando os seus desejos entram em conflito com as normas sociais atuais. Importa fazer uma distinção nos manuais de diagnóstico entre a angústia imposta pelo estigma social e a angústia gerada internamente, prevenindo diagnósticos mal efetuados, pelo que a autora propõe uma lista na qual explica que aspetos devem ser tidos em conta no diagnóstico da angústia e stresse derivados desta preferência sexual: 1) são obrigatórios, (2) resultam em disfunção sexual, (3) requerem a participação de uma pessoa não consentânea, (4) levam a complicações legais, (5) interferem com as relações sociais (Wright, 2010).

2.2 Marcos fundamentais

Embora atualmente o Sadismo Sexual consensual ainda seja problematizado na ótica da psicopatologia, observa-se na atualidade uma maior preocupação em diferenciar o que verdadeiramente constitui ou não uma perturbação. Teoriza-se que este fenómeno passe pelos pressupostos da sexologia moderna, que continua preocupada com a normatividade sexual onde os genitais e o orgasmo são centralmente importantes, e o comportamento sexual encontra-se comumente alinhado com as condições naturais presumidas (Weeks, 1985); perspectiva esta apoiada por Kleinplatz e Moser (2005) os quais criticam a visão clínica da cultura ocidental,

que considera a sexualidade normativa como monogâmica, orientada á procriação, jovem e com um corpo hábil.

Não obstante, ideia de que uma sexualidade pautada pela violência possa fazer parte da sexualidade dita normativa não é particularmente recente. Apesar da leitura patologizante da época, em 1942 já Ellis chamava a atenção para a necessidade de diferenciar a dor como é comumente percebida da dor com o propósito de obtenção de prazer sexual, pondo de parte as teorias que atribuíam ao sadoMasoquismo um fundo de crueldade e que os sádicos limitavam o seu gosto pela dor a situações sexuais de dominação/submissão, preocupando-se com o prazer do outro (Ernulf & Innala, 1995, cit. por Mota, 2011) pelo que propôs uma nova visão acerca do fenómeno, tendo iniciado um movimento reformista da sexualidade (Nobre, 2006).

Apesar deste facto, apenas com a revolução sexual nos anos 60 é que as posições perante o sexo começaram a modificar-se e o movimento *leather* dos anos 70 reclamou o controlo dos seus espaços e das suas práticas, organizando-se em comunidades com o objetivo de unirem os praticantes, cocriarem uma cultura atualmente designada de BDSM e reivindicarem os seus direitos, nomeadamente o direito a uma cidadania sexual (Mota, 2011).

2.3 O Sadismo sexual e o BDSM

2.3.1 Contextualização

Tendo em conta o supramencionado, verifica-se que os sujeitos que vivenciam esta sexualidade se encontram com frequência inseridos em comunidades BDSM, nas quais têm oportunidade de se relacionar com sujeitos sexualmente masoquistas, e/ou vivenciar interações sexuais consentidas nas quais a sexualidade de ambos os intervenientes é compatível e complementar. Mais especificamente, os grupos BDSM têm servido para reunir indivíduos que participam em atividades consensuais que envolvem experiências de: *Bondage* e Disciplina (B/D) (envolve a restrição física e/ou encenações de dinâmicas de poder, podendo haver alguma punição física, mas enquanto expressão de disciplina sexual psicológica); Dominação e Submissão (D/s) (inclui uma variedade de comportamentos sexuais que envolve troca de poder consensual entre parceiros podendo ou não incluir outro tipo de atividades); e Sadismo e Masoquismo (S/M) (comportamentos e atividades sexuais que incluem experiências sensoriais envolvendo dor ou ameaça de dor física e/ou psicológica) (Weiss, 2011).

De um modo geral, o fenómeno BDSM serve então para descrever interações consensuais nas quais dois ou mais adultos cultivam um desnível de poder, através do recurso

à restrição física, vulnerabilidade emocional, encenações, dor e outras sensações intensas, sendo que destas interações resulta, na maior parte das vezes, satisfação sexual (Sloan, 2015). Em adição, grande parte dos autores definem o BDSM como um conjunto de práticas que produz relacionamentos através de dinâmicas que envolvem prioridades, manipulação e encenação de papéis que delineiam poder e consentimento (Califia, 1994; Weinberg, Williams & Moser, 1984; Weiss, 2011).

Face ao supramencionado, Sloan (2015) descreve estas dinâmicas como sendo regidas por um conjunto de diretrizes que todos os praticantes de BDSM devem ter em conta, inclusivamente os participantes que se identificam como sexualmente sádicos. Em primeiro lugar, é consensual entre a grande maioria dos membros que estas práticas devem ocorrer apenas entre indivíduos sãos, que não se sentem coagidos e consentem as atividades (Califia, 1994). Por outro lado, os praticantes atribuem com frequência um espaço físico e imaginário nos quais estas dinâmicas de poder ocorrem, as quais são designadas de cenas ou sessões (Califia, 1994; Weiss, 2011). Em terceiro lugar, estas sessões normalmente terminam com um período de cuidados posterior, durante os quais a dinâmica de poder é dissolvida e as experiências vividas são discutidas (Weiss, 2011). Em relação a este período posterior, Sagarin, Cutler, Cutler, Lawler-Sagarin e Matuszewich (2009) observaram, ao longo das atividades sexuais, comportamentos de carinho do dominante (papel associado, entre outros, ao sádico) para com o submisso (massagens, atenção dada ao estado físico e psicológico do submisso) e atos de intimidade (contato visual, sussurros) tanto ao longo das sessões como no final das mesmas e durante a fase de cuidados posteriores. Segundo Sloan (2015) estes momentos podem ser vistos como uma oportunidade para aliviar as sensações emocionais intensas vividas, através da troca de carícias, hidratação e análise da sessão.

A primeira regra supramencionada enquadra-se no lema que rege estas comunidades, nas quais todas as atividades praticadas devem obedecer ao princípio “*são, seguro e consensual*” (SSC), sendo comum haver negociações entre a díade sádico e masoquista nos momentos anteriores à sessão, de modo a garantir que os mesmos tomam conhecimento de todas as práticas que irão ser realizadas, de modo a consentirem de forma informada (Damon, 2003).

Não obstante, importa referir que a forma como o desnível de poder é estabelecido, a explicitação do consentimento e a discussão dos cenários ou preparação das atividades variam entre os praticantes de BDSM, sendo que até a própria crença de que o desnível de poder deve ser dissolvido após a sessão não reúne consenso (Califia, 1994; Weiss, 2011).

2.3.2 Considerações clínicas

As limitações que se têm enaltecido no capítulo anterior em relação os estudos realizados contribuíram para que o Sadismo Sexual praticado na ótica do fenómeno BDSM seja entendido como patológico.

Embora fenomenologicamente similares, há uma discrepância clara entre o Sadismo por encenação (consentido) e o Sadismo Sexual Severo relevante do ponto de vista forense (Santtila, Sandnabba, Alison & Nordling, 2002). O primeiro representa um entendimento mútuo entre indivíduos com inclinações sadomasoquistas, um terço dos quais alternam entre as posições de dominante e submisso (Spengler, 1977). O último, por contraste, foca-se na noção de coerção – a vítima é subjugada contra a sua vontade o que é um claro indicador da relevância do Sadismo Sexual Severo para a agressão sexual e violência (Nitschke, Blendl, Ottermann, Osterheider, & Mokros, 2009). Ainda neste âmbito, Denman (2004) faz uma distinção importante entre sexo coercivo e transgressivo, atribuindo a este último comportamentos sexuais que atraem desaprovação ou sanções legais; enquanto descrevendo o sexo coercivo como o envolvimento em atividades nas quais um dos partidos não deu o seu consentimento. O autor defende assim que não há indícios que apoiem a conexão entre o sexo transgressivo e a patologia, pelo que os praticantes de BDSM não deveriam ser alvo de atenção clínica.

Desta feita, tem havido um aumento significativo de trabalhos cujo objetivo é contradizer a corrente de pensamento mais proeminente, explorando as práticas dos indivíduos associados às comunidades BDSM sem lhes aplicar a visão patologizante (Langdridge & Barker, 2007). Decorrente destas investigações, vários profissionais concluíram que os praticantes deste tipo de sexualidade não são mais perigosos dos que não incorrem nestas práticas (Mota, 2011; Richters et al., 2008). Outro estudo realizado neste âmbito foi o de Stoller (1991), que, baseando-se em observações feitas em clubes de BDSM, sugeriu que os praticantes não são nem mais autodestrutivos nem autopunitivos do que os não praticantes, diferenciando os atos consensuais dos não consensuais (Mokros, Osterheider, Hucker & Nitschke, 2011).

Similarmente, diversas investigações desafiaram a visão de que o Sadismo e o Masoquismo apenas podem ser concebidos como uma patologia, pois as medidas de doença mental não diferiram entre os dois grupos (Cross & Matherson, 2006; Sandnabba, Santtila, Alison & Nordling, 2002; Levitt, Moser & Jamison, 1994; Moser & Levitt, 1987; Spengler, 1977). Richters e colaboradores (2008) suportam estas ideias, ao concluírem que, em comparação aos indivíduos que nunca experienciam BDSM, os praticantes não estavam mais propensos a serem coagidos a atividades sexuais no passado (trauma) nem estavam associados

a maiores níveis de angústia psicológica ou dificuldades sexuais. Ainda, muita da investigação realizada indica que o estereótipo dos praticantes de BDSM como indivíduos desviantes e com problemas emocionais, baixa autoestima, ou até mesmo problemas sexuais, não se verifica (Mokros et al., 2011). Como explicitado anteriormente e reiterado por Taylor & Husser (2001), tem-se assumido que a preferência por práticas BDSM resulta provavelmente de um historial de experiências traumáticas sexuais, ou numa vinculação insegura. Wismeijer e van Assen (2013) concluem em contrário, pelo que verificaram uma vinculação mais segura por parte dos Dominantes em relação ao grupo de controlo, isto é, os dados destes investigadores não suportaram as associações persistentes de que as práticas realizadas no contexto BDSM se encontram relacionadas com processos de vinculação inadequados ao longo do desenvolvimento (quer devido a um histórico de violência sexual ou por outros motivos).

Outro estudo que merece menção é o de Beckmann (2001), baseado na observação participante e entrevistas de sujeitos que incorrem nestas práticas, que concluiu que as práticas Sadomasoquistas consensuais revelavam-se satisfatórias sexual e emocionalmente, sendo vistas pelos intervenientes como uma forma alternativa à sexualidade genital normal, mais segura e repleta de novidades e que permitia explorar diferentes dimensões da vivência corporal podendo transformar essa vivência. Sagarin e colaboradores, em 2009, também corroboraram estas conclusões, tendo ainda denotado um aumento na proximidade relacional da parilha Dominante/submisso, quando as sessões eram percecionadas como tendo corrido bem.

2.4 O perfil psicológico dos praticantes de BDSM

Wismeijer e van Assen (2013) reportaram que os praticantes de BDSM mostravam ter um perfil psicológico caracterizado por um conjunto de traços de personalidade equilibrados, autónomos, e benéficos – o que explica outra conclusão importante destes autores, e que foi corroborado por muitos outros (Richters & Rissel, 2005; Richters et al., 2008; Conolly, 2006): o bem-estar subjetivo é maior em participantes BDSM do que no grupo de controlo. Esta associação positiva entre os praticantes de BDSM e o bem-estar subjetivo, como referida por Wismeijer & Assen (2013) pode dever-se ao facto de experienciarem uma necessidade de consentimento relativa às práticas BDSM, impondo assim aos praticantes uma preocupação em discutir mais abertamente os seus desejos e necessidades. Neste sentido, os praticantes de BDSM são caracterizados pela força e autonomia psicológica e interpessoais superiores, contradizendo o que se pensava serem processos psicológicos desadaptativos e até a existência de psicopatologia.

Ainda neste domínio, a investigação realizada por Connolly, em 2006, com praticantes BDSM concluiu que as características de personalidade não diferiam da população geral ao nível da Ansiedade, Depressão ou Desordem Obsessivo-Compulsiva, nem Perturbação de Pós Stresse Traumático, Sadismo ou Masoquismo psicológicos e desordens da personalidade, mas sim traços de personalidade histriónicos e narcisistas, com destaque para os dominantes / sádicos, tendo os dominantes maior autoestima. Estas descobertas vão contra o pressuposto de que os praticantes de BDSM sofrem de patologia, na medida em que todos os valores obtidos para os diferentes traços psicológicos se encontravam dentro dos valores normativos para a população geral (Connolly, 2006).

Mais direcionados para o Sadismo Sexual, Cross e Matheson (2006) concluíram que os praticantes de SadoMasoquismo não eram mais infelizes ou neuróticos do que quem nunca participou em BDSM, defendendo ainda que estes sujeitos devem ser considerados ‘gourmet sexualmente’, ou como indivíduos aventureiros. Esta noção é complementada por Weaver (2014) que verificou que os dominantes eram mais extrovertidos e assertivos em relação aos pares submissos.

Segundo Weaver (2014), é possível que os praticantes de BDSM se identifiquem com mais do que um dos componentes associados a estas práticas: para alguns, o BDSM é apenas uma forma de expressão sexual ocasional, enquanto outros podem percecioná-lo como uma identidade sexual, orientação ou ainda estilo de vida (Kolmes, Stock, & Moser, 2006).

Importa sublinhar que, nas investigações relativas ao funcionamento psicológico destes sujeitos, o subgrupo de indivíduos sexualmente sádicos é inserido num conjunto que engloba todos os praticantes BDSM, não sendo portanto exclusivos o suficiente. Com o intuito de restringir a colmatar de algum modo esta lacuna e estudar as diferenças na personalidade dos sujeitos que pertencem especificamente à díade S/M, Weaver, em 2014 conduziu um estudo no qual concluiu que os Dominantes (grupo dentro do qual se incluem os sádicos) têm um maior desejo de controlo, assertividade, extroversão e autoestima, bem como satisfação de vida, em relação aos submissos (grupo que abrange os masoquistas). Por outro lado, entre os dois grupos, não foram observadas diferenças no que respeita à abertura a novas experiências (contradizendo as conclusões de Wismeijer e van Assen em 2013), empatia, altruísmo, honestidade / humildade, e a concordância (tendo-se verificado que ambos têm igual propensão para chegar a um compromisso relativo às práticas). Ainda, a mesma autora observou uma grande preocupação por parte do Dominante em atender às necessidades da parceira, e que os mesmos

eram menos emocionais que os submissos, por defenderem a necessidade de manter a cabeça ‘assente na terra’ ao longo das práticas.

2.5 O papel das práticas sádicas e da dinâmica BDSM

Alison, Santtila, Sandnabba, and Nordling, em 2001, notaram que os estudos existentes sobre o SadoMasoquismo nunca se debruçaram sobre a preferência por determinados sujeitos em participar atividades do domínio da administração ou receção da dor, ou em práticas do domínio da humilhação, sendo que estas podem traduzir um simbolismo psicológico distinto. Os mesmos elaboram esta diferenciação como uma necessidade de conceptualizar o SadoMasoquismo como um fenómeno distinto, na medida em que concluíram que a administração ou receção de dor pode ter significados distintos, conforme o contexto e intensidade das sensações.

Neste sentido, Alison e colaboradores (2001) derivaram empiricamente quatro grupos de atividades realizados por sádicos e masoquistas que traduzem estas variações, tipificados através de quatro temas sexuais: hipermasculinidade (exemplo: *rimming*², utilização de vibradores, etc.); administração de dor (espancar, dar com a cana, etc.); humilhação (exemplo: flagelação, humilhação verbal, bocanhas, etc.) e restrição física (e.g., amarras, algemas, correntes, etc.). As variantes mais extremas destas práticas como marcar a pele ou electrocução encontram-se localizadas na zona da hipermasculinidade, enquanto variantes mais leves como o *spanking*³ ou *caning*⁴ se encontram na zona da humilhação (Alison et al, 2001).

Desta tipificação resultou que os quatro temas sexuais eram qualitativamente diferentes, e que as variadas facetas do BDSM adquirem significados diferentes para homens e mulheres, isto é, a dor pode, em alguns indivíduos, ter um propósito mais literal (no reino das práticas hipermasculinas) do que simbólica (práticas humilhantes) (Alison et al., 2001). Lee (1979), Kamel (1983, cit. por Weinberg, 1987) e Weinberg, Williams & Moser (1984), verificaram que na comunidade ‘*leather*’⁵ homossexual, a ênfase em atividades hipermasculinas e a intensidade das marcas ou hematomas era percecionado como um sinal de amor e/ou entrega (Weinberg et al., 1984). Em contraste, práticas associadas com ‘*caning*’ e ‘*spanking*’ eram indicativas da

² Vulgo para *anilingus*

³ Espancamento

⁴ Ato de bater com a cana.

⁵ A subcultura *leather* (couro) denota práticas e estilos de vestir organizados ao redor de atividades sexuais

faceta de humilhação, tendo a sua prática o propósito de constituir uma ilusão de violência (Weinberg & Kamel, 1983, cit. por Weinberg, 1987).

Verificou-se ainda que tanto o sádico como o masoquista percecionavam um benefício adicional no âmbito das práticas de BDSM: o prazer sentido derivava do prazer fornecido ao parceiro (Hébert & Weaver, manuscrito em preparação, cit. por Weaver, 2014). Ainda, importa referir que enquanto os dominantes estão em controlo situacional, muitos praticantes consideram esta noção ilusória, na medida em que percecionam os submissos como tendo tanto controlo como eles (Easton & Hardy, 2001; Weaver, 2014). Isto pode ser surpreendente, tendo em conta a noção de que os dominantes são definidos por um forte desejo de controlo, enquanto os submissos definidos pelo desejo em ceder o controlo, o que põe em perspetiva a crença de que estas dinâmicas surgiam de níveis anormais de desejo de controlo (Weaver, 2014).

Wright (2006) sublinha que embora indivíduos abusivos possam ser encontrados em todos os grupos ou comunidades, a dinâmica S/M não é por natureza abusiva, sendo que os limites, o nível de estimulação desejada são sempre discutidos, e a comunicação estende-se desde os momentos anteriores à sessão até aos momentos posteriores, havendo a preocupação em realizar práticas da forma mais segura possível.

Curiosamente, segundo Weaver (2014) as práticas BDSM nem sempre envolvem contato sexual, e as sessões raramente compõem a totalidade das atividades sexuais do sujeito, aspetos estes que podem ter implicações nas conclusões obtidas quanto ao papel funcional destas práticas.

No que respeita à componente de lazer, não é pouco comum os praticantes de BDSM se reunirem em ambientes festivos. Moser (1998) descreveu estas festas como semelhantes a festas comuns, as quais dão lugar à socialização, verificando como única diferença existente a menor ingestão de álcool e outras drogas, bem como a presença de vestes que traduzem uma cena ou role-play específico, e os participantes se encontrarem num ambiente não estigmatizante. Segundo Kleinplatz e Moser (2014) isto é indicativo da existência de padrões, regras e ordem subjacentes à participação nestes eventos.

No decorrente do supramencionado, Sandnabba e colaboradores (2002) referem que é pouco provável que apenas uma teoria seja suficiente para explicar a participação no BDSM, da medida em que este fenómeno abrange um conjunto muito vasto de comportamentos, sendo os participantes mais ou menos flexíveis nas suas atividades. Richters e colaboradores (2008) tal como muitos outros autores, tomaram os participantes BDSM como um todo, não fazendo diferenciação entre papéis como Dominador / Submisso, Sádico / Masoquista ou se os participantes se percecionavam sequer como associados a estas definições, pelo que os próprios

autores sublinham a necessidade de se realizarem estudos com amostras intencionais de participantes, de modo a melhor explorar as suas vivências no âmbito da sua sexualidade. Taylor e Ussher (2001) sublinham igualmente que quase sem exceção, os investigadores e clínicos ignoraram as experiências individuais dos que praticam o Sadismo e o Masoquismo, observação esta reiterada por Cowan, em 2012. Neste sentido torna-se necessário desenvolver investigações que se foquem na experiência individual do sujeito praticante de BDSM, ou neste caso específico, o sujeito sexualmente sádico.

III. MÉTODO

1. Objetivos do estudo

Face à escassez de conhecimento científico acerca do tema produzido no nosso país, este estudo, de carácter exploratório, tem como objetivo principal a compreensão e descrição da experiência subjetiva dos sujeitos que se percecionam como sexualmente sádicos, isto é, entender o fenómeno do Sadismo Sexual através do olhar dos próprios portadores deste tipo de sexualidade. Em termos mais específicos, pretende-se examinar num enfoque fenomenológico a experiência desta sexualidade vivenciada pelos indivíduos sádicos aos quais se pode ter fácil acesso, o que neste contexto equivale aos sujeitos inseridos numa comunidade BDSM. De importância será referir que apenas se pretende estudar a vivência de sujeitos cujo modo de satisfação sexual preferencial derive de comportamentos sádicos e não os indivíduos que apenas se envolvem nestas práticas esporadicamente. Não obstante e apesar da distinção supramencionada, não é nosso objetivo tomar uma posição teórica relativa ao paradigma patologizante que envolve o fenómeno, tendo-se escolhido os indivíduos inseridos na comunidade BDSM por questão de conveniência.

Face ao supramencionado, não é o propósito desta investigação trabalhar aspetos quantificáveis e mensuráveis estatisticamente, mas antes compreender uma realidade particular idiossincrática e contribuir para uma visão mais abrangente da vivência destes sujeitos, optamos pelo plano metodológico que descrevemos a seguir.

2. A metodologia fenomenológica

A escolha da metodologia qualitativa deu-se pelo facto de, de acordo com Holanda (2002) a mesma alcançar objetivos tornados impossíveis pela metodologia quantitativa (de interlocução com o ser humano, de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, reconstrução de uma ideia mais abrangente do que é empírico e construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais). A utilização deste enfoque investigativo permite a busca de subjetividade, que se apresenta como um conjunto de processos que mudam de acordo com o contexto do sujeito (Gonzalez Rey, 2002). Outra característica fundamental da pesquisa qualitativa recai no facto de a mesma buscar uma compreensão particular daquilo que estuda, estando o seu foco de atenção dirigido para o específico e individual, aspirando à compreensão dos fenómenos estudados (Martins & Bicudo, 2005).

O método fenomenológico toma por objeto a investigação do sentido da experiência humana, experiência esta que inclui a vivência de processos mentais e que se encontra ligada a uma dimensão física (Giorgi & Sousa, 2010). O mundo vivido propicia assim ao investigador ir além do conteúdo meramente intelectual e alcançar o conteúdo afetivo-emocional, que é específico para uma determinada pessoa ou grupo (Andrade & Holanda, 2010). Segundo Giorgi e Sousa (2010) os aspetos cruciais desta abordagem assentam em primeiro lugar na compreensão do fenómeno da consciência, e em segundo, na totalidade da experiência vivida de uma determinada pessoa, sendo o papel da consciência assumido como a principal fonte de construção de significado, em relação aos objetos ou fenómenos que se apresentam intuitivamente.

A Psicologia Fenomenológica é uma disciplina autónoma de base descritiva, que se debruça sobre o desenvolvimento da análise de significados psicológicos das experiências de sujeitos, utilizando um conjunto de passos metodológicos pré-determinados consistentes com a Fenomenologia e a Psicologia (Giorgi & Sousa, 2010). De um modo geral, a investigação fenomenológica psicológica propõe-se a clarificar situações vividas pelas pessoas na vida quotidiana, pelo que os psicólogos fenomenológicos descritivos preocupam-se em descrever o fenómeno tal como se mostra ao invés de o explicar (Langdrige, 2007).

Um dos principais princípios subjacentes a este objeto de estudo é o de *intencionalidade* (desenvolvido por Edmund Husserl) que é utilizado para designar que a consciência é sempre

consciência de qualquer coisa, independentemente do tipo de ato que a consciência estabelece (Giorgi & Sousa, 2010). Esta está direcionada para um determinado objeto em análise, que por sua vez também é sempre um *objeto-para-um-sujeito* (Dartigues, 1992, cit. por Oliveira, Maria, & Cunha, 2006). Neste sentido, o objeto de estudo da Psicologia Fenomenológica é a vivência intencional, sentido da experiência humana (Giorgi & Sousa, 2010).

O método fenomenológico propõe uma descrição exaustiva do fenômeno da experiência cotidiana, com o intuito de chegar à compreensão das suas estruturas essenciais (Langdridge, 2007), a qual passa por três passos basilares de redução fenomenológica: *epoché* / redução fenomenológica, redução eidética e redução transcendental (Giorgi & Sousa, 2010). A primeira consiste em suspender a crença da visão naturalista, omitindo a dimensão fática e empírica da realidade natural para se concentrar no que é dado à consciência, tal como lhe é presente (Giorgi & Sousa, 2010; Dartigues, 1992, cit. por Oliveira et al., 2006). A análise eidética permite, através da variação livre imaginativa (isto é, identificar as características fundamentais do fenômeno, sem as quais este deixa de ser reconhecido) aceder à estrutura invariante (essência) do objeto de estudo e a redução transcendental consiste numa redução parcial aplicada ao objeto, mas não aos atos de consciência a ele associados. (Giorgi & Sousa, 2010).

Finalmente, é de importância referir duas particularidades do método: é descritivo e remete para uma intersubjetividade. Segundo Triviños (2002), tanto o sujeito como o fenômeno estudado estão inseridos no mundo em geral, com outros sujeitos que também percebem e vivenciam os fenômenos, estabelecendo-se assim, a esfera da intersubjetividade. A experiência do vivido pode apenas ser alcançada pelo próprio sujeito de forma imediata, pois o sentido é particular para quem o vive e está ligado à forma da pessoa existir no mundo (Forghieri, 1993). Desta forma, é necessário que o mundo-da-vida seja percebido e descrito em vez de ser interpretado ou julgado. Não obstante, deste modo, a fenomenologia tem por objetivo alcançar conhecimentos generalizáveis e passíveis de passarem pela crítica entre pares, pelo que se trata de um método dotado de intersubjetividade (Giorgi & Sousa, 2010).

2.1.1 O método de Giorgi

O método de Amadeo Giorgi (1985) é um dos mais conhecidos e utilizados no campo da psicologia fenomenológica, sendo um método que parte das descrições por escrito de participantes e cujo objetivo é a obtenção de unidades de significado (essências) contidas nas descrições e reveladoras da estrutura do fenómeno (Queiroz, 2007). De acordo com Giorgi e Sousa (2010) este método é composto pelos seguintes passos:

- a) Leitura geral da descrição – pode ser uma entrevista transcrita – para obter um *sentido geral do todo* (através de muitas leituras atentas, utilizando a técnica da redução fenomenológica, privando-se de localizar as partes essenciais, dos preconceitos e teorias, captando o sentido geral para realizar a relação entre o todo e as partes, que por sua vez constituirá a base para o passo seguinte);
- b) Fazer nova leitura do texto, desta vez visando à *discriminação das unidades de significado*, dentro da perspectiva (neste caso) psicológica, de modo a facilitar a análise, sendo que o critério principal para a divisão surge em função do objeto de pesquisa. Estas unidades não existem nas descrições em si, estando apenas correlacionadas com as opções de divisão do investigador, sendo que nesta fase metodológica a redução não contempla a verdade ou não da vivência, pelo que é fundamental suspender qualquer juízo ou interpretação, aceitando o que surge à consciência dos sujeitos como sendo fenómeno;
- c) Uma vez delineadas as unidades de sentido (que ainda se encontram na linguagem natural), analisar todas as unidades de sentido e expressar o que elas contêm de forma mais direta, transformando-as em expressões de carácter psicológico, através da análise fenomenológica e eidética (com a ajuda da redução e variação imaginativa, é retirado o que é contingente para se descrever na sua essência os significados psicológicos implícitos construídos pelos sujeitos nas suas descrições, sem aplicar nenhuma teoria sobre o conteúdo);
- d) Sintetizar todas as unidades de sentido transformadas numa declaração consistente em relação à experiência do sujeito. Esta declaração vai se chamar a "estrutura da experiência" (a fenomenologia deve descrever os sentidos invariantes retirados das unidades de significado e da sua relação com a parte e o todo, sendo que esta estrutura surge no momento em que são agrupados os constituintes mais importantes.) Aqui importa referir que nem todas as unidades de significado têm igual valor, pelo que o importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre si para que o significado psicológico total possa sobressair.

Segundo frisam Andrade & Holanda (2010), o modelo de Giorgi expressa muito bem as possibilidades que o método fenomenológico tem de acesso ao mundo vivenciado, sendo a fenomenologia um método de investigação adequado à psicologia, que toma o sujeito no seu contexto de vivência e o homem como protagonista.

2. Participantes

Tendo em conta que o método de Giorgi (1985) recomenda que a amostragem ideal seja uma com o máximo de variação possível, procurou-se tomar por sujeitos deste estudo indivíduos que, embora tenham passado pela mesma experiência (práticas sexuais habitualmente designadas como sádicas) tivessem características demográficas o mais distintas possível. Esta variabilidade permitirá (na fase analítica) ver quais os aspetos das experiências que são invariantes nas percepções (a essência) e os que variam (aspetos idiossincráticos).

Era do nosso conhecimento que esta população não seria de fácil acesso, na medida em que os seus interesses sexuais não são abertamente identificáveis. Neste sentido, e tendo em conta que não raras as vezes decorre destes interesses uma percepção de estigmatização, procurou-se aceder a estes participantes por um meio neutro e securizante, pelo que se decidiu apontar o estudo a sujeitos aos quais se pudesse comunicar através da internet. Desta feita e para facilitar este processo de seleção, a recolha de dados foi conduzida por meio de redes sociais *BDSM online* portuguesas, através das quais se selecionou os sujeitos que se identificavam como sexualmente sádicos.

Neste sentido, a amostra foi constituída por quatro participantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 38 e os 57 anos. Os critérios de seleção dos participantes nessa amostra baseiam-se em primeiro lugar na aceitação e disponibilidade dos participantes para realizar uma entrevista na qual descrevessem as suas vivências enquanto praticantes deste tipo de sexualidade. Como critérios de inclusão postulou-se que os indivíduos teriam de se perceberem como sexualmente sádicos e que uma grande parte da sua satisfação sexual (senão toda) derivasse necessariamente de práticas sádicas. Este primeiro critério foi estabelecido porque se pretende estudar o fenómeno tal como é dado à consciência pelo sujeito, pelo que incluir participantes que incorrem em práticas sádicas mas que não têm a noção das pistas sexuais específicas que subjazem as suas preferências sexuais, não é objetivo deste estudo.

Os critérios de exclusão foram os seguintes: sujeitos que não se percecionavam como sexualmente sádicos, sujeitos cujas práticas apenas contribuíam para a excitação do sujeito esporadicamente e sujeitos que apenas experienciaram impulsos ou realizaram práticas sádicas já na idade adulta, como alternativa às atividades sexuais comuns. Os interessados deveriam ter mais de 18 anos de idade, não importando sua orientação sexual e estado civil.

Segue-se assim uma tabela com dados caracterizadores de cada um dos participantes, cuja facultaç o foi autorizada pelos mesmos, por via de um consentimento informado (ver anexo A).

Tabela 1

Dados de caracteriza o dos participantes

Participante	Idade	Profissão	Cidade
P1	38 anos	Economista	Porto
P2	42 anos	Informático	Lisboa
P3	57 anos	Gestor	Lisboa
P4	57 anos	-	Lisboa

3. Instrumentos

Seto e colaboradores, em 2012, defendem que a forma mais simples de avaliar as preferências sexuais   perguntar diretamente. Não obstante, os indivíduos que têm preferência pelos atos sexualmente sádicos podem (compreensivelmente) estar relutantes a divulgar tal preferência. Neste sentido, a estratégia escolhida para recolher os dados pretendidos consistiu numa entrevista semiestruturada (ver anexo B), gravada por voz, encorajando assim uma reflexão ativa sobre o tema em estudo. A escolha das questões a incluir na entrevista objetivava permitir o relato das experiências vividas no âmbito desta sexualidade, sem lhes atribuir uma conota o patologizante ou estigmatizante. Esta foi construída com base na revisão de literatura efetuada, tendo sido incorporadas questões que, por um lado adere assem os critérios de

diagnóstico para o Sadismo Sexual na DSM-V (de modo a excluir os praticantes de BDSM cujas práticas sádicas tivessem pouca expressão na sua sexualidade) e questões que permitissem o levantamento das experiências vividas neste âmbito.

Deste modo, numa primeira fase foi estabelecido contato com os participantes através de redes sociais BDSM, a sujeitos cujo perfil indicasse o gosto por práticas sexualmente sádicas. Perante a disponibilidade dos mesmos em participar, as entrevistas foram realizadas presencialmente ou via telefónica, tendo o produto sido transcrito para um documento Word. O tratamento dos dados recolhidos foi efetuado a partir do método fenomenológico de Giorgi.

4. Procedimentos

Para aceder aos participantes, procedeu-se a uma pesquisa *online* com o intuito de encontrar *websites* dirigidos aos praticantes de atividades sádicas, e que utilizam a Internet como um meio para a troca e obtenção de informações e contatos com pessoas que partilham das mesmas fantasias sexuais. Tendo compilado uma lista de sujeitos cujos perfis indicassem o gosto por práticas consideradas sexualmente sádicas, procedeu-se a um primeiro contacto com os utilizadores, individualmente, tendo-lhes sido explicado o carácter exploratório do estudo, o qual seria basicamente conduzido por entrevista, na qual a identidade real dos participantes seria preservada.

Neste sentido, posteriormente à explicação dos objetivos do estudo e aceitação da realização da entrevista por parte dos participantes, o entrevistador agradeceu a disponibilidade e a voluntariedade dos mesmos, para de seguida serem trocados detalhes sobre a entrevista a realizar. Foi-lhes solicitado que em primeiro lugar preenchessem o Consentimento Informado, no qual todos os detalhes em relação ao estudo e ao tratamento dos dados, bem como as questões relativas à confidencialidade, estavam explicitadas. Após a obtenção dos dados de investigação iniciais, e decorrente das unidades de significado retiradas no primeiro momento, algumas questões adicionais foram colocadas aos participantes, via *chat online*, de modo a melhor entender as suas vivências.

Finda a recolha dos dados, foram transcritas as entrevistas e o protocolo foi analisado através do método fenomenológico de Amedeo Giorgi (ver anexos C a F).

IV. RESULTADOS

A elaboração da informação obtida por meio de entrevista a cada um dos sujeitos permitiu identificar uma Estrutura Geral dos Significados Psicológicos, transversal a todos os participantes e que transmite as aspetos que de forma essencial compõem a sua experiência, a nível psicológico, independentemente das especificidades e idiosincrasias. Esta compõe-se de constituintes essenciais e subconstituintes e traduz os significados invariantes contidos nestas descrições bem como a forma como interagem.

1. Análise da Estrutura Geral da experiência da sexualidade sádica consensual

A experiência da sexualidade sádica deu-se nestes participantes a partir da interação de fatores individuais e relacionais / contextuais. A nível individual, a **tomada de consciência** da sexualidade sádica nestes participantes deu-se na altura da puberdade, período no qual associaram os impulsos sexualmente sádicos que se manifestaram por via de fantasias tematizadas pela dominação e/ou sofrimento, ao prazer sexual e ao orgasmo. A descoberta dos participantes acompanhou-se da **desejo de exploração** do fenómeno com o passar do tempo, com o propósito de obter mais informação sobre o que estavam a experienciar ou continuar a exporem-se a impulsos desta natureza e obter prazer sexual, motivados por cenários reais ou imaginados que envolvessem dor física ou humilhação impostas. Por este facto, todos os participantes têm a **perceção de que possuem uma sexualidade sádica**, atribuindo no entanto diferentes significados às práticas realizadas neste contexto e diferentes pesos ao papel desta sexualidade na sua sexualidade em geral. Embora as reações iniciais à tomada de consciência fossem distintas, atualmente os **impulsos são vivenciados com naturalidade**, sendo que os entrevistados descrevem uma **inexistência de constrangimentos** sentidos decorrente da sua sexualidade. O bem-estar proporcionado por estas experiências providenciou aos participantes um sentimento de **realização sexual**, tendo ainda despoletado nos mesmos a construção de um conjunto de **valores pessoais relativos a estas práticas**, segundo os quais orientam a vivência da sua sexualidade.

A nível relacional / contextual, para os participantes, a realização de práticas sádicas no ato sexual teve **início com parceiras ‘baunilha’**, com o **consentimento** destas e tendo em conta os **limites** que impunham, com as quais experimentaram práticas que atualmente percebem como sendo pouco significativas, encontrando-se no presente em **relacionamentos afetivos significativos com parceiras compatíveis sexualmente**, nos quais esta sexualidade é

manifestada e vivenciada por ambos. Não obstante, os participantes percebem o **consentimento** das parceiras como fundamental à expressão da sua sexualidade no relacionamento, **respeitando os limites** impostos pelas mesmas durante as práticas, sendo ambos os limites e as práticas sujeitos a **discussão e negociação**. A realização destas práticas tem é vivenciada com o intuito de se estabelecer uma **dinâmica de poder** implícita entre os participantes (que adotam um papel dominante na relação sexual e controlam todas as variáveis durante o ato), e as parceiras (que cedem o controle e se submetem aos desejos dos companheiros), sendo esta dinâmica reforçada com **recurso a instrumentos**. Ao adotarem o papel dominante na relação sexual, os participantes experienciam uma **autoatribuição de responsabilidade** para com o bem-estar da parceira, tendo os mesmos desenvolvido hábitos que permitem assegurar estes cuidados de forma constante. Decorrente destas vivências os entrevistados mencionam ainda um **envolvimento com a comunidade BDSM**, passado e/ou presente, por através dela terem acesso a outras pessoas com interesses sexuais semelhantes e compatíveis. Este envolvimento é **percebido como oportuno** à troca de ideias ou experiências, permitindo assim uma evolução pessoal e sexual.

Tabela 2

Síntese dos Constituintes Essenciais da experiência da sexualidade sádica

Síntese dos Constituintes Essenciais e sub-constituintes da Experiência
- Tomada de consciência
- Desejo de estimulação
- Percepção da sua sexualidade sádica
- Impulsos vivenciados com naturalidade
- Inexistência de constrangimentos
- Realização sexual
- Formação de valores pessoais
- Relacionamentos afetivos significativos com parceiras compatíveis, nos quais esta sexualidade é manifestada
- Iniciação com parceiras ‘baunilha’
- Preocupações
- Respeito dos limites impostos
- Consentimento e realização sexual da parceira como essencial às práticas
- Discussão e negociação

- Dinâmica de poder
 - Autoatribuição de responsabilidade
 - Recurso a instrumentos
- Envolvimento com a comunidade BDSM, real e virtual
- Comunidade percebida como um meio de oportunidades

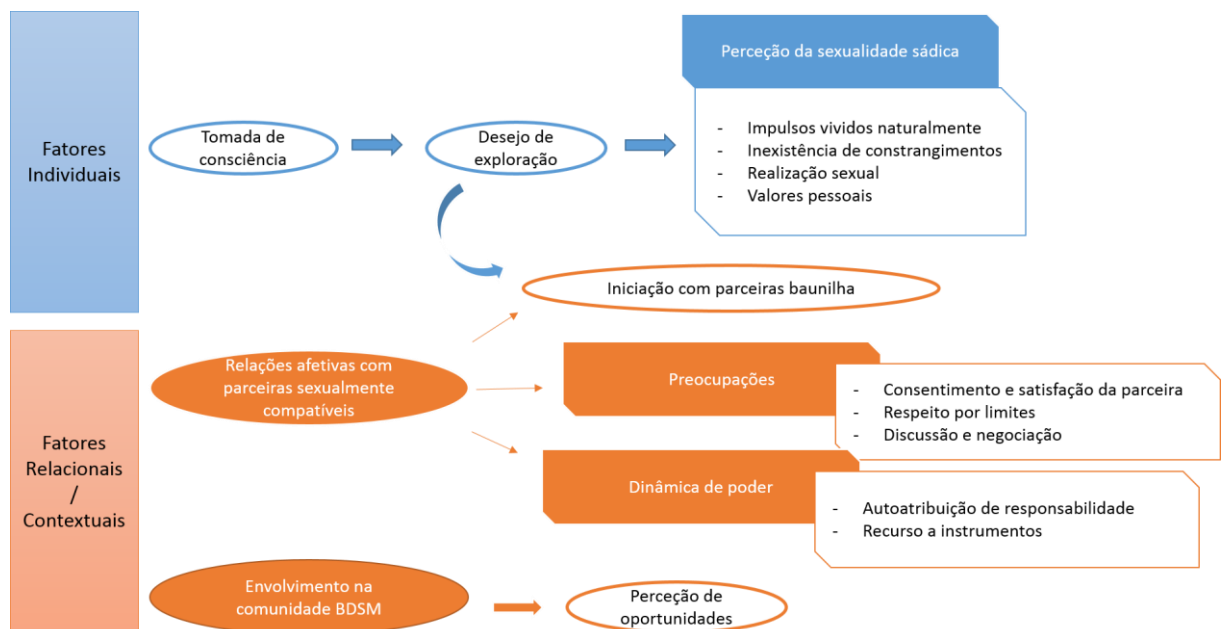


Figura 1: Estrutura final da experiência

2. O Sadismo Sexual Consensual

Embora os constituintes esquematizados anteriormente sejam comuns a todas as experiências analisadas, foi observado que os mesmos se manifestaram de forma distinta na vivência dos vários participantes. Deste modo, segue-se a sistematização das variações empíricas que compuseram os constituintes essenciais da estrutura da experiência.

2.1 Fatores individuais

Tabela 3 - Tomada de consciência

Variações Empíricas	
P1	“Basicamente quando comecei a ter essas sensações, nas primeiras vezes, quando comecei... quando entrei na, acho que se chama puberdade, é isso, quando começamos a fazer as nossas primeiras experiências, as primeiras masturbações, etc. Quando começam as ereções e a relacionar isso com o toque, prazer, foi logo a partir dessa altura. Como era novo, pareceu-me normal.”
P2	“E comecei a imaginar coisas sobre o assunto... Cenários em que uma pessoa ficava presa e sob o domínio de outras, a imaginação era muita, e os cenários eram muito grandes, essencialmente, resumindo, seria uma pessoa que estava por alguma razão, por algum motivo presa, e sob o domínio da outra pessoa e essa outra pessoa podia fazer o que quisesse sobre ela (...) Eu comecei a experimentar coisas em mim próprio e continuei a fazê-lo sozinho, até aos 26, 27 anos”.
P3	“Como? Eu sou um bocado precoce, costumo dizer porque, o que é que eu fiz? Os meus quinze anos, fiz uma festa em casa de um amigo meu (...).E acabei embrulhado, fiz a minha primeira ménage a trois. Embrulhado na casa de banho, numa banheira, a fazer uma sessão com elas duas. Fazer sessões de coisas de cacaracá, imobilizar com o cinto... palmadas, o cinto no rabo, ficaram as duas marcadas, e eram pitas como eu (...).E foi assim que começou, o que eu sei é que eu comecei a pensar nisso, no assunto”.
P4	“Entretanto também fui lendo algumas coisas (...). E tudo isso contribuiu um bocadinho para me inteirar que sentia algum prazer nisso. (...) Exatamente através da leitura de Sade, que aquilo excitava-me sexualmente... Nas alturas em que me masturbava também”.

Todos os participantes descreveram um momento na pré-adolescência ou adolescência, na qual tomaram a consciência de que estímulos indicativos de dor, humilhação ou restrição, provocavam sensações de prazer, tendo a sua atuação sobre os mesmos culminado em orgasmos, reforçando desta forma a fantasia subjacente, cimentando-a. Não obstante, a forma como tais interesses sexuais surgiram à consciência dos sujeitos foi bem diferente. Para P1, as sensações prazerosas decorrentes destes estímulos começaram na infância perante materiais

audiovisuais. Não obstante, este apenas associou estes estímulos à obtenção de gratificação sexual na adolescência, ao empreender atos masturbatórios com base em fantasias tematizadas pela violência.

P2 teve uma experiência semelhante, sendo que também se apercebeu de que usufruía de sensações de prazer perante materiais audiovisuais na infância. Estas sensações despoletaram em P2 fantasias complexas, nas quais a experiência de controlo e domínio sobre outra pessoa eram os temas dominantes. P2 procurou assim transpor estes cenários para o plano real, tendo iniciado a execução de práticas consigo próprio, a partir das quais obtinha gratificação sexual, por via da masturbação.

Para P3 a tomada de consciência tomou outro significado, sendo que, segundo descreve, os estímulos para a restrição e provocação de dor surgiram espontaneamente no âmbito da sua primeira relação sexual e nunca antes, tendo estas práticas culminado em gratificação sexual, despoletando mais tarde o seu interesse em repetir estas práticas. P4 tomou consciência destes interesses à semelhança de P1 e P2, embora lhes tivesse atribuído um significado muito distinto. Para P4, a gratificação sexual decorrente de fantasias tematizadas pelo sofrimento e humilhação teve um impacto negativo na sua autoimagem, despoletando sentimentos de culpabilidade e vergonha, que o fizeram percecionar-se como uma aberração. Aqui se verifica que embora as normas sociais estivessem presentes na consciência de P4, tendo influenciando o seu autoconceito, a influência das mesmas não foi significativa o suficiente para impedir a atuação sobre os seus impulsos, através dos toques autoeróticos.

Tabela 4 – Desejo de Exploração

Variações Empíricas	
P1	“Agora procurei mais material mas mais do mesmo. Ou seja, ok isto para mim sabe bem, então vamos lá ver o que é que há mais aí disto, mais do mesmo, ou seja, mais livros, mais filmes, isto é uma coisa.”
P2	“11. Por volta dos 24, 25, descobri que havia uma coisa chamada BDSM, encontrei um livro numa livraria, e então aí comecei à procura e foi mais ou menos nessa altura que surgiu a internet em Portugal, e nessa altura comecei à procura de outras pessoas iguais a mim.”
P3	“E foi engraçado porque pelo menos com uma delas ainda fiz mais meia dúzia de sessões... Porque houve ali um olhar, e na troca de olhar é que se vê o interesse de ir para a frente ou andar para trás ou parar aí, e as condições estavam reunidas para avançar e avançou um pouco mais para ali, mas lembro que ainda fiz mais algumas sessões com uma por exemplo, tanto quanto me lembro.”

P4	“Entretanto também fui lendo algumas coisas, tive acesso porque havia uma livraria na cidade onde eu morava que tinha alguns livros do Marquês de Sade, expostos, e aquilo era uma livraria onde as pessoas podiam ler livremente os livros que estavam expostos.”.
----	---

Este constituinte essencial é talvez o que tem mais variação, na medida em que, embora todos os sujeitos tivessem manifestado o desejo de exploração do fenómeno que estavam a vivenciar aquando da tomada de consciência, este desejo manifestou-se de formas distintas. Para P1, este desejo significou um aumento da exposição a estímulos sexualmente sádicos, os quais ativaram sexualmente P1 e permitiram um reforço das fantasias com temas sádicos. Para P2 estas fantasias despoletaram o desejo de conhecimento de si próprio e exploração da sua sexualidade, o que o levou a procurar conhecimento acerca das sensações que experienciava, tendo-o levado à descoberta da existência de comunidades compostas por pessoas cujos interesses sexuais eram semelhantes.

Para P3, este desejo de exploração manifestou-se num plano mais físico e relacional, no qual procurou prolongar as experiências que lhe proporcionavam sensações prazerosas, permitindo de igual forma o reforço das fantasias subjacentes. Por fim, a tomada de consciência do seu interesse por estímulos sádicos, combinada pelos sentimentos negativos a eles associados, despertou em P4 o desejo de procurar mais informação sobre este tipo de sexualidade, tendo encontrado descrições de sujeitos cujos impulsos eram mais extremos e reprováveis socialmente, o que provavelmente contribuiu para um alívio do mal-estar psicológico sentido.

Tabela 5 – Perceção da Sexualidade Sádica

Variações Empíricas	
P1	“Se eu me considero um sádico? Só no ponto de vista sexual. Porque me excita sexualmente dor. (...)Portanto, 95% é dor física mesmo. A componente psicológica para mim tem pouco peso. ”
P2	“T tecnicamente sou sádico, porque tenho, não tanto prazer no sofrimento da outra pessoa... eu tenho prazer no poder. Não propriamente no sofrimento da outra pessoa. (...)dá-me prazer entre aspas obrigar a pessoa a fazer coisas que ela normalmente não faria.”.
P3	“Numas horas sim, noutras horas não, numas práticas sim, noutras práticas não. Se somar tudo, sim, às vezes. (...) mas... sim, sou, pronto, ok. Porque me dá prazer... não é a dor em si que me provoca prazer (...) eu a mim, dá-me prazer digamos que cerebral, isto é, digamos que isto é um meio, não é um fim (...) É mais o deixar marcas, ver o que é meu, impor as marcas também que me agradam ver quando se vai embora e que está sozinha e olha pra ela.”

P4	“É assim, porque o facto de causar algum tipo de Sadismo me excita. E aqui quando falo de ‘me excita’ estou a falar, ou aliás, quando falo de Sadismo estou a falar não só de questões de dor mas também de situações em que a pessoa se sente indefesa. Ou ligeiramente assustada em relação a alguma coisa que possa existir, pronto. Posso chamar de Sadismo psicológico, se calhar até é, mas de facto a própria ideia de que a pessoa pode estar em situação que vá sentir dor, ou mesmo que não a sinta, provoca excitação.”.
----	---

O desejo de exploração destes impulsos teve nos participantes impacto no seu autoconceito, na medida em que todos eles incorporaram estas fantasias na sua sexualidade e se percebem como sexualmente sádicos, por obterem satisfação sexual decorrente das práticas que atuam sobre as fantasias sádicas, por via da imposição de dor, humilhação ou poder sobre o outro. Não obstante, esta gratificação sexual ocorre decorrente de estímulos distintos. P1 percebe-se como sexualmente sádico por experienciar excitação sexual a partir de estímulos de dor sentida em outrem, sendo que a componente psicológica que envolve humilhação toma pouco relevo. Para P2, os estímulos sensoriais de dor são igualmente descartados, sendo que a componente essencial ao seu prazer provém do exercício de poder sobre outro, que se manifesta sob a forma de humilhação. P3 obtém gratificação sexual a partir de marcas impostas nas parceiras, as quais são indicativas da dinâmica de poder ocorrente no momento em que as marcas foram produzidas, obtendo daí um prazer que tanto se manifesta física como psicologicamente, ao originarem a autopercepção de grandiosidade. Para P4, a excitação sexual também é decorrente da dinâmica de poder estabelecida com outrem, que se manifesta na vulnerabilidade percebida do outro.

Este aspeto da experiência dos participantes é composto por diversos subconstituintes, na medida em que os impulsos sádicos foram vividos com naturalidade, inserindo-se no repertório sexual dos mesmos sem impor qualquer tipo de constrangimentos, levando ao sentimento de realização pessoal e criação de valores pessoais respeitantes a esta sexualidade.

Embora as reações iniciais à percepção destas fantasias fosse diferente, todos os participantes referiram vivenciar esta sexualidade de forma natural e espontânea, sem lhe terem atribuído grande significado. Como P1 descobriu estes impulsos quando ainda era criança, não tendo na altura um ponto de referência no que concerne ao que a sexualidade normativa deveria corresponder, vivenciou as suas fantasias como parte da sua vida sexual normal, não tendo as mesmas sido geradoras de curiosidade ou angústia. P2 refere igualmente uma atitude autocentrada, ao ter experienciado os impulsos como naturais sem nunca ter a preocupação de

entender se os mesmos fariam parte do que é normativo sexualmente ou não. P3 vivencia da mesma forma estes impulsos como um fenómeno natural e integrante do seu funcionamento físico e psicológico, nunca tendo dos mesmos decorrido sentimentos de inadequação. Por fim, embora P4 tenha referido sentimentos de vergonha inicialmente decorrente das mesmas, a sua atitude atual perante estas práticas sugere uma integração destes impulsos na sua identidade sexual, vivendo-os com espontaneidade.

Esta experiência dos impulsos como um fenómeno natural decorre em parte da percepção da inexistência de constrangimentos associados às especificidades da sexualidade dos entrevistados. P1 refere nunca ter experienciado constrangimentos associados à sua sexualidade, mostrando uma abertura na divulgação da sua sexualidade à sociedade em geral. Embora profissionalmente estas preferências não fossem divulgadas, as consequências advindas da mesma são percecionadas como pouco significativas. A desconsideração da opinião dos outros como significativa ao seu bem-estar permitiu a P2 vivenciar este fenómeno sem a percepção de constrangimentos, tendo a percepção da sua mãe em relação a estas práticas sido pouco significativa para o seu autoconceito. Para P3, a vivência deste fenómeno também é percecionada pelo mesmo como isenta de quaisquer consequências negativas, levando a que não se sinta forçado a mascarar as suas preferências. P4 adota uma atitude mais ponderada, ao avaliar os contextos nos quais pode divulgar ou não os seus interesses sexuais, sendo esta avaliação percecionada como responsável pela falta de consequências negativas sentidas.

Todos os participantes percecionam as práticas sexualmente sádicas como essenciais ao seu bem-estar físico e psicológico, delas resultando a sua realização sexual, sob pena de experienciarem frustração sexual quando esta vertente da sua sexualidade é reprimida.

Por fim, ao longo da narrativa dos participantes foi possível apurar a existência de um conjunto de valores pessoais segundo os quais pautam as suas práticas e vivenciam a sua sexualidade. P1 expressa ter abdicado de um evento social ao qual queria ir por este ser incompatível com um sistema de valores, no qual a exposição do corpo da parceira por períodos de tempo longos é vista de forma negativa. Para P2, valores como honestidade e entrega pessoal mútua parecem conferir uma dinâmica específica nas suas práticas, sendo estes valores considerados fundamentais à sua vivência. P3 imprime nas suas práticas os valores pessoais que foi desenvolvendo ao longo do seu percurso de vida, influenciados pelas normas sociais a que foi sujeito e ainda aquelas impostas pela comunidade BDSM, segundo a qual as práticas

devem ser realizadas no âmbito dos valores SSC (são, seguro e consensual). P4 pauta as suas práticas segundo este mesmo de conjunto de valores, no qual expressa uma preocupação com as consequências psicológicas das práticas para a parceira (sanidade), físicas (segurança) e se as práticas são em todos os momentos aceites pela parceira.

2.2 Fatores relacionais / contextuais

Tabela 6 – Iniciação com parceiras baunilha

Variações Empíricas	
P1	“Quando iniciei a minha vida sexual, pequenas brincadeiras que fazia com as namoradas, ou com as companheiras da altura, nada de muito forte, nada de violento, umas palmadas aqui, um amarrar acolá, um puxar de cabelos, mais algumas palmadas, se calhar, um roleplay, o jogar de papéis, o faz-de-conta.”
P2	“eu tive duas namoradas ditas baunilhas, não correu bem. Uma eu ainda não sabia muito bem o que era BDSM, ou o que é que era e o que é que acontecia, nós não nos demos muito bem e acabou por rebentar. A outra pessoa (...)foi na altura mais ou menos em que eu comecei a dar os primeiros passos na comunidade BDSM internacional e descobri que havia mais gente. Comecei a procurar e a pesquisar o que é que as outras pessoas faziam e um dia disse-lhe, mostrei-lhe umas fotografias e quinze dias depois recebi um sms a dizer que não conseguia lidar com isso e adeus...”.
P3	“só que depois eu reparei que cada vez que eu estava ou com elas ou com outra pessoa havia sempre a propensão para fazer as coisas fora do normal e as coisas fora do normal era imobilização, o tal estalinho que era bem dado, que elas riam-se... mas depois faziam o que o homem queria, era a tal dominação..”
P4	“Eu tive uma parceira sexual em que a determinada altura do campeonato me pediu de facto para lhe bater. Pronto, e isso foi o suficiente para abrir uma porta, não é? (...) O que aconteceu foi ir, em conjunto com parceiras que tinha... a nível sexual, explorando ligeiramente este tipo de coisas..”.

O testemunho de todos os participantes indica uma passagem da fantasia e experiências autoeróticas para a realização de práticas consentidas com uma parceira ‘baunilha’, ou cujos interesses sexuais se inserem na sexualidade convencional. Para P1, tal instância coincidiu com o início da sua vida sexual, experimentando diversos tipos de práticas com as diferentes parceiras que foi tendo, como dar palmadas, amarrar, puxar os cabelos ou jogos de faz-de-conta, os quais percecionou como pouco significativos. P2 designa momentos da sua vida em que vivenciou relacionamentos nos quais houve uma tentativa de iniciação das práticas com

parceiras ‘baunilhas’, o que originou atritos e levou à rutura dos mesmos, que foram percebidos como insatisfatórios. P3 iniciou as práticas sádicas no período de adolescência, ao iniciar a sua primeira atividade sexual consentida com duas parceiras da mesma faixa etária, recorrendo a práticas como imobilizar com o cinto, dar palmadas no rabo e bater com o cinto, tendo destas práticas resultado marcas no corpo das parceiras. Estas marcas constituíram assim um acontecimento que parece ter estado na base da satisfação sexual obtida decorrente de marcas infligidas, por ter sido reforçado através do prazer sexual. Para P4, a sugestão da sua parceira constituiu um marco importante, ao fazê-lo tomar a consciência de que haveriam mais mulheres que pudessem disfrutar deste tipo de práticas, significando assim o fim da necessidade de manter as suas preferências um segredo e uma transição destas práticas para os seus relacionamentos sexuais e afetivos. Provavelmente, este momento permitiu também diminuir os sentimentos de ambivalência sentidos por P4, ao colocar em causa a sua crença de que seria doente.

Tabela 7– Relações afetivas com parceiras compatíveis

Variações Empíricas	
P1	“Eu estou atualmente casado, conheci a minha mulher na comunidade BDSM, entretanto pronto, começou o relacionamento, e depois relacionámo-nos durante bastante tempo... o relacionamento evoluiu também para uma componente romântica, achámos que era interessante termos uma vida em conjunto, casámos..”
P2	“Eu tenho de encontrar alguém que seja compatível com as minhas vontades e com as minhas necessidades (...) Eu encontro-me num relacionamento em que dentro das realidades da sociedade e do dia-a-dia nós fazemos o que podemos e vivemos muito bem. E somos muito compatíveis um com o outro.”
P3	“Eu casei com uma sub, eu sou casado duas vezes. A primeira não tinha nada a ver. A segunda, ela dizia-se dominadora, virou minha sub, e vivi 10 anos com ela. E portanto neste momento tenho mais uma sub (...) mas neste momento tenho uma subeca, e pronto, com quem pratico BDSM mas também vou ao cinema, também vou jantar, faço compras de supermercado, converso do cão, do gato, do tempo.”
P4	“Sim, tenho. Eu tenho uma relação com uma submissa há quatro anos, e claro que isto faz parte da nossa relação, não é? Pronto, é mesmo a relação baseada não somente nos jogos de Sadismo mas toda a componente BDSM que vai um bocadinho mais além do sadismo, mas do qual o Sadismo faz parte”.

Esta iniciação das práticas com parceira constituiu um marco importante na vida dos participantes, abrindo a porta à integração destas práticas num relacionamento afetivo, essencial

à realização sexual dos sujeitos. Para P1 as práticas sexualmente sádicas encontram-se inserida na sua vivência afetiva, partilhando uma relação matrimonial com uma parceira compatível com as suas preferências sexuais, a qual conheceu na comunidade BDSM e iniciado um relacionamento que começou por ser baseado na compatibilidade sexual e evoluiu para um relacionamento amoroso. P2 refere encontrar-se neste momento num relacionamento, o qual descreve como sendo compatível com as suas necessidades e as da parceira, bem como satisfatório e adequado às circunstâncias atuais, no qual as práticas são executadas conforme possível. P3 enquadra igualmente o seu Sadismo Sexual na sua vida afetiva, referindo no entanto envolvimento afetivos com companheiras compatíveis e incompatíveis com as suas preferências sexuais. Por fim P4 menciona ter um relacionamento afetivo do qual as práticas sádicas e de BDSM (nas quais o Sadismo se enquadra) fazem parte.

Tabela 8 – Preocupações

Variações Empíricas	
P1	“procurei desde logo por isso em prática e fui pondo na medida do que era possível, porque lá está, sem a tal consensualidade, não acontece nada (...) É importante sublinhar... a consensualidade. Só me dá gosto provocar dor numa outra pessoa porque a outra pessoa concorda.”
P2	“(…) impor algo que a outra pessoa não quer ou não deseja, havendo consentimento como é evidente. Mas, havendo esse consentimento, dessa troca de poder, eu tenho prazer em exercê-lo (...)”.
P3	“Não é preciso a pessoa (pode ser uma sub normal ou que nós chamamos baunilha, com definição de baunilha) portanto tem de haver um consentimento,”
P4	“E o consensual, que é, pode-se traduzir até numa expressão muito simples, que é, “dois não fazem o que um não quer”. É preciso que as pessoas estejam de acordo, é preciso que haja consenso em relação a fazer as coisas, se não, mais vale estar quieto.”.

Ao longo das suas narrativas, e quer nas descrições relativas ao início das práticas com parceiras baunilha, quer relativas aos relacionamentos com parceiras sexualmente compatíveis (submissas), os entrevistados referem diversos aspetos que parecem ser fonte de preocupação para os sujeitos ao longo das suas experiências, nomeadamente no que respeita ao consentimento e satisfação da parceira, os limites por ela impostos, os quais passam também pela discussão e negociação das práticas a realizar. O primeiro subconstituente consiste na preocupação com o consentimento, na medida em que todos os participantes consideram fundamental a preocupação em que as atividades sejam consentidas pela parceira, implícita ou explicitamente, que se manifesta sob a forma de acordo mútuo. Neste sentido, na ausência de

cedência por parte da parceira, os participantes percebem-se como incapazes de realizar práticas sexualmente sádicas.

Embora a realização de práticas sexualmente sádicas ocorra com vista à obtenção de gratificação dos participantes, a satisfação das suas parceiras, quer emocional quer sexual, são percebidas como uma preocupação constante aquando das práticas, sendo por isso o segundo subconstituente. P1 percebe o prazer da parceira em experienciar dor como sendo importante para a sua própria excitação sexual no âmbito das práticas sexualmente sádicas, embora o mesmo não seja considerado fundamental. Para P2, a estimulação sexual da parceira toma pouco relevo na obtenção de gratificação sexual da sua parte. Não obstante, P2 refere a realização emocional que a parceira deriva como uma preocupação, tendo em conta as mesmas no âmbito da realização das práticas. P3 por seu lado percebe a vivência como a troca de prazer entre dois seres humanos, expressando preocupação em recorrer a práticas que proporcionem prazer tanto a si como à parceira. Para P4, apesar da dinâmica de poder tomar um papel central enquanto motivador das práticas, o prazer da submissa contribui para a sua gratificação sexual, pelo que é percebido como fulcral.

O respeito pelos limites impostos pela parceira também aparecem como um subconstituente desta experiência. Todos os participantes descreveram como parte integral da sua experiência uma preocupação em respeitar os limites das parceiras, quer percebidos, quer impostos pelas mesmas. P1 contempla as práticas sádicas que realiza como sendo limitadas apenas no que respeita à sua intensidade, sendo o mesmo toma a responsabilidade de regular a intensidade das práticas de modo a não ultrapassar os limites da parceiras. De modo a assegurar esta regulação, P1 implementa como regra uma palavra de segurança, a ser pronunciada pelas mesmas quando as práticas ultrapassam o limite do que estão dispostas a experienciar.

P2 enquadra as práticas sexualmente sádicas no relacionamento atual com a parceira, no qual a habituação e proximidade provenientes de um relacionamento longo permite que (embora admita a existência de limites baseados nos gostos sexuais de cada um) estas práticas e limites sejam percebidos e vivenciados de forma natural e espontânea, sendo por isso transpostos conforme os desejos de ambos. P2 deixa implícito que este processo de transposição de limites por vezes é discutido ou verbalizado antes, e por vezes não. P3 percebe como essencial o consentimento da outra parte, bem como o estabelecimento de limites e regras em relação às práticas que são vivenciadas por este e pela companheira. P3 refere respeitar os limites e gostos da outra parte, ajustando as práticas realizadas à pessoa com quem interage.

Já P4 considera ser necessária uma monitorização atenta das reações da parceira submissa, e ajustar a intensidade das práticas, de modo a garantir o bem-estar da mesma sem necessitar de esperar ouvir a palavra de segurança como indicador de que um limite foi ultrapassado, que percebe como um método falível, na medida em que nem sempre a submissa se sente motivada ou capaz de utilizar a palavra de segurança.

Para os entrevistados, estas preocupações são problematizadas no âmbito das relações sexuais dos mesmos, sendo expressas sob a forma de discussão ou negociação das práticas com a parceira. Este subconstituente encontra-se igualmente bastante presente ao longo das narrativas dos participantes, sendo que para P1, a realização das práticas sádicas pressupõe uma discussão e compromisso com a submissa, sendo as mesmas praticadas de acordo com uma dinâmica previamente estabelecida, a qual é relativamente constante. P2 afirma que, embora os rituais e protocolos não façam parte da sua dinâmica sexual com a parceira, pauta as suas práticas de acordo com uma regra na qual a parceira obedece às suas ordens, sendo que permite à sua submissa a possibilidade de opinar e argumentar acerca das suas ordens. Apesar desta abertura para discussão das práticas a serem efetuadas, a vontade de P2 é percebida como decisiva. Por sua vez, P3 percebe alguns dos limites estabelecidos pela submissa como maleáveis, podendo ser expandidos com o tempo, experiência e discussão dos mesmos, pelo que defende o estabelecimento de limites iniciais que eventualmente são expandidos por sua iniciativa ou a pedido da própria, sugerindo uma discussão das práticas a serem realizadas. Já para P4, a discussão das práticas ocorre no fim da relação sexual, pois manifesta a preocupação em comunicar com a parceira, trocando impressões sobre a experiência vivenciada, de modo a analisar as práticas realizadas e o seu efeito sobre o prazer e bem-estar da submissa.

Tabela 9 – Dinâmica de Poder

Variações Empíricas	
P1	“E também instrumentos para restringir movimento: cordas, correntes, algemas (...)E depois gosto de preparar, calmamente, amarrar, prender a mão, prender o braço, escolher o chicote, escolher o instrumento, pôr a pessoa em posição, mudar a pessoa de posição (...)há uma postura, há uma personalidade que está subjacente e que não se manifesta só nas práticas. Manifesta-se regularmente, obviamente com muito mais atenuantes e isso é muito mais atenuado mas manifesta-se. Portanto esta dinâmica que existe eu costumo chamar de ‘o voto de qualidade’ ou seja a última palavra é a minha.”
P2	“dessa troca de poder, eu tenho prazer em exercê-lo e é ao exercer dá-me gozo, dá-me prazer entre aspas obrigar a pessoa a fazer coisas que ela normalmente não faria (...)vejamos, uma pessoa que

	seja muito orgulhosa, muito senhora do seu nariz, eu provavelmente colocá-la-ia a servir-me à mesa, a ir-me buscar tudo o que eu quisesse.”
P3	“As práticas: eu posso estar a falar contigo e a querer dominar, posso querer levar para um determinado caminho e não levar para outro... e conseguir fazer isso e conseguir fazê-lo assiduamente e não apenas uma vez mas digamos, também não é com um plano delineado mas nas pequenas coisas e tentando movê-las para o lado que eu quero, é isso (...)há subs que me pediam a mim: “epah, posso (geralmente tratam-se por senhor...) não se importa que o senhor então faça umas cordas comigo?”.
P4	“Acima de tudo deriva de uma coisa que é o prazer de dominar, exercer controlo, de exercer domínio sobre a outra pessoa, do controlo que usufruo ao estar com outra pessoa.”.

Do relato dos participantes é possível inferir que a manifestação da sua sexualidade ocorre por via de práticas que tenham como propósito assegurar uma dinâmica de poder, na qual os mesmos detêm o controlo da parceira e de toda a situação, podendo este desnível ser mais ou menos flexível. Embora a dinâmica de poder vivenciada no momento das práticas sádicas não se estenda à dinâmica relacional entre P1 e a parceira, o mesmo revela um certo desnível de poder na relação afetiva com a parceira, que é percecionado como menos evidente e acentuado, o qual P1 atribui à sua personalidade dominante. Para P2, o consentimento para que exerça poder sobre outrem permite que este obrigue a parceira a tomar ações que normalmente se recusaria a fazer, retirando desta cedência de poder principalmente excitação sexual. Para P3, esta troca de poder advém da dominação psicológica, que consiste em levar a parceira a pensar e agir da forma como pretende, de forma assídua. Esta dominação é percecionada como proporcionadora de condições necessárias para se desenvolverem para o plano físico. Para P4, esta dinâmica de poder também pontua as suas práticas, sendo percecionada pelo próprio como essencial à sua gratificação sexual.

Esta dinâmica de poder estabelecida entre os participantes e as suas parceiras parece resultar na autoatribuição por parte destes participantes da responsabilidade pela manutenção do bem-estar e satisfação da mesma, acarretando este subconstituente da experiência um conjunto de cuidados que os mesmos cumprem rigorosamente. P1 refere sentir a preocupação de providenciar alguma atenção ao bem-estar da parceira na fase posterior às práticas efetuadas, tendo por objetivo assegurar que todas as suas necessidades são suprimidas. Este cuidado passa igualmente, por tratá-la de forma especialmente carinhosa e delicada, para restaurar a dinâmica existente anterior às práticas nas quais a companheira foi submetida a mal-estar físico e

psicológico, tendo o mesmo evidenciado que esta preocupação se intensifica quando a parceira lhe parece mais vulnerável.

P3 também se percebe como responsável pela monitorização do estado de saúde da submissa durante as atividades sádicas. Esta responsabilidade manifestou-se ao fazer um levantamento prévio da condição médica da parceira, por forma a garantir a sua execução de forma segura e evitar consequências prejudiciais inesperadas. P3 expressa ainda ter tido a preocupação de estudar o corpo humano de modo a garantir a segurança das suas práticas e evitar infligir dor ou restringir em locais que possam ser prejudiciais à saúde da parceira. Neste sentido, P3 sentiu necessidade de aprender a infligir dor de maneira eficaz e segura, manifestando ainda a preocupação em aconselhar os iniciantes às práticas BDSM a atenderem a estes cuidados.

Embora as práticas de P4 sejam percebidas por este como ausentes de regras ou rituais, P4 refere reger as mesmas de acordo com os princípios da sanidade, segurança e consensualidade, percebendo-se igualmente como responsável por assegurar estes princípios. No âmbito destas regras, P4 tem a preocupação de efetuar as práticas de modo a não pôr em causa a integridade física e psicológica da parceira, tendo o cuidado de higienizar os instrumentos, monitorizar as consequências da utilização dos mesmos na pele da parceira, e por fim, garantir que a mesma consente a todas as práticas realizadas.

Outro subconstituente é o recurso a instrumentos, que aparece na experiência dos entrevistados como facilitador das práticas, na medida em que auxilia os sujeitos a construir a dinâmica de poder que toma papel central nesta experiência. Para P1, tendo em conta que a sua satisfação sexual deriva maioritariamente da infligência de dor a outrem, a utilização dos instrumentos serve para provocar dor de forma mais eficaz e com menos constrangimentos para este, agindo assim como facilitador ao estabelecimento da dinâmica de poder na qual a dor é a componente central. Para P2, a utilização de instrumentos é condicionada pelo seu estilo de vida e por isso toma um papel menos presente. No entanto, P2 refere a utilização ocasional de instrumentos, expressando a sua importância ao manifestar o seu desejo em adquirir mais equipamento. Para P3, o instrumento fundamental à sua prática é a dominação psicológica, pelo que a utilização de objetos no âmbito das suas práticas como uma extensão da dominação psicológica ao plano físico. Neste sentido, socorre-se de objetos com vista à maximização da dor e das marcas infligidas sobre a parceira, e minimização da dor sentida pelo próprio. Para P4, os instrumentos servem o propósito de serem ferramentas que auxiliam o alcance do

domínio da parceira, sem os quais provavelmente P4 teria mais dificuldade em controlar a mesma.

Tabela 10 – Envolvimento na comunidade BDSM

Variações Empíricas	
P1	“Sim, encontro-me envolvido com a comunidade BDSM em Portugal, tanto na parte virtual, eu sou o administrador do fórum BDSM Portugal, e na parte do real também tenho o meu perfil na rede, no facebook de BDSM, que é o Fetlife, e isso é um perfil normal de utilizador, em termos de fórum sou administrador. E na parte real convivo nos convívios que são organizados e organizo algumas festas e outras vezes apareço noutras festas que outros membros organizam.”
P2	“Hoje em dia nada... Eu já estive muito envolvido na comunidade BDSM portuguesa e alguma coisa na estrangeira. Virtualmente e realmente, em físico.”
P3	“Eu não sou muito agarrado ao Fet... não ando lá a postar, se for lá ver eu posto uma vez, três por ano, não quero exagerar (...) Vamos pelo princípio, eu pertenço à comunidade desde o Mirk. Só com o Mirk é que as pessoas começaram a teclar, e tal, e a fazer bondage, BDSM em Portugal, etc. Depois, a comunidade que era virtual, é evidente, nós fizemos umas saídas aos bares, umas jantaradas, e umas festinhas mais privadas. Que era assim que começou o BDSM...”
P4	“Bem, eu, o meu primeiro contato com a internet foi em 2003. De facto, a comunidade portuguesa que existia e da qual, muito pomposamente me orgulho fazer parte, já existia, e existia ao nível do IRC que era o canal que era um bocadinho como o meio de comunicação na altura, e via alguns grupos como o canal bondage em que as pessoas conviviam, falavam, trocavam ideias... a nível internacional, pronto também havia e continua a haver uma série de grupos de debate, sites de encontros (...)Se há uma comunidade real? Há! Se faço parte dela: também. Eu tenho o meu grupo de amigos, se é que isso se pode chamar de uma comunidade, com os quais costumo conviver, às vezes eles vêm aqui para casa, outras vezes vou eu a casa deles, sobretudo a casa deles porque tenho uma amiga que tem uma masmorra e então vamos para lá, juntamo-nos na área que acaba por ser mais interessante até.”

A experiência de todos os participantes foi pautada pelo envolvimento com comunidades de BDSM, virtual e presencial, mantendo-se na mesma atualmente, com exceção de P2, que refere ter-se retirado da mesma por não percecioner vantagens em permanecer na mesma, experienciando igualmente condicionantes da vida diária que diminuem a sua disponibilidade para nela participar.

Tabela 11 – Perceção de oportunidades

Variações Empíricas

P1	“Sim, quer dizer, influenciou no sentido em que a partir do momento em que se trocam ideias com outras pessoas e descobrem-se práticas novas e descobrem-se coisas que nunca tinha feito mas que, ah, se calhar é interessante fazer, por exemplo a questão de agulhas, de utilizar agulhas, é um evento que me ocorre. Sim, quer dizer, influenciou no sentido em que eu acrescentei mais algumas coisas que quis experimentar. Algumas gostei, outras nem por isso, mas trouxe mais variedade, trouxe mais possibilidades, algumas foi interessante, outras experimentei e não tinha muita piada, e isso obviamente que contribuiu para o meu enriquecimento, sim, sem dúvida.”
P2	“Satisfação da minha curiosidade e da minha necessidade de BDSM e de ter este género de relações.”
P3	“porque eu gosto de me dar com boas pessoas. Pessoas que funcionam, que sejam inteligentes, também que sejam cultas, que tenham qualquer coisa para me dar a mim que eu também gosto de aprender, portanto eu gosto disso”.
P4	“E as pessoas vão ali, algumas estão ali e já se conhecem cá de fora, outras vão ali e trata-se de um princípio, para vir a conhecer outras pessoas... um exemplo real onde as pessoas se encontravam que era a noite de copos, uma noite normal, muito banal, num bar qualquer, sobretudo na margem sul, onde as pessoas se encontravam e conversavam, e divertiam-se e bebiam um copo e acima de tudo trocavam conhecimento umas com as outras. Se há uma comunidade real? Há! Se faço parte dela: também. Eu tenho o meu grupo de amigos, se é que isso se pode chamar de uma comunidade, com os quais costumo conviver, às vezes eles vêm aqui para casa, outras vezes vou eu a casa deles, sobretudo a casa deles porque tenho uma amiga que tem uma masmorra e então vamos para lá, juntamo-nos na área que acaba por ser mais interessante até.”.

Na experiência de todos os participantes, a descoberta do fenómeno BDSM e das comunidades nacionais e internacionais deu-se posteriormente à iniciação das práticas sexualmente sádicas, tendo sido percecionada como um meio de oportunidades. Este subconstituente é percecionado no entanto por alguns participantes como tendo diferentes níveis de impacto na sua vivência. P1 perceciona a comunidade como constituindo um mundo real no qual os interesses sexuais se convergem em práticas e interações organizadas, na qual a troca de ideias e descoberta de novas práticas efetuadas por outros sujeitos permitiu experimentar novas formas de obter satisfação sexual, como a utilização de agulhas. Tal constituiu para P1 um enriquecimento pessoal e sexual, no qual pôde decidir o tipo de práticas que melhor o satisfaziam. P2 atribui o seu envolvimento na comunidade BDSM como o meio que utilizou para satisfazer a curiosidade relativa ao BDSM, tendo desta advindo uma maior compreensão da sua sexualidade.

P3 manifesta a preferência em relacionar-se com pessoas que percebe como boas, isto é: funcionais, inteligentes, cultas e que permitam a troca de experiências e aprendizagem, enquadrando os relacionamentos na comunidade como propícios a oportunidades de aprendizagem. Para P, para além de um meio de troca de informações, este agrupamento é percebido como um meio onde possa formar relações, amorosas e de amizade, tendo constituído um grupo de amizades sólidas no meio.

V. DISCUSSÃO

Era objetivo desta investigação a compreensão e descrição da experiência subjetiva dos sujeitos que se percebem como sexualmente sádicos, isto é, entender o fenómeno do Sadismo Sexual, tomando por amostra sujeitos que, por uma questão de facilidade de acesso, estivessem inseridos numa comunidade BDSM.

Importa inicialmente referir que se verificou a existência de uma diversidade e multiplicidade de experiências, pautadas por percursos de vida, crenças e práticas distintas. Não obstante, a análise dos dados obtidos possibilitou constatar a existência de uma estrutura na qual determinados componentes eram transversais à experiência de todos os participantes. Se se considerar a perspectiva de Harvey, Wenzel e Sprecher (2004), a sexualidade pode ser vista como um produto de variáveis, entre outras, individuais e relacionais (e contextuais) pelo que os componentes obtidos da experiência foram agrupados em dimensões de acordo com a sua natureza individual ou relacional / contextual.

No que respeita aos factores individuais, a tomada de consciência da sexualidade sádica nestes participantes deu-se na altura da puberdade, período no qual associaram os impulsos sexualmente sádicos que se manifestaram por via de fantasias, ao prazer sexual e ao orgasmo. Em conformidade com as conclusões de Mercier (n.d.), a tomada de consciência inicial para o Sadismo Sexual foi expressa nos sujeitos na fase da adolescência, na qual as fantasias carregadas de afeto constituíram a fantasia primária, pelo que se hipotetiza que os impulsos sexualmente sádicos dos participantes possam ter sido condensados através destas. Em adição, verificaram-se variações de clima emocional inerentes a estas fantasias, tal como preconizado por Allgeier e Allgeier (1989), tendo sido associado puramente a sensações de prazer e excitação, pelos participantes 1, 2 e 3, ou de ansiedade e angústia, associado a esta ativação sexual, como se verificou no participante 4. Esta ativação sexual associada a fantasias sádicas nas etapas iniciais do desenvolvimento e que se prolongou até ao presente vem a corroborar os

postulados da DSM-V, que categoriza a existência de parafilia como sensivelmente constante ao longo do percurso de vida dos indivíduos.

Verificou-se ainda que esta fase de descoberta nos participantes acompanhou-se da procura de exploração adicional com o passar do tempo, com o propósito de obter mais informação sobre o que estavam a experienciar ou continuar a exporem-se a impulsos desta natureza e obter prazer sexual, motivados por cenários reais ou imaginados que envolvessem dor física ou humilhação impostas. Este desejo corrobora em parte a teoria de MacCulloch e colaboradores (1983) acerca da génese do comportamento sádico, de que as fantasias sádicas recorrentes ligadas à excitação sexual começam primariamente durante a adolescência e resultando tipicamente em experimentação comportamental. Não obstante, a dificuldade em formar relacionamentos sexuais ou sociais, causando sentimentos de inadequação não se verifica nos participantes estudados. Tal facto parece dever-se à discrepância existente entre a amostra de MacCulloch e colaboradores e a nossa, na medida em que os mesmos tomaram por amostra sujeitos que na prossecução dos seus desejos recorreram à agressão sexual, sendo por isto sujeitos com alguma propensão para comportamentos antissociais, geradores de dificuldades interpessoais. Estas dificuldades não parecem portanto estar presentes na amostra deste estudo, pelo facto de os participantes exprimirem a sua sexualidade no âmbito de práticas consentidas, supondo-se assim que não experienciam a necessidade de recorrer a práticas antissociais para a obtenção de gratificação sexual, e desta forma, experienciar tais défices relacionais.

Por este facto, todos os participantes têm a perceção de que a sua sexualidade tem uma componente sádica, sendo esta autoperceção sexual decorrente da informação que os sujeitos colheram sobre si mesmo, através de observações e deduções realizadas face ao seu comportamento, aos quais atribuíram significados sexuais (Menezes, 1990). Este constituinte vai de encontro aos postulados de Kolmes, Stock e Moser (2006) de que alguns praticantes de BDSM podem percecionar o fenómeno como uma identidade sexual, orientação ou ainda estilo de vida. Põe-se assim a hipótese de que esta autoperceção da sexualidade sádica possa constituir um componente essencial à construção do autoconceito destes participantes, que vai servir de base às suas interações sociais (Lima & Sim-Sim, 2004).

Tendo em conta o supramencionado e o facto de esta autoatribuição não ter sido geradora de mal-estar físico ou psicológico para os participantes no presente, atualmente os impulsos são vivenciados com naturalidade, sendo que os entrevistados descrevem uma inexistência de constrangimentos sentidos decorrente da sua sexualidade. Este facto permite-nos inferir que embora seja esteja clara a presença de uma parafilia na origem do termo

(satisfação sexual considerada desviante pela comunidade científica) não é possível identificar um Transtorno Parafílico, de acordo com a DSM-V, por estes não terem vivenciado qualquer tipo de déficit associados a estes interesses sexuais (APA, 2013). Esta inferência parece ser compatível com as conclusões de Richter e colaboradores (2008) de que a realização de práticas BDSM nas quais as práticas sádicas tomam grande relevo não estão associadas a maiores níveis de angústia psicológica e desordens emocionais e psicológicas; e com as de Sandnabba e colaboradores (1999) de que os sadomasoquistas eram bem ajustados psicossocialmente.

Observou-se assim que o bem-estar decorrente das suas experiências providenciou aos participantes um sentimento de realização sexual, sendo as práticas vistas como a vivência plena da sua sexualidade. Esta observação confirma os resultados de Beckmann (2001) que concluiu que as práticas sadomasoquistas consensuais revelavam-se satisfatórias sexual e emocionalmente, por serem vistas pelos praticantes como a exploração de diferentes dimensões da vivência corporal. A experiência de realização sexual pelos participantes pode ainda ser explicada por Byers (2005), que defende que o bem-estar subjetivo é afetado pela autoconsciência da identidade sexual do sujeito e dos seus desejos, bem como a habilidade para comunicar de forma adequada e explícita os seus desejos ao parceiro sexual. De facto, verificou-se que os sujeitos discutem abertamente com as parceiras as práticas que desejam realizar e os limites das mesmas, o que parece permitir uma melhor comunicação dos seus desejos. Por outro lado identificou-se ainda a construção de valores pessoais por parte dos participantes, segundo os quais orientam a vivência da sua sexualidade. Tendo em conta que os valores são tanto afetivos como cognitivos e motivam o comportamento dos indivíduos (Shaver & Strong, 1982), pode-se considerar que as vivências anteriores destes participantes permitiram esta construção de valores, que parecem definir os papéis sexuais e as práticas realizadas, com especial destaque para os valores relativos à segurança das práticas, discutidos posteriormente.

A nível relacional e/ou contextual, para os participantes, a realização de práticas sádicas no ato sexual teve início com parceiras ‘baunilha’, com o consentimento destas e tendo em conta os limites que impunham, com as quais experimentaram práticas que atualmente percecionam como sendo pouco significativas e enquadradas num processo de descoberta. Esta iniciação vai de encontro ao estudo fenomenológico realizado em Portugal por Mota (2011) no qual concluiu que as experiências iniciais relacionadas com o BDSM se desenrolam com frequência no contexto de uma relação amorosa convencional ou dita “baunilha”, antes do sujeito compreender exatamente o que faz. Este processo de iniciação com parceiras em relação às quais se atribuem emoções e afetos, vem a explicar o facto de que todos os participantes se

encontrarem atualmente em relacionamentos afetivos significativos com parceiras compatíveis, nos quais esta sexualidade é manifestada e vivenciada por ambos.

Em adição, constatou-se que os participantes percecionam o consentimento das parceiras como fundamental à expressão da sua sexualidade no relacionamento, respeitando os limites impostos pelas mesmas durante as práticas, sendo ambos os limites e as práticas sujeitos a discussão e negociação. Esta constatação confirma o juízo feito anteriormente de que os sujeitos parecem não reunir os critérios necessários à identificação de um Transtorno Parafílico (APA, 2013), por cingirem as suas práticas a interações consensuais, e vai de encontro ao defendido por Lee (1979), acerca da existência de uma preocupação por parte de sadomasoquistas em negociar a sessão, clarificando os riscos e definindo os limites da interação. Embora este aspeto não seja explicitado pelos sujeitos, deste constituinte se pode hipotetizar que não obstante os participantes estejam em controlo situacional das interações sexualmente sádicas, a parceira submissa, ao estabelecer limites à interação, tem tanto controlo como estes, o que foi verificado por Easton e Hardy, em 2001 e por Weaver, em 2014.

Ainda, os entrevistados descreveram uma preocupação com a satisfação sexual e/ou emocional da parceira, sendo a mesma considerada importante à sua própria gratificação sexual. Esta preocupação vai de encontro às conclusões de Hébert e Weaver (manuscrito em preparação, cit. por Weaver, 2014) que verificou que tanto o sádico como o masoquista percecionavam um benefício adicional no âmbito das práticas de BDSM: o prazer sentido derivava do prazer fornecido ao parceiro. Contudo, no caso dos participantes desta dissertação, apesar de ser importante, o prazer aparece como fundamental mas não necessariamente como fonte de gratificação sexual *per se*.

Os participantes expressaram ainda que a realização destas práticas implica uma dinâmica de poder implícita entre os participantes (na qual adotam um papel dominante, controlando todas as variáveis durante o ato), e as parceiras (que cedem o controlo e se submetem aos desejos dos companheiros). Este ambiente de cedência e posse de controlo, conjuntamente com as emoções e sensações despertadas ao longo das experiências, permitem a construção de uma dinâmica própria por parte do casal, que é impressa na forma como as práticas são realizadas. Esta observação foi prevista por Calenza (1999) ao referir que a componente essencial da dinâmica sadomasoquista é a troca de poder e não a dor, na qual as práticas e interações servem fundamentalmente reafirmar este desnível. De facto, verificou-se que os sujeitos recorriam a instrumentos no âmbito das suas práticas, os quais eram percecionados como vantajosos para a interação.

Ainda, ao adotarem o papel dominante na relação sexual, os participantes experienciam uma autoatribuição de responsabilidade para com o bem-estar da parceira, tendo os mesmos desenvolvido hábitos que permitem assegurar estes cuidados de forma constante. Esta constatação pode explicar as conclusões de Lee (1979) que verificou que o índice de lesões no mundo sadomasoquista era muito baixo, bem como por Wright (2006) e Weiss (2011) que verificaram que as sessões entre o sádico e o masoquista são marcadas por uma preocupação com a segurança das práticas e normalmente terminam com um período de cuidados posterior, durante os quais a dinâmica de poder é dissolvida e as experiências vividas são discutidas. Assim, verificou-se que os participantes tiveram a preocupação de adotar certos comportamentos e atitudes e ainda aprender competências técnicas e regras que assegurassem a segurança das práticas realizadas, factores confirmados pelas conclusões de Newmahr (2010). Este sentido de responsabilidade coaduna-se ainda com os princípios SSC (são, seguro e consensual) defendidos pela comunidade BDSM e que indicam a inserção dos mesmos neste agrupamento, no qual as práticas devem ser, para além de consensuais, seguras fisicamente e isentas de consequências psicológicas permanentes. Esta observação permite-nos entender melhor a distinção entre os atos consentidos e não-consentidos no âmbito da sexualidade sádica, sendo que enquanto nos primeiros a violência parece ser contida no âmbito de práticas pontuadas pelo sentido de responsabilidade, na segunda esta contensão não ocorre, devido à inexistência de preocupação com o bem-estar do outro, decorrente de atitudes antissociais.

Foi ainda possível constatar que todos os participantes percecionam certos aspetos da vida quotidiana como condicionantes da expressão da sua sexualidade, ao interferirem na realização das práticas da forma como as idealizam. Não obstante, constatou-se que estes condicionantes são equiparáveis às interferências do dia-a-dia em sujeitos com uma sexualidade mais convencional, tais como stresse ou falta de tempo e privacidade. Deste modo, optou-se por desconsiderar este subconstituente como parte integrante da estrutura da sexualidade sádica por se entender que o mesmo não é específico deste tipo de sexualidade, e que a sua remoção não implicaria uma alteração radical na estrutura da experiência.

Além do supramencionado, os entrevistados mencionam ainda um envolvimento com a comunidade BDSM posterior à tomada de consciência inicial das particularidades da sua sexualidade, o que foi igualmente constatado por Mota (2011). Os participantes atribuem a este envolvimento o desejo de acesso a outras pessoas com interesses sexuais semelhantes ou compatíveis, pelo que se coloca em hipótese que esta inserção reflete a procura de um sentimento de pertença, possivelmente não experienciado até então. Esta observação parece ser concordante com as conclusões de Kamel & Weinberg (1983, cit por Weinberg, 1987), de que

a integração na subcultura BDSM aparece positivamente correlacionada com o ajustamento ao *self* e ao comportamento típico desta comunidade. Ainda, segundo Mota (2011), este envolvimento pode ser explicado pelo facto de, ao terem noção da existência de pessoas "iguais" a si, a sensação de isolamento e de ser diferente diminuir, aparecendo um sentimento de pertença, preenchendo um possível sentimento de vazio ou incompletude anterior e contribuindo para a manutenção de uma imagem identitária.

Deste modo, este envolvimento é percebido pelos sujeitos como oportuno à troca de ideias ou experiências, e evolução ou enriquecimento sexual e pessoal. São estas vantagens percebidas que levaram os participantes a nela pertencer, bem como o desenvolvimento de relações com outros membros da comunidade. Pode-se assim atribuir a estas vantagens a conclusão de Falk e Weinberg (1980, cit in Weinberg 1987) de que as comunidades BDSM funcionam como agentes de socialização e de suporte. Também Patrias (1978 cit in Weinberg, 1987) concluiu que a socialização ocorre em resultado do contacto com outros participantes, a partir da apropriação das normas, valores e lidando com os estereótipos negativos, propondo que a manutenção da participação se deve a experiências sexualmente agradáveis e potencialmente satisfatórias, o que pode explicar os eventos que estiveram na base da retirada de P2 desta comunidade.

Por fim, e não obstante o sentimento de pertença experienciado pelos entrevistados, os participantes manifestam ainda sentimentos negativos perante alguns dos restantes membros desta comunidade cujas práticas se incompatibilizam com os seus princípios pessoais. Embora este tenha sido um aspeto manifestado por todos os indivíduos, considerando os valores como resultado de projeções afetivas (sentimentos positivos ou negativos) que o sujeito faz decorrente das suas interações com o mundo (Piaget, 1954), é do nosso parecer que os mesmos não são exclusivos à experiência da sexualidade sádica, mas a todas as vivências individuais, enquanto parte integrante da natureza humana, a qual se manifesta quando dois sujeitos com conjuntos de valores distintos interagem. Desta feita, embora este aspeto faça parte da experiência dos participantes, optou-se por não a incluir na estrutura final, por considerar que a experiência da sexualidade sádica destes participantes permaneceria semelhante sem a existência de sentimentos negativos perante alguns pares.

Por fim, e atentando ao facto de que muitos dos constituintes essenciais encontrados na experiência da sexualidade sádica destes sujeitos ser também verificada nos estudos cujas amostras contemplavam praticantes de BDSM em geral, pode presumir-se que a inserção em comunidades BDSM possa ter levado à interiorização de normas e/ou outros aspetos da vivência BDSM por parte dos participantes e desta forma tonalizar a experiência destes

participantes. Em oposição, e tendo em conta que parte das comunidades BDSM são formadas por sujeitos cuja sexualidade tem uma componente sádica, conjectura-se ainda que os mesmos possam por sua vez influenciar a vivência dos participantes BDSM em geral, pelo que se hipotetiza ser esta interação entre os sujeitos sexualmente sádicos e a comunidade de BDSM em si que está na origem de tal semelhança nos resultados.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado da investigação atual acerca da sexualidade desviante, em particular no que concerne ao Sadismo Sexual, permite verificar que ainda existe um longo caminho a percorrer para desmistificar o que constitui verdadeiramente a sexualidade normativa e quais os padrões de desviância, traduzidos por parafilias. A investigação que resultou nesta dissertação foi realizada com o propósito de contribuir para o conhecimento do fenómeno do Sadismo Sexual, sem adotar no entanto um ponto de vista relativo à (não)patologização do mesmo, debruçando-se ao invés na descrição do fenómeno a partir da forma como é vivenciado pelos sujeitos, e quiçá esclarecer um pouco alguns aspetos geradores de maior controvérsia.

Numa perspetiva fenomenológica-psicológica e empregando como instrumento a entrevista, esta investigação debruçou-se na experiência de quatro participantes masculinos que se percecionam como sexualmente sádicos e se encontram inseridos nas redes sociais BDSM. Analisando os dados obtidos, chegou-se a uma estrutura da experiência sexualmente sádica, na qual são visíveis constituintes essenciais de dimensões distintas, nomeadamente as dimensões individual e relacional / contextual. A dimensão individual abarcou como constituintes uma tomada de consciência inicial da sexualidade dos sujeitos, que se traduziu na procura de novos estímulos sensoriais e informação, levando os sujeitos a integrarem a sua sexualidade sádica no seu autoconceito sexual, a qual é vivida com naturalidade, sem constrangimentos e leva à realização sexual dos participantes. A nível relacional e contextual, os participantes referem ter iniciado as práticas sexualmente sádicas com parceiras baunilha num ambiente de experimentação, tendo posteriormente evoluído para relacionamentos afetivos com parceiras sexualmente compatíveis, no âmbito das quais os participantes respeitavam os limites estabelecidos pela parceira, os quais eram discutidos e negociados por ambos. Uma preocupação expressada transversalmente foi a consensualidade das práticas e a satisfação da parceira ao longo das mesmas, havendo nesta interação uma dinâmica de poder na qual os participantes tomam todo o controlo (socorrendo-se da utilização de instrumentos) e a

responsabilidade de cuidar do bem-estar das parceiras. Por fim, verificou-se um envolvimento na comunidade BDSM por parte dos sujeitos, que viram a comunidade como um meio de oportunidades.

Os constituintes essenciais desta estrutura parecem estar de acordo com a maioria dos estudos que se debruçam sobre o sadomasoquismo nas comunidades BDSM. Isto leva-nos a pensar que, embora a experiência inicial anterior à descoberta das comunidades tenha sido semelhante para todos os participantes, a pertença à comunidade BDSM parece ter de alguma forma contribuído para a vivência dos sujeitos, e vice-versa. Não obstante, é possível entender que todos os constituintes que aqui se encontraram se relacionam entre si, sendo que alterações numa das dimensões provavelmente afetaria toda a estrutura desta experiência.

Este estudo não é no entanto isento de limitações. Em primeiro lugar, embora o objetivo passasse por estudar o fenómeno do Sadismo Sexual no sentido lato, sem fazer diferenciação entre sujeitos portadores de Perturbação Parafílica ou Parafilia, a impossibilidade em aceder a sujeitos sexualmente sádicos na população geral levou a que esta investigação tivesse uma amostragem por conveniência e se debruçasse apenas nos sujeitos que se encontravam inseridos na comunidade BDSM, o que pode ter imprimido determinadas particularidades à experiência encontrada.

Paralelamente, a falta de diversidade entre os participantes e o facto de serem todos do sexo masculino providencia ao estudo a estrutura de uma experiência muito específica, o que significa que os componentes comuns aos quatro entrevistados podem diferir em relação a outros que vivenciaram experiências distintas. Ainda, a utilização de apenas um instrumento de análise qualitativa também pode ser considerada como uma limitação. A utilização de mais instrumentos, como por exemplo a observação, pode ser vantajosa, pois estes podem fornecer mais informações sobre o a experiência que transcendem a metodologia empregue.

Neste sentido, seria adequado realizar um novo estudo onde ambos os sexos fossem contemplados, por forma a verificar se os constituintes essenciais encontrados se mantêm e transcendem o contexto em que se arrolam. Ainda, como os dados presentes neste estudo provêm de autorrelatos de sujeitos sexualmente sádicos, pode ser interessante replicar este estudo tendo em consideração a importância que os componentes identificados têm para as parceiras submissas, sendo que a comparação entre as percepções de ambos pode trazer novas luzes acerca do fenómeno em si. Seria ainda interessante, tendo em conta que os participantes são da mesma faixa etária, elaborar uma investigação longitudinal, de modo a determinar a influência da idade da experiência da sexualidade sádica. Por fim, parece ser pertinente, em investigações futuras, observar a existência ou não de diferenças significativas em sádicos

pertencentes a comunidades BDSM e sádicos não-pertencentes a comunidades organizadas, podendo a mesma contribuir para abranger o conhecimento sobre estes dois grupos, que aparecem estudados na literatura como fundamentalmente distintos.

VII. REFERÊNCIAS

- Abel, G. G., Becker, J. V., Cunningham-Rathner, J., Mittelman, M., & Rouleau, J. L. (1988). Multiple paraphilic diagnoses among sex offenders. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law Online*, 16(2), 153-168. Retirado de <http://www.researchgate.net>
- Abel, G. G. (1989). Paraphilias. In H. I. Kaplan, & B. J. Sadock (Eds.), *Comprehensive Textbook of Psychiatry*, vol. 1 (5th ed.) (pp. 1069–1089). Baltimore: Williams & Williams.
- Aggrawal, A. (2009). *Forensic and medico-legal aspects of sexual crimes and unusual sexual practices*. Boca Raton, FL: CLC Press.
- Alison, L., Santtila, P., Sandnabba, N. K., & Nordling, N. (2001). Sadomasochistically-oriented behavior: Diversity in practice and meaning. *Archives of Sexual Behavior*, 30, 1–12. doi: 10.1023/A:1026438422383
- Allgeier, A. R. & Allgeier, E. R. (1989). *Sexualité humaine: dimensions et interactions*. Montreal: Éditions CEC.
- American Psychiatric Association. (2013). *Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais - Dsm-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259–268. doi:10.1590/S0103-166X2010000200013
- Andrews, D. A., & Bonta, J. (2010). *The psychology of criminal conduct*. Cincinnati, OH: Anderson Publishing.
- Beckmann, A. (2001). Deconstructing myths: The social construction of ‘sadomasochism’ versus ‘subjugated knowledges’ of practitioners of consensual ‘SM’. *Journal of Criminal Justice and Popular Culture*, 8(2), 66-95. Retirado de <http://www.albany.edu/scj/jcipc>

- Brittain, R. (1970). The sadistic murderer. *Medicine, Science and the Law*, 10, 198-207. doi: 10.1177/002580247001000402
- Burgess, A. W., Hartman, C. R., Ressler, R. K., Douglas, J. E. & McCormack, A. (1986). *Sexual homicide: A motivational model*. *Journal of Interpersonal Violence*, 1, 251-272. doi: 10.1177/088626086001003001
- Byers, E. S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *The Journal of Sex Research*, 42(2), 113-118. doi: 10.1080/00224490509552264
- Carrigan, M. (2011). There's more to life than sex? Differences and commonality within the asexual community. *Sexualities* 14(4), 462–478. doi: 10.1177/1363460711406462
- Celenza, A. (2000). Sadomasochistic relating: What's sex got to do with it? *Psychoanalytic Quarterly*, 69(3), 527-543. doi: 10.1002/j.2167-4086.2000.tb00573.x
- Chuang, J. Y. (2011). A possible mechanism of sadism. *Medical Hypotheses*, 76, 32-33. doi:10.1016/j.mehy.2010.08.026
- Connolly, P. H. (2006). Psychological functioning of bondage/domination/sado-masochism (BDSM) practitioners. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18, 79-120. doi: 10.1300/J056v18n01_05
- Cortoni, F., & Gannon, T. A. (2011). Female sexual offenders. In D. P. Boer, R. Eher, L. A. Craig, M. H. Miner & F. Pfafflin (Eds.), *International perspectives on the assessment and treatment of sexual offenders: Theory, practice and research* (pp. 35-54). West Sussex, UK: John Wiley & Sons.
- Cowan, S. (2012). To buy or not to buy? Vulnerability and the criminalisation of commercial BDSM. *Feminist Legal Studies*, 20, 263–279. doi: 10.1007/s10691-012-9209-6
- Cross, P. A. & Matheson, K. (2006). Understanding sadomasochism: An empirical examination of four perspectives. *Journal of Homosexuality*, 50, 133–66. doi: 10.1300/J082v50n02_07
- Damon, W. (2003). Dominance, sexism, and inadequacy: Testing a compensatory conceptualization in a sample of heterosexual men involved in SM. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 14(4), 25–45. doi: 10.1300/J056v14n04_02
- Denman, C. (2004). *Sexuality: A biopsychosocial approach*. Basingtoke, UK: Palgrave Macmillan.
- Dietz, P. E., Hazelwood, R. R., & Warren, J. (1990). The sexually sadistic criminal and his offenses. *Bulletin of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 18, 163–178. Retirado de <http://www.jaapl.org>

- Ernulf, K. & Innala, S. (1995). Sexual bondage: a review and unobtrusive investigation. *Archives of Sexual Behavior*, 6 (24), 631-654.
- Freud, S. (1920g). Além do Princípio de Prazer. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão Trad., vol. 18, pp. 13-85). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996f). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 193-218). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- First, M. B., & Halon, R. L. (2008). Use of DSM paraphilia diagnoses in sexually violent predator commitment cases. *The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 36(4), 443–454. Retirado de <http://www.jaapl.org>
- Forghieri, Y. C. (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Giannangelo, S. J. (1996). *The psychopathology of serial murder: a theory of violence*. Westport, CT: Praeger.
- Giorgi, A. (1985). *Phenomenological and Psychological Research*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de século.
- González Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.
- Gordon, H. (2008). Editorial: The treatment of paraphilias: An historical perspective. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 18, 79-87.
- Groth, A. N. (1979). *Men who rape: the psychology of the offender*. New York: Plenum.
- Harvey, J., Wenzel, A., & Sprecher, S. (2004). Why a handbook on sexuality in close relationships is warranted. In J. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships*. Retirado de <http://samples.sainsburysebooks.co.uk>
- Hickey, E. W. (1991). *Serial murderers and their victims*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole Publishing.
- Holanda, A. (2002). *O resgate da fenomenologia de Husserl e a pesquisa em psicologia* (Tese de doutorado não-publicada). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo.

- Kirsch, L. G., & Becker, J. V. (2007). Emotional deficits in psychopathy and sexual sadism: Implications for violent and sadistic behavior. *Clinical Psychology Review, 27*, 904–922. doi:10.1016/j.cpr.2007.01.011
- Klein, M. (1932). *The Psycho-Analysis of Children*. London: Hogarth.
- Kleinplatz, P.J., & Moser, C. (2005). “Is SM pathological?”. *Lesbian and Gay Psychology Review, 6*(3), 255-260. Retirado de <http://docx2.com/wp-content/uploads/2013/05/Is-SM-Pathological.pdf>
- Kleinplatz, P. J., & Moser, C. (2014). *Sadomasochism: powerful pleasures*. New York: Routledge.
- Kolmes, K., Stock, W. & Moser, C. Investigating bias in psychotherapy with BDSM clients. *Journal of Homosexuality, 50*, 301–24. doi: 10.1300/J082v50n02_15
- Langdridge, D. (2007). *Phenomenological Psychology: Theory, Research and Method*. Harlow: Pearson Education. doi:10.1037/e581062009-003
- Langdridge, D. & Barker, M. (2007). Situation Sadomasochism. In D. Langdridge & M. Barker (eds), *Safe, Sane, Consensual: Comtemporary Perspectives on Sadomasochism* (pp. 3-9). New York: Pelgrave MacMillan.
- Langevin, R. (2003) A Study of the Psychosexual Characteristics of Sex Killers: Can we Identify them Before it is Too Late? *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 47*, 366-382.
- Langevin, R., Ben-Aron, M. H., Wright, P., Marchese, V., & Handy, L. (1988). The sex killer. *Annals of Sex Research, 1*, 263–301. doi: 10.1007/BF00852801
- Larue, D., Schmidt, A. F., Imhoff, R., Eggers, K., Schönbrodt, F. D., & Banse, R. (2014). Validation of direct and indirect measures of preference for sexual violence. *Psychological Assessment, 26*(4), 1173-1183. doi: 10.1037/pas0000016.
- Lee, J. A. (1979). The social organization of sexual risk. *Alternative Lifestyles, 2*, 69–100. doi: 10.1007/BF01083663
- Leonoff, A. (1997). Destruo Ergo Sum: Towards a Psychoanalytic Understanding of Sadism. *Canadian Journal of Psychoanalysis, 5*, 95-112. Retirado de <http://pep.gvpi.net>
- Levitt, E. E., Moser, C., Jamison, K. V. (1994). The prevalence and some attributes of females in the sadomasochistic subculture: A second report. *Archives of Sexual Behavior, 23*(4), 465–73. doi: 10.1007/BF01541410
- Lima, M. L. P. & Sim-Sim, M. (2004). Auto-Conceito Sexual, *Psychologica, 35*, 211-232. Retirado de <http://hdl.handle.net/10174/4962>

- MacCulloch, M., Gray, N., & Watt, A. (2000). Britain's sadistic murderer syndrome reconsidered: An associative account of the aetiology of sadistic sexual fantasy. *The Journal of Forensic Psychiatry, 11*(2), 401-418. doi: 10.1080/09585180050142606
- MacCulloch, M. J., Snowden, P. R., Wood, P. J., & Mills, H. E. (1983). Sadistic fantasy, sadistic behaviour and offending. *The British Journal of Psychiatry, 143*, 20-29. doi: 10.1192/bjp.143.1.20
- Marshall, W. L. (2007). Diagnostic issues, multiple paraphilias, and comorbid disorders in sexual offenders: Their incidence and treatment. *Aggression and Violent Behavior, 12*, 16-35. doi:10.1016/j.avb.2006.03.001
- Marshall, W. L. & Hucker, S. J. (2006). Issues in the Diagnosis of Sexual Sadism. *Sexual Offender Treatment, 2*, 1-4. Retirado de <http://www.iatso.org/ejournal>
- Marshall, W. L., & Kennedy, P. (2003). Sexual sadism in sexual offenders: An elusive diagnosis. *Aggression and Violent Behavior, 8*, 1-22. doi:10.1016/S13591789(01)00052-0
- Marshall, W. L., Kennedy, P., & Yates, P. M. (2002). Issues concerning the reliability and validity of the diagnosis of sexual sadism applied in prison settings. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment, 14*, 301-311. doi:10.1177/107906320201400402
- Martinez, K. (2011). *Bound in theory and practice: A mixed-methods exploration of consensual sadomasochism*.
- Martins, J., & Bicudo, M. (2005). *A pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Centauro.
- Mercier, D. & Guilbert, É. (n.d.). *Sexual Awakening: The Language of Sensations*. Text—Professionals. Retirado de <http://sexualityandu.ca/uploads/files/SexualAwakeningParents.pdf>
- Mokros, A., Osterheider, M., Hucker, S. J., & Nitschke, J. (2011). Psychopathy and sexual sadism. *Law and Human Behavior, 35*, 188-199. doi:10.1007/s10979-010-9221-9
- Moser, C., & Levitt, E. (1987). An exploratory-descriptive study of a sadomasochistically oriented sample. *Journal of Sexual Response, 23*, 322-337. doi: 10.1080/00224498709551370
- Mota, A. M. V. (2011). *Para Além Da Dor: Fantasias De Prazer, Poder E Entrega. Um Estudo Sobre Bondage E Disciplina, Dominação E Submissão E SadoMasoquismo*. Retirada do Repositório Aberto da Universidade do Porto. (<http://hdl.handle.net/10216/57466>).
- Muribeca, Mercês. (2009). As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. *Estudos de Psicanálise, 32*, 117-128. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org>

- Myers, W. C., Scott, K., Burgess, A. W., & Burgess, A. G. (1995). Psychopathology, biopsychosocial factors, crime characteristics, and classification of 25 homicidal youths. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 36, 1483–1489. doi: 10.1097/00004583-199511000-00015
- Nahra, C. (2005). *A morality for the third millennium: prostitution, homosexuality and sadomasochism in the light of Kant and Mill* (Tese de Doutorado Não-Publicada). University of Essex: England.
- Nitschke, J., Blendl, V., Ottermann, B., Osterheider, M., & Mokros, A. (2009). Severe sexual sadism - An underdiagnosed disorder? Evidence from a sample of forensic inpatients. *Journal of Forensic Sciences*, 54(3), 685–691. doi:10.1111/j.1556-4029.2009.01038.x
- Nobre, P. (2006). *Disfunções Sexuais. Teoria, Investigação e Tratamento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Oliveira, G. S., De, Maria, A., & Cunha, D. O. (2006). *Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico*. Cadernos Da Fucamp, 7. Retrieved from <http://www.fucamp.com.br/>
- Pflugradt, D., & Allen, B. (2012). A grounded theory analysis of sexual sadism in females. *Journal of Sexual Aggression*, 18, 325–337. doi:10.1080/13552600.2011.597058
- Queiroz, A. (2007). Fenomenologia da perícia em enfermagem pediátrica. In Queiroz, A., Meireles, M. & Cunha, S. – *Investigar para compreender* (pp.3-21). Lisboa: Lusociência.
- Richters, J., De Visser, R. O., Rissel, C. E., Grulich, A. E., Smith, A. M. A. (2008). Demographic and psychosocial features of participants in bondage and discipline, “sadomasochism” or dominance and submission (BDSM): Data from a national survey. *The Journal of Sexual Medicine*, 5, 1660–1688. doi: 10.1111/j.1743-6109.2008.00795.x
- Richters, J. & Rissel, C. (2005). *Doing it down under: The sexual lives of Australians*. Sydney: Allen & Unwin.
- Sadoff, R. L. (1986). Sexual violence. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 62, 466–476. Retirado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov>
- Sagarin, B. J., Cutler, B., Cutler, N., Lawler-Sagarin, K. A., Matuszewich, L. (2009). Hormonal changes and couple bonding in consensual sadomasochistic activity. *Archives of Sexual Behaviour*, 38, 186–200. doi 10.1007/s10508-008-9374-5
- Sandnabba, N. K., Santtila, P., Alison, L. & Nordling, N. (2002). Demographics, sexual behaviour, family background and abuse experiences of practitioners of

- sadomasochistic sex: A review of recent research. *Sexual and Relationship Therapy*, 17, 39–55. doi: 10.1080/14681990220108018
- Santtila, P., Sandnabba, K., Alison, L. & Nordling, N. (2002). Investigating the Underlying Structure in Sadomasochistically Oriented Behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 31, 185–196. doi: 10.1023/A:1014791220495
- Sartre, S. P. (1997). *O Ser e o Nada*. Petropolis: Vozes.
- Seto, M. C., Lalumière, M. L., Harris, G. T., & Chivers, M. L. (2012). The sexual responses of sexual sadists. *Journal of abnormal psychology*, 121(3), 739. doi: 10.1037/a0028714
- Shaver, J. P., Strong, W. (1982) *Facing Value Decisions: Rationale-building for Teachers* (2nd Ed). Columbia University. Teachers College Press.
- Sloan, L. J. (2015). Ace of (BDSM) clubs: Building asexual relationships through BDSM practice. *Sexualities*, 18 (5/6), 548–563. doi: 10.1177/1363460714550907
- Spengler, A. (1977). Manifest sadomasochism of males: Results of an empirical study. *Archives of Sexual Behaviour*, 6, 441–56. doi: 10.1007/BF01541150
- Stoller, R. J. (2013). *Pain & passion: A psychoanalyst explores the world of S & M*. New York: Plenum Press.
- Stone, M. H. (2010). Sexual sadism: a portrait of evil. *Journal of The American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 38, 133-157. doi: 10.1521/jaap.2010.38.1.133
- Taylor, G. W. & Ussher, J. M. (2001). Making sense of S&M: A discourse analytic account. *Sexualities*, 4, 293–314. doi: 10.1177/136346001004003002
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: a prática reflexiva*. São Paulo: Atlas.
- von Krafft-Ebing, R. (1906/1999). *Psychopathia sexualis* (12ª edição). Burbank, CA: Bloat.
- Weeks, J. (1985). *Sexuality and its discontents*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Weinberg, T. S. (1987). Sadomasochism in the United States: A review of recent sociological literature. *The Journal of Sex Research*, 23, 50–69. doi: 10.1080/00224498709551341
- Weinberg, M., Williams, C. J., and Moser, C. (1984). The social constituents of sadomasochism. *Social Problems*, 31(4), 379–389. doi: 10.1525/sp.1984.31.4.03a00020
- Weiss, M. (2011). *Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality*. Durham & London: Duke University Press.
- Wismeijer, A. A. J. & van Assen, M. A. L. M. (2013). Psychological Characteristics of BDSM Practitioners. *Journal of Sexual Medicine*, 10, 1943–1952. doi: 10.1111/jsm.12192
- World Health Organization. (1992). *ICD-10*. São Paulo: Artmed Editores.

- Wright, S. (2010). Depathologizing consensual sexual sadism, sexual masochism, transvestic fetishism, and fetishism. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 1229–1230. doi:10.1007/s10508-010-9651-y
- Yates, P. M., Hucker, S. J., & Kingston, D. A. (2008). Sexual sadism: Psychopathology and theory. In D. R. Laws, & W. T. O'Donohue (Eds.), *Sexual deviance: Theory, assessment, and treatment* (pp. 213-230). New York: Guilford Press.

VIII. ANEXOS

Anexo A

Consentimento Informado



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Consentimento Informado

Estimado Participante,

Jessica Pacheco, aluna do 2º ano de Mestrado em Psicocriminologia no ISPA-IU, sob a orientação do Prof. Doutor Victor José Amorim Rodrigues, pretende desenvolver uma investigação no âmbito da dissertação de mestrado, que se debruça sobre a temática da Experiência da Sexualidade Sádica. Este, é um estudo que procura contribuir para um conhecimento mais abrangente do fenómeno, descrevendo as práticas e os contextos em que tal experiência surge, bem como os significados que a ela lhe são atribuídos. Para este efeito, surgiu a necessidade de realização de entrevistas para recolha de informação. Assim, a signatária vem por este meio solicitar a V. Exa. autorização para a gravação em formato áudio da entrevista realizada a 28 de Outubro de 2015, querendo assegurar alguns aspetos que se pretendem cumprir rigorosamente:

- a) Apenas terão acesso à entrevista gravada a signatária e o orientador da respetiva dissertação;
- b) Os dados retirados da entrevista serão utilizados única e exclusivamente para a realização deste projeto;
- c) A pedido de V. Exa. a transcrição da entrevista e uma cópia da dissertação ser-lhe-ão fornecidas.

Para esclarecimento de qualquer dúvida ou pedido de informação adicional, pode contactar com a estudante acima referida, através do número 910108270 ou através do correio eletrónico jessica.pach@hotmail.com.

Na expectativa de poder contar com a sua adesão a este pedido, subscrevo-me atenciosamente,

Jessica Pacheco

Compreendi as informações que me foram fornecidas sobre a dissertação a ser realizada por Jessica Pacheco, acerca da Experiência da Sexualidade Sádica. Foi-me dada oportunidade para colocar questões que julguei necessárias à minha tomada de decisão e aceito que a signatária proceda à gravação em formato áudio da entrevista em questão.

Data: ___/___/___

Nome:

Assinatura:

Anexo B
Guião de entrevista



Guião de Entrevista

Idade: _____ Profissão: _____

1. Considera-se sexualmente sádico? Se sim, porquê?
2. Quando é que se apercebeu destas tendências?
 - Como encarou a situação?
 - Sentiu-se constrangido por ter sentido tais impulsos?
 - Apercebeu-se destes interesses no contexto de um relacionamento ou fora?
 - Quando começou pela primeira vez a colocar em prática as fantasias?
3. O que motiva o desejo de executar estas práticas?
4. Utiliza instrumentos ou objetos para tais?
 - Quais?
 - Porquê? O que lhe trazem de diferente?
5. A sua satisfação sexual deriva maioritariamente destas práticas?
6. Como é que esta sexualidade se enquadra nos seus relacionamentos? (Procura especificamente parceiras compatíveis com os seus interesses?)
7. Sente que o seu desejo de incorrer nestas práticas/vivências decorre de algum estímulo ou sensação prévia?
8. Encontra-se envolvido em comunidades BDSM? Reais ou Virtuais?
 - O que procura nelas?
9. Esta preferência causou-lhe algum tipo de constrangimento, quer a nível social, pessoal ou profissional?
10. Associa a estas vivências determinadas regras ou etapas?
 - E rituais?
11. Que aspetos positivos associa a estas práticas / vivência?

FIM

Anexo C
Análise do protocolo de P1

TABELA 12

Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico

Unidades de Significado	Unidade de Significado Psicológico	Temas principais
<p>1. E: Considera-se sádico, sexualmente? Se sim, porquê?</p> <p>P1: Se eu me considero um sádico? Só no ponto de vista sexual. Porque me excita sexualmente dor. E de uma forma consentida. Ou seja, não me excita particularmente ver alguém, mesmo que seja sexualmente agredido, contra a sua vontade. E muito menos me excita seja de que forma for, ver dor a ser provocada noutras pessoas e violência de outras formas, nada disso. Apenas do ponto de vista de dor provocada e consentida. Nesse sentido, sim</p>	<p>1. Em resposta à pergunta do entrevistador, o Participante 1 (P1) refere que se percebe como sádico sexualmente, por experimentar excitação sexual perante estímulos indicativos de dor a ser provocada a outros sujeitos. P1 ressalva que apenas experimenta estes estados de ativação sexual se a pessoa sobre a qual a dor é imputada consinta que tal aconteça.</p>	<p>Perceção de ser sádico sexualmente.</p> <p>Obtenção de satisfação sexual a partir da provocação de dor a outrem.</p> <p>Consentimento como condição necessária para gratificação sexual</p>
<p>2. Porque há uma coisa que se chama os sádicos sexuais que muitos <i>serial killers</i> eram. Mas aí não havia aquela parte do consentimento por parte da outra pessoa. Mas sem consentimento, já não me considero um sádico. Havendo esse consentimento, sim, sem dúvida.</p>	<p>2. P1 considera-se diferente dos sujeitos <i>serial killer</i> categorizados como sádicos sexuais, na medida em que os percebe negativamente, por serem sujeitos que obtêm excitação sexual sem o consentimento da vítima.</p>	<p>Diferenciação entre as suas preferências e as dos sádicos que cometem crimes</p>

<p>E: Muito bem. E quando é que se apercebeu que tinha estas tendências?</p> <p>3. P1: Desde muito cedo, muito antes se calhar de ter compreensão do que era sexo, ou do que eram sensações sexuais, excitação, ereções, etc.</p>	<p>3. Em resposta à pergunta do entrevistador, P1 refere que experienciou pela primeira vez ativação sexual decorrente de estímulos associados ao sadismo sexual em criança, numa altura em que não tinha ainda tomado consciência da sua sexualidade.</p>	<p>Primeira tomada de consciência na infância</p>
<p>4. Ou seja, havia qualquer coisa em mim que perante uma descrição num livro, ou numa banda desenhada, ou num filme de violência sobre uma mulher, com um chicote, com uma chibata, com qualquer situação de bondage, ou seja, preso, correntes, cordas, algo assim do género, isso fazia-me sentir qualquer coisa, não me deixava indiferente. Não era: «ok, agora eu li esta parte e agora pronto, vamos passar ao próximo», havia ali qualquer coisa um bocadinho, que fazia de forma diferente, não percebia o porquê, despertava-me curiosidade, claro...</p>	<p>4. Para P1, as primeiras experiências de ativação sexual surgiram, sob a forma de curiosidade, a partir de estímulos associados a violência provenientes de materiais e dispositivos lúdicos. Em particular, P1 indica como desencadeantes estímulos que envolvessem instrumentos usados para agredir ou restringir indivíduos, provenientes de livros, banda desenhada e filmes.</p>	<p>Violência e restrição de movimentos nos materiais áudio-visuais espoletavam curiosidade e prazer</p>
<p>5. Mas na altura não fiz a ligação. Fiz a ligação mais tarde quando reparei que isso estava diretamente ligado a sensações de excitação sexual.</p> <p>E: Quando é que isto aconteceu?</p> <p>P1: Basicamente quando comecei a ter essas sensações, nas primeiras vezes, quando comecei... quando entrei na, acho que se chama puberdade, é isso, quando começamos a fazer as nossas primeiras experiências, as primeiras</p>	<p>5. Para P1, a tomada de consciência de que estímulos associados à violência lhe proporcionavam prazer sexual veio posteriormente, na puberdade, quando se apercebeu que, quando exposto a eles, experimentava sensações de excitação sexual sob a forma de ereções, que o levavam a masturbar-se e portanto, a obter satisfação sexual.</p>	<p>Segunda tomada de consciência na adolescência</p> <p>Atuação sobre as fantasias através de atos masturbatórios</p> <p>Primeiros orgasmos provenientes destas fantasias</p>

<p>masturbações, etc. Quando começam as ereções e a relacionar isso com o toque, prazer, foi logo a partir dessa altura.</p>		
<p>E: E como encarou esta situação na altura?</p> <p>6. P1: Como era novo, pareceu-me normal. Como não tinha ponto de referência, não tinha ninguém para me dizer «olha, isso não é muito correto, olha que a maior parte das pessoas não são assim» eu achei que se é assim, pronto, é porque é assim, não me preocupei se era raro ou se era muito comum. Era como era, para mim, era a normalidade.</p>	<p>6. Em resposta à pergunta do entrevistador, P1 refere que, na época, devido à idade e à falta de informação, não se apercebeu de que os seus desejos sexuais seriam considerados pouco comuns, pelo que os vivenciou como sendo um fenómeno natural.</p>	<p>Vivência dos impulsos sexuais com naturalidade</p> <p>Inexistência da percepção de diferença em relação aos outros</p>
<p>E: Sentiu-se constrangido por ter estes impulsos?</p> <p>7. P1: Não, nenhum, nunca. Nunca me senti esquisito, diferente. Nunca tive aquela impressão de «deve ter qualquer coisa de errada comigo». De forma nenhuma.</p>	<p>7. P1 nega ter vivenciado qualquer tipo de constrangimento face aos seus impulsos, por nunca ter percebido os seus desejos como sendo incomuns ou socialmente reprováveis.</p>	<p>Inexistência de constrangimentos associados aos impulsos</p> <p>Inexistência de percepção de que era diferente</p>
<p>8. Nem nessa altura nem depois, nem mais tarde quando percebi que se calhar estava numa minoria, nunca tive essa sensação.</p>	<p>8. P1 afirma que, mesmo posteriormente à tomada de consciência de que os seus desejos sexuais seriam diferentes da maioria das pessoas, nunca experienciou qualquer tipo de constrangimento.</p>	<p>Inexistência de constrangimentos associados aos impulsos</p> <p>Percepção de que os interesses sexuais eram diferentes</p>
<p>E: Quando é que começou a pôr em prática esses impulsos?</p>	<p>9. P1 descreve o momento em que colocou em prática pela primeira vez os seus</p>	<p>Impulsos postos em prática no início da</p>

<p>9. P1: Quando iniciei a minha vida sexual, pequenas brincadeiras que fazia com as namoradas, ou com as companheiras da altura, nada de muito forte, nada de violento, umas palmadas aqui, um amarrar acolá, um puxar de cabelos, mais algumas palmadas, se calhar, um <i>roleplay</i>, o jogar de papéis, o faz-de-conta.</p>	<p>impulsos. Tal instância coincidiu com o início da sua vida sexual, experimentando diversos tipos de práticas com as diferentes parceiras que foi tendo. P1 Descreve gestos como dar palmadas, amarrar, puxar os cabelos ou jogos de faz-de-conta, os quais percebe como pouco significativos.</p>	<p>atividade sexual, com parceiras</p> <p>Início com práticas consideradas pouco significativas</p>
<p>10. Comecei logo a partir daí na medida em que elas também alinhavam, umas até gostavam de ir mais longe e das coisas um bocadinho mais duras, outras nem por isso, e as coisas não eram assim tão duras.</p>	<p>10. P1 reconhece que adaptava a intensidade das práticas que realizava de acordo com o gosto das parceiras.</p>	<p>Adaptação da intensidade das práticas à parceira</p>
<p>11. Mas logo desde a primeira atividade sexual que procurei desde logo por isso em prática e fui pondo na medida do que era possível, porque lá está, sem a tal consensualidade, não acontece nada.</p>	<p>11. P1 afirma que procurou colocar as fantasias em prática logo que iniciou a primeira atividade sexual, agindo sobre elas apenas quando as parceiras davam o seu consentimento, pois respeitava a vontade das parceiras que não desejavam tomar parte destas atividades.</p>	<p>Fantasias colocadas em prática na primeira atividade sexual</p> <p>Procura de consentimento e respeito da vontade da parceira</p>
<p>E: E como é que essa sexualidade se enquadrava nos seus relacionamentos? Que papel é que ela tinha nos seus relacionamentos? Passou a procurar pessoas com esta sexualidade em específico?</p> <p>12. P1: Sondava. Se calhar, agora que olho para trás, noto que sim.</p>	<p>12. Quando questionado acerca do papel que esta sexualidade teve nos seus relacionamentos, e se procurava parceiras que se pudessem enquadrar no seu estilo de vida sexual, P1 reconhece que procurava parceiras que fossem compatíveis com a sua sexualidade.</p>	<p>Procura de relacionamentos com parceiras sexualmente compatíveis</p>
<p>13. Não procurava especificamente porque não é</p>	<p>13. P1 declara que não procurava manifestamente</p>	<p>Exploração da compatibilidade</p>

<p>algo que propriamente as pessoas tenham escrito na testa, mas mesmo naquela fase inicial, na fase em que nos estamos a conhecer, na fase em que ainda se calhar não há sexo, que só namorar, o cortejar... Mesmo naquela fase, naqueles primeiros contatos, eu, de certa forma e de uma maneira indireta, procurava saber qual era a predisposição da pessoa, o interesse para estas situações.</p>	<p>parceiras compatíveis, por não ser uma característica evidente fisicamente, embora reconheça que procurava, na fase inicial dos relacionamentos, abordar uma eventual compatibilidade com a sua sexualidade de forma sub-reptícia.</p>	<p>sexual na fase de descoberta do relacionamento</p>
<p>E: Sentia algum impulso que lhe indicasse que necessitava de incorrer nestas práticas?</p> <p>14. P1: Não. Da mesma forma que uma pessoa sente vontade, sei lá, durante o dia penso: «logo quando chegar a casa, vou pegar na minha mulher e apetece-me realmente uma boa sessão de sexo», eu a certa altura pensava «realmente apetece-me neste momento pegar numa, ou assim que possível, pegar num chicote ou num cinto ou colocar alguém no meu colo e dar umas palmadas».</p>	<p>14. Questionado, P1 nega experienciar impulsos específicos que o façam incorrer nestas práticas. P1 atribui a motivação para a realização das práticas à mesma motivação que experiencia para ter relações sexuais.</p>	<p>Motivação para as práticas equiparada à motivação para ter relações sexuais normais</p>
<p>15. E porque lá está, há alturas em que eu não penso só nisto, e penso em sexo, que lhe chamam baunilha, o sexo puro e duro. E o impulso que eu sinto é mais ou menos o mesmo. É, tenho vontade de, da mesma forma que as pessoas baunilhas têm vontade de sexo normal (e eu às vezes também tenho) tenho vontade de... apetece-me isto. Outras vezes não, não me apetece.</p>	<p>15. P1 afirma que nem sempre pensa em práticas sexualmente sádicas, havendo momentos em que prefere o sexo que considera comum e chama de baunilha. P1 declara que os impulsos que sente para estes dois tipos de práticas ocorrem de forma alternada.</p>	<p>Práticas sexuais sádicas e normais ocorrem de forma alternada</p>

<p>E: A sua satisfação sexual deriva, maioritariamente, destas práticas consideradas sexualmente sádicas?</p> <p>16. P1: Uma boa pergunta. Se é maioritariamente... Num apanhado geral... metade, mais ou menos. Não é para ser politicamente correto, mas é metade, mais ou menos.</p>	<p>16. Quando o investigador questiona P1 acerca do peso que estas práticas têm na sua satisfação sexual, P1 declara que a sua satisfação sexual não é colmatada apenas por estas práticas, contribuindo as mesmas em igual medida, em relação às práticas consideradas comuns.</p>	<p>Práticas sádicas e não sádicas contribuem em igual peso para a satisfação sexual</p>
<p>17. Porque é perfeitamente possível ter, e eu sei por experiência própria, relações baunilha com pessoas que não estão minimamente interessadas nisto, e ainda assim ter um nível de satisfação sexual muito bom. Porque já me aconteceu, já tive uma relação de alguns anos com uma pessoa que não tolerava minimamente isto e que a todos os outros níveis sexuais era extremamente interessante e as coisas corriam bastante bem,</p>	<p>17. P1 confirma que consegue obter satisfação sexual no âmbito de um relacionamento sem recorrer a estas práticas, quando as preferências sexuais da parceira não são compatíveis com as suas. Em particular, P1 relata um relacionamento duradouro no qual se sentiu sexualmente satisfeito, no qual não executava tais práticas.</p>	<p>Relacionamento baunilha visto como satisfatório</p> <p>Obtenção de gratificação sexual sem práticas sádicas</p>
<p>18. E como tal, diria que metade/metade, encaixo as duas coisas. Para mim estão complementares, não diria que «ok, se eu não fizer isto vou-me sentir menos satisfeito ou mais satisfeito».</p>	<p>18. P1 percebe os seus impulsos sexualmente sádicos como tendo o mesmo peso que as práticas ditas comuns na sua sexualidade, afirmando que, na impossibilidade de atuar sobre os seus impulsos, não deixa de obter satisfação sexual.</p>	<p>Obtenção de gratificação sexual sem práticas sádicas</p>
<p>E: E portanto, no âmbito deste relacionamento que chamou de baunilha, sentia necessidade de obter satisfação sexual adicional através destas práticas?</p> <p>19. P1: Sim, sentia. Não as obtinha, não era</p>	<p>19. No entanto, P1 confessa que na impossibilidade de atuar sobre os seus impulsos, sentia a necessidade de realizar práticas sexualmente sádicas. P1 refere que esta limitação não lhe trazia desconforto, embora sentisse</p>	<p>Permanência dos impulsos sexualmente sádicos</p> <p>Abertura na divulgação dos seus</p>

<p>particularmente que me incomodasse, porque senão a relação também não tinha durado tanto tempo, não é? Mas sentia, e dizia isso à pessoa.</p>	<p>a necessidade de a tornar conhecida à parceira.</p>	<p>desejos com a parceira</p>
<p>20. Não fazia nada na prática acerca disso, mas frequentemente era algo que fazia parte das minhas fantasias quanto estava sozinho, quando por exemplo me masturbava, e esta pessoa sabia, e mesmo que não soubesse, azar o dela. Fazia parte das minhas fantasias apesar de, lá está, a minha relação na altura ser bastante satisfatória e como tal era apenas uma fantasia.</p>	<p>20. P1 declara que, embora não procurasse formas de satisfazer tais necessidades no âmbito das relações sexuais, procurava através da masturbação agir sobre os seus impulsos, os quais perceciona como fantasias. P1 também refere que a parceira teria conhecimento de que se masturbava perante tais fantasias, embora não atribua importância a esse facto.</p>	<p>Necessidade de atuar sobre fantasias sádicas, através de atos masturbatórios</p> <p>Consciência desta necessidade por parte da parceira</p>
<p>21. Tenho a certeza que toda a gente tem as suas, e não é por termos isso e por vezes os masturbarmos com isso que precisamos de agir sobre elas.</p>	<p>21. P1 perceciona as fantasias sexuais como sendo um fenómeno que assiste a todas as pessoas, não considerando o ato da masturbação com base nas mesmas um motivo para agir sobre elas.</p>	<p>Perceção das suas fantasias sexuais como equiparáveis à das outras pessoas</p> <p>Desvalorização da necessidade de agir sobre elas</p>
<p>22. Fazia falta na altura. Como se por exemplo eu estivesse numa relação que apenas consistisse naquilo que chama o tal sadismo, o tal BDSM, numa relação baseada puramente nisso, também faria falta a componente sexual. Iria dar ao mesmo.</p>	<p>22. P1 afirma que, no momento da sua vida em que se encontrava num relacionamento duradouro no qual não executava estas práticas, estava ciente de que as mesmas lhe faziam falta. Não obstante, P1 refere que numa situação em que apenas recorresse a práticas sádicas, também sentiria falta da componente sexual normal.</p>	<p>Consciência da necessidade de práticas BDSM</p> <p>Consciência da necessidade de práticas baunilha intercaladas</p>

<p>E: Recorre a instrumentos para executar estas práticas?</p> <p>23. P1: Sim. Normalmente instrumentos mais usados para flagelação. Chicotes de vários tipos, chibatas, cintos, palmatórias... Depois há é vários tipos de cintos, vários tipos de palmatórias, vários tipos de chicotes, vários tipos de chibatas....</p>	<p>23. Quando questionado se utiliza instrumentos no contexto destas práticas, P1 confirma que recorre com frequência a instrumentos cujo objetivo é a flagelação da pele. P1 especifica os instrumentos utilizados, indicando chicotes, chibatas, cintos e palmatórias.</p>	<p>Utilização de instrumentos para flagelação</p>
<p>24. E também instrumentos para restringir movimento: cordas, correntes, algemas (não aquelas algemas de polícia, que não acho piada nenhuma a isso), mas algemas de cabedal, esse género de instrumentos, particularmente.</p>	<p>24. P1 afirma também utilizar instrumentos com o objetivo de restringir os movimentos da parceira. P1 especifica os instrumentos utilizados, indicando cordas, correntes e algemas de cabedal.</p>	<p>Utilização de instrumentos para restrição de movimentos</p>
<p>25. Também outra prática que gosto... é a utilização de agulhas.</p>	<p>25. P1 refere ainda o gosto pela utilização de agulhas.</p>	<p>Utilização de instrumento perfurante</p>
<p>E: Porque é que sente necessidade de recorrer a estes instrumentos?</p> <p>26. P1: Provocam dor na outra pessoa e é isso que eu quero.</p>	<p>26. Quando questionado sobre o motivo da utilização dos instrumentos, P1 declara que recorre a estes para provocarem dor, sendo esta o objetivo das práticas.</p>	<p>Instrumentos utilizados para causar dor</p>
<p>27. E eu pessoalmente prefiro não usar a minha mão, porque, ao fim de algumas palmadas, está-me a doer mais a mim do que a outra pessoa, e a ideia não é tanto essa. E prefiro usar instrumentos, a mim já não me dói tanto.... Estou a falar literalmente, não gosto de sentir a minha mão a doer ao fim de dar 30 palmadas, prefiro usar estes instrumentos</p>	<p>27. P1 declara que utiliza os instrumentos em detrimento da mão, por não gostar de experienciar dor ao aplicar palmadas. P1 refere que a determinada altura, ao dar palmadas com a mão, começa a sentir mais dor do que a parceira, situação esta que desgosta.</p>	<p>Utilização de instrumentos para maximizar a dor na parceira e minimizar a dor em si próprio</p>

<p>28. E uso-os porque provocam dor na outra pessoa e no fundo está aí o objetivo do jogo.</p>	<p>28. P1 refere que o motivo pelo qual utiliza instrumentos é para provocar dor, indicando esta como o objetivo do jogo.</p>	<p>Práticas vistas como um jogo</p> <p>Instrumentos usados para atingir o objetivo do jogo</p>
<p>E: É só a dor que motiva o seu prazer?</p> <p>29. P1: É mais a dor, mesmo, a dor física.</p>	<p>29. Em resposta à pergunta do entrevistador, P1 refere que a dor física é o estímulo que mais lhe proporciona prazer no âmbito destas práticas.</p>	<p>Dor física como principal estímulo sexual</p>
<p>30. A degradação às vezes, mas eu não considero isso degradação, eu acho... a realização de atos que seriam normalmente considerados degradantes, que no fundo não são, são perfeitamente saudáveis, normalmente, a maioria das pessoas baunilha diriam «eu nunca seria capaz de fazer isso» mas eu não considero isto degradação</p>	<p>30. P1 refere sentir prazer ocasionalmente com a degradação da parceira. No entanto, P1 refere ter a consciência de que percebe como sendo naturais e saudáveis atos considerados degradantes pela maioria das pessoas.</p>	<p>Humilhação contribui para excitação sexual</p> <p>Perceção de atos considerados humilhantes como naturais</p>
<p>31. Portanto, 95% é dor física mesmo. A componente psicológica para mim tem pouco peso.</p>	<p>31. P1 afirma que a dor física se sobrepõe largamente à dor psicológica como fonte de excitação sexual.</p>	<p>Dor física como principal estímulo sexual</p>
<p>E: Associa rituais ou regras a estas práticas?</p> <p>32. P1: Regras temos a <i>safeword</i>. Aquela palavra que se combina para o caso, porque muitas vezes implorar, chorar, faz parte do jogo, e para termos a certeza que a pessoa está mesmo a ultrapassar o limite há uma <i>safeword</i>, uma palavra que se combina qualquer. Uma palavra esquisita que não tenha nada a ver com a atividade, sei</p>	<p>32. P1 relata a existência de uma regra que utiliza aquando das práticas sexualmente sádicas, que consiste na verbalização manifesta de uma palavra pré-determinada entre P1 e a parceira, utilizada quando a mesma sente necessidade de indicar a P1 que a prática está a ultrapassar os seus limites e deseja terminar a atividade. P1 atribui a</p>	<p>Existência de regras</p> <p>Palavra pré-determinada que assegura comunicação clara de que a parceira submissa pretende cessar a prática</p>

<p>lá, dicionário, por exemplo, uma palavra qualquer, que a pessoa diz e então aí parou tudo. Isso combina-se logo, faz parte da preparação.</p>	<p>necessidade de existência da regra ao facto de os apelos para parar e o choro serem parte integrante da dinâmica, não sendo portanto indicativos de que a parceira deseja terminar a atividade.</p>	
<p>33. E depois gosto de preparar, calmamente, amarrar, prender a mão, prender o braço, escolher o chicote, escolher o instrumento, pôr a pessoa em posição, mudar a pessoa de posição, etc. toda a preparação é um ritual bastante excitante, é um bocadinho como confeccionar um prato antes de comer.</p>	<p>33. A preparação da sessão constitui um ritual gerador de excitação sexual para P1. P1 descreve este ritual de preparação, o qual executa com calma, que consiste em restringir os movimentos da parceira, determinar o seu posicionamento e a escolha dos instrumentos a utilizar.</p>	<p>Dinâmicas sexuais vistas como sessões</p> <p>Preparação das sessões consiste num ritual excitante</p>
<p>E: E encontra-se inserido em comunidades BDSM, virtuais ou reais?</p> <p>34. P1: Sim, encontro-me envolvido com a comunidade BDSM em Portugal, tanto na parte virtual, eu sou o administrador do fórum BDSM Portugal, e na parte do real também tenho o meu perfil na rede, no facebook de BDSM, que é o Fetlife, e isso é um perfil normal de utilizador, em termos de fórum sou administrador</p>	<p>34. P1 informa do seu envolvimento com comunidades virtuais de BDSM, sendo administrador num fórum de BDSM em Portugal e utilizador numa rede social dedicada ao BDSM.</p>	<p>Envolvimento na comunidade virtual de BDSM</p>
<p>35. E na parte real convivo nos convívios que são organizados e organizo algumas festas e outras vezes apareço noutras festas que outros membros organizam.</p>	<p>35. P1 informa do seu envolvimento na comunidade de BDSM presencial, com a qual interage ao organizar ou frequentar eventos relacionados com BDSM.</p>	<p>Envolvimento na comunidade de BDSM presencial</p>
<p>36. Mas sim, na parte real, aliás, pra mim as pessoas não</p>	<p>36. Para P1 as comunidades virtuais representam um</p>	<p>Envolvimento na comunidade virtual</p>

<p>podem fazer BDSM atrás de um computador, com um perfil só, quando no fundo têm a mulher e os filhos sem saberem de nada na sala ao lado. BDSM tem de ser feito na prática, e eu aí procuro sair,</p>	<p>meio intermédio para praticar BDSM no mundo real. P1 considera que não é possível praticar BDSM no meio virtual sem um envolvimento presencial.</p>	<p>como meio de praticar BDSM presencialmente</p>
<p>37. E quando conheço pessoas novas, quer sejam pessoas que me interessam por algum motivo ou simplesmente pessoas que querem conhecer isso, o que eu as aconselho logo é: descubram quando é que vai haver um evento, procurem conhecer novas pessoas, vão tomar um café com elas, conversem, vejam pessoas no mundo real.</p>	<p>37. P1 percebe como essencial o contato presencial com pessoas do meio e envolvimento com a comunidade BDSM à iniciação neste tipo de sexualidade.</p>	<p>Contato presencial percebido como essencial na introdução à sexualidade e comunidade BDSM</p>
<p>E: Essa preferência sexual causou-lhe constrangimentos a nível social, pessoal ou profissional?</p> <p>38. P1: Não, nenhum. Em nenhum deles, não. Profissional, nunca ninguém soube. Quer dizer, e mesmo que soubessem, sinceramente não sei o que poderia ser,</p>	<p>38. A sua sexualidade não representa, para P1, constrangimento profissional, na medida em que nenhum dos seus colegas ter conhecimento das suas preferências. Em adição, P1 conjectura que o conhecimento das suas preferências sexuais por parte dos seus colegas não traria constrangimento significativo.</p>	<p>Inexistência de constrangimentos profissionais devido às preferências sexuais</p> <p>Desconhecimento por parte dos colegas da sua sexualidade</p> <p>Previsão de inexistência de constrangimentos no caso dos colegas terem conhecimento</p>
<p>39. De constrangimentos a nível social, também não. Por exemplo, o meu nickname na comunidade é DomPorto, e muitas vezes eu tenho algumas t-shirts que mandei fazer, porque uso quando, lá está, vou</p>	<p>39. A sua sexualidade não representa, para P1, constrangimento social, na medida em que P1 enverga abertamente, no seu dia-a-dia, vestuário representativo da comunidade BDSM, não</p>	<p>Inexistência de constrangimentos sociais devido às preferências sexuais</p>

<p>às tais festas ou aos tais eventos, uma ou outra t-shirt com o meu nome e com o símbolo de BDSM... às vezes vou ao café ao pé da minha casa com essa t-shirt, eu sei que a maior parte das pessoas não sabe o que aquilo quer dizer ou quase a generalidade das pessoas não sabe, mas não.</p>	<p>experienciando receio em ser reconhecido ou associado à mesma pelos outros.</p>	<p>Desinibição na divulgação da sua sexualidade à sociedade</p> <p>Inexistência de receio</p>
<p>40. Por exemplo, muitas vezes chego de uma festa, eu costumo andar com os meus brinquedos numa mochila, tipo mochila de escola, e a mochila normalmente tem o seu tamanho e a chibata fica com a ponta de fora e a cana fica com a ponta de fora e muitas vezes eu chego a meio da noite e não estou para a tirar do carro e deixo no banco de trás do carro à porta de casa, e assim que forem passar ao lado do carro no outro dia de manhã e durante o dia vai ver, não me causa particularmente constrangimentos, não. Pelo menos não tenho aquele medo de estar a esconder tudo.</p>	<p>40. P1 relata ser comum fazer-se acompanhar dos seus instrumentos quando frequenta eventos relacionados com BDSM. P1 afirma também não experienciar receio em ser associado a práticas sádicas pelos transeuntes, deixando à vista no automóvel, por uma questão de conveniência, objetos indicativos das mesmas práticas.</p>	<p>Inexistência de receio em ser associado a estas práticas</p>
<p>41. Tinha aqui uma cruz desmontada encostada a uma parede, os vizinhos vinham a casa, passavam por lá, não, nunca tive uma obsessão por esconder isto.</p>	<p>41. P1 declara manter um acessório indicativo das suas práticas num local visível da sua casa, não exibindo preocupação em escondê-lo perante a presença de visitas.</p>	<p>Inexistência de receio em ser associado a estas práticas</p>
<p>E: Há aspetos positivos que associe a estas práticas?</p> <p>42. P1: Eu mesmo o associo a ter uma vida sexual saudável,</p>	<p>42. P1 associa as práticas sexualmente sádicas a uma vida sexual saudável, na qual experiencia realização sexual.</p>	<p>Práticas sádicas associadas à realização sexual e vida sexual saudável</p>

quer dizer, as pessoas sentirem-se sexualmente realizadas.		
43. Algumas pessoas sentem-se sexualmente realizadas pelo sexo baunilha e muitas vezes. Outras têm sexo baunilha e poucas vezes.	43. P1 equipara a sua realização sexual à realização sexual de indivíduos que não realizam estas práticas.	Realização sexual com as práticas equiparada à realização sexual normal
44. Isto é uma questão de realização versus frustração. Frustração é ter fantasiado com isto a vida toda e pôr em prática uma vez ou nunca, ou só de vez em quando ou então saber que estas coisas existem mas nunca ter coragem de fazer, isso é frustração.	44. Para P1, a realização destas práticas traduzem-se na sua realização sexual. P1 percebe como frustração sexual a não-satisfação das fantasias sexuais sádicas, ou a não realização destas práticas não obstante do conhecimento de que elas existem.	O receio de experimentar ou a não satisfação de fantasias sádicas percebidas como frustração sexual
45. A grande vantagem é sentirmo-nos realizados, é viver com a sexualidade que por algum motivo o nosso cérebro determinou que era a nossa, vivê-la em pleno. Viver como nos dá mais prazer.	45. Para P1, a realização destas práticas representa a vivência em pleno da sua sexualidade, tal como se apresenta.	Satisfação dos impulsos sádicos percebidos como vivência plena da sua sexualidade
E: Como é que estas práticas se inserem na sua vida afetiva? 46. P1: Eu estou atualmente casado, conheci a minha mulher na comunidade BDSM, entretanto pronto, começou o relacionamento, e depois relacionámo-nos durante bastante tempo... o relacionamento evoluiu também para uma componente romântica, achámos que era interessante termos uma vida em conjunto, casámos.	46. Para P1 as práticas sexualmente sádicas encontram-se inserida na sua vivência afetiva, partilhando uma relação matrimonial com uma parceira compatível com as preferências sexuais de P1. P1 indica que conheceu a mulher na comunidade BDSM à qual pertencia, tendo iniciado um relacionamento sexual no qual atuava sobre os seus impulsos sádicos, tendo o mesmo evoluído para um relacionamento amoroso.	Práticas sádicas inserias no relacionamento afetivo Relacionamento afetivo atual com parceira compatível sexualmente Comunidade BDSM como responsável pela sua junção com a parceira

<p>47. E eu não diria todos os dias e às vezes se calhar nem uma vez por semana mas na nossa casa, praticamos regularmente, e às vezes várias vezes por semana, depende muito também das ondas com que estamos mas praticamos em casa entre nós, e praticamos também quando vamos eu e ela a festas ou a eventos, faz parte plena da minha vida atual afetiva e sexual.</p>	<p>47. P1 refere realizar práticas sexualmente sádicas com a esposa como parte integrante da sua vida afetiva, na privacidade do seu lar, embora nem sempre com a mesma frequência, podendo variar entre nenhuma a várias vezes por semana. Por outro lado P1 refere realizar estas práticas com a esposa em eventos relacionados com BDSM, de forma menos privada.</p>	<p>Preferências sexuais enquadradas na vivência do seu relacionamento afetivo</p> <p>Variações na tipologia e frequência das práticas sexuais</p> <p>Práticas sádicas vivenciadas em privado no lar ou publicamente em eventos BDSM</p>
<p>E: Algum outro aspeto importante a referir?</p> <p>48. P1: É importante sublinhar... a consensualidade. Só me dá gosto provocar dor numa outra pessoa porque a outra pessoa concorda, e à partida, está a ter também prazer com essa dor.</p>	<p>48. P1 percebe o prazer da parceira em experienciar dor como sendo essencial à sua própria excitação sexual no âmbito das práticas sexualmente sádicas. P1 percebe-se como incapaz de sentir gratificação sexual ao realizar tais práticas sem o consentimento da parceira.</p>	<p>Prazer da parceira como essencial à sua própria gratificação sexual</p> <p>Consentimento como essencial à gratificação sexual</p>
<p>49. Mas no fundo, se está a ter prazer ou não, também não me preocupa muito. Desde que ela concorde, que seja consensual. Eu acho que isso é que é fundamental e é muito importante</p>	<p>49. No entanto, P1 confessa que o prazer da parceira em experienciar dor é pouco relevante para a sua excitação sexual, sendo no entanto de suprema importância que a mesma consinta com as práticas.</p>	<p>Prazer da parceira visto como acessório à sua gratificação sexual</p>
<p>50. Porque senão, se não houver essa consensualidade nem estamos a falar de sexualidade, estamos a falar de outra coisa qualquer que deve ter outro nome. Mas que</p>	<p>50. A realização de práticas sexualmente sádicas sem o consentimento do parceiro é percebida, por P1, como sendo um fenómeno fora do</p>	<p>Realização de práticas sádicas sem o consentimento da parceira visto como um fenómeno fora da sexualidade.</p>

certamente que não é sexualidade....	que considera ser a sexualidade.	
<p>51. E: Quando se apercebeu destas tendências procurou saber mais informação?</p> <p>P1: Não, informação não. Não andei à procura de especificações, nem de porquês, nem do que é que era nem do que é que não era, porque para mim como era tudo novo era tudo natural. Um peixe que está na água também não procura saber o que é que é a água, porque simplesmente é.</p>	<p>51. P1 nega, nos momentos subsequentes a ter tomado consciência da sua sexualidade, ter sentido qualquer necessidade em procurar informação com o intuito de melhor compreender a sua sexualidade, por ter experienciado o fenómeno com naturalidade.</p>	<p>Inexistência de preocupação em procurar informação</p> <p>Impulsos sexuais experienciados de forma natural</p>
<p>52. Agora procurei mais material mas mais do mesmo. Ou seja, ok isto para mim sabe bem, então vamos lá ver o que é que há mais aí disto, mais do mesmo, ou seja, mais livros, mais filmes, isto é uma coisa. Agora procurar no sentido de... intelectualizar, não.</p>	<p>52. Após ter tomado consciência da excitação que derivava destes materiais, P1 refere ter procurado interagir com mais materiais semelhantes, de modo a prolongar os estímulos potenciadores de prazer.</p>	<p>Procura de mais materiais</p> <p>Procura de prolongar os estímulos</p>
<p>E: Quando é que descobriu estas comunidades de BDSM? Como é que esta descoberta se processou?</p> <p>53. P1: Ora bem, isto foi já uns anos depois, isso foi em, já quando eu estava de regresso em Lisboa de um trabalho. Eu na altura já praticava regularmente, que tinha com parceiras, em relações estáveis – namoradas, praticamente. E uma parceira... a maio de uma prática que, calhou, eu não sabia que ela tinha estes interesses, simplesmente... falamos daquilo, calhou em conversa, e gostámos. Ela então é que me falou da comunidade, e do que é que</p>	<p>53. Para P1 a inserção na comunidade BDSM se deu após as práticas sádicas terem tomado lugar na manifestação da sexualidade e no contexto dos seus relacionamentos afetivos. P1 tomou consciência da existência deste agrupamento por via de uma parceira, que despertou o seu interesse em conhecer a comunidade e o iniciou na dinâmica social que caracteriza a comunidade, à qual P1 se adaptou. P1 percebe a mesma como constituindo um mundo real no qual os interesses sexuais</p>	<p>Conhecimento da comunidade BDSM através de parceira</p> <p>Inserção na comunidade BDSM com apoio da parceira</p> <p>Adaptação à dinâmica social da comunidade</p> <p>Comunidade percebida como</p>

<p>são sádicos, etc. E ela depois levou-me a jantar e introduziu-me, quase que me ‘mentorou’ nestas questões de comunidade organizada, mas isto já foi bastante depois... foi quando comecei a tomar contacto com a realidade organizada.</p>	<p>se convergem em práticas e interações organizadas.</p>	<p>o mundo real organizado</p>
<p>E: E acha que este envolvimento na comunidade trouxe algum impacto na sua vida?</p> <p>54. P1: Sim, quer dizer, influenciou no sentido em que a partir do momento em que se trocam ideias com outras pessoas e descobrem-se práticas novas e descobrem-se coisas que nunca tinha feito mas que, ah, se calhar é interessante fazer, por exemplo a questão de agulhas, de utilizar agulhas, é um evento que me ocorre. Sim, quer dizer, influenciou no sentido em que eu acrescentei mais algumas coisas que quis experimentar.</p>	<p>54. A inserção na comunidade BDSM trouxe alguma influência à sexualidade de P1, na medida em que a troca de ideias e descoberta de novas práticas efetuadas por outros sujeitos com motivações sexuais semelhantes permitiu experimentar novas práticas e formas de obter satisfação sexual, como a utilização de agulhas.</p>	<p>Inserção na comunidade influenciou a forma como vivencia a sexualidade</p> <p>Troca de ideias permitiu a experiência de novas práticas</p>
<p>55. Algumas gostei, outras nem por isso, mas trouxe mais variedade, trouxe mais possibilidades, algumas foi interessante, outras experimentei e não tinha muita piada, e isso obviamente que contribuiu para o meu enriquecimento, sim, sem dúvida.</p>	<p>55. A experiência de novas práticas constituiu para P1 um enriquecimento pessoal e sexual, no qual pôde decidir o tipo de práticas que melhor o satisfaziam.</p>	<p>Enriquecimento pessoal e sexual</p>
<p>E: E limites? Tem? Como são estabelecidos.</p> <p>56. P1: À partida nós já combinamos as coisas, já existe um guião mais ou menos pré-</p>	<p>56. Para P1, a realização das práticas sádicas pressupõe uma discussão e compromisso com a submissa, sendo as mesmas praticadas de acordo com</p>	<p>Práticas pressupõem discussão e compromisso</p>

<p>feito do que é que vai acontecer.</p>	<p>uma dinâmica previamente estabelecida, a qual é relativamente constante.</p>	<p>Dinâmica constante estabelecida previamente</p>
<p>57. Limites a existir terá a ver com a intensidade, mas isso aí é regulado enquanto a coisa acontece, do que já lhe devo ter falado que é a safeword, portanto. E mesmo assim se não é com safeword eu também vou calibrando a reação das pessoas. Mas o limite assim dentro das práticas que eu tenho têm a ver mais com intensidade do que outra coisa. Não tenho assim limite particular a não ser o da intensidade e o da safeword. (...)</p>	<p>57. P1 contempla as práticas sádicas que realiza como sendo limitadas apenas no que respeita à sua intensidade, sendo que embora a existência destes limites esteja manifesta na consciência do mesmo, P1 toma a responsabilidade de regular a intensidade das práticas de modo a não ultrapassar os mesmos. De modo a assegurar esta regulação, P1 implementa como regra uma palavra de segurança, a ser pronunciada pelas parceiras quando as práticas ultrapassam o limite do que estão dispostas a experienciar.</p>	<p>Limites no que respeita à intensidade das práticas</p> <p>Responsabilidade em assegurar estes limites</p> <p>Regulação da intensidade conforme a reação causada e implementação da palavra de segurança</p>
<p>58. Claro há coisas com que eu não estou à vontade e não faria.</p>	<p>58. P1 refere também a existência de limites autoimpostos, os quais se baseiam nas práticas que lhe agradam ou não praticar</p>	<p>Limites autoimpostos</p>
<p>E: E no decorrer das práticas aplica corretivos ou intensifica as práticas quando a sua companheira demonstra comportamentos que não considera adequados ou inesperados?</p> <p>59. P1: Não, isto é mais uma questão de 24/7 ou disciplina doméstica, como lhe quiserem chamar. Não temos este género de relacionamento, não, quando isso acontece, é uma questão de roleplay, o faz-de-conta, o teatro, não é algo que</p>	<p>59. P1 refere aplicar medidas corretivas ao comportamento da parceira apenas no âmbito de práticas caracterizadas por encenações.</p>	<p>Medidas corretivas exclusivas a encenações</p>

<p>está implementado na nossa relação.</p>		
<p>E: Acha que as atividades do seu cotidiano interferem com a realização destas práticas?</p> <p>60. P1: Sim, porque as pessoas têm uma vida, e então têm dificuldades. Às vezes estão mais stressadas, outras vezes, é assim, interfere como interfere da mesma forma numa relação sexual baunilha. Claro que interfere, umas pessoas não estão muito para aí viradas, outras vezes até estão, é normal, interfere com qualquer outro nível de sexualidade, é sempre afetada por o que nos acontece nas outras vertentes na nossa vida.</p>	<p>60. P1 admite a existência de aspetos da vida quotidiana como o stress que interferem com a experiência da sua sexualidade, embora equipare esta interferência com as influências do dia-a-dia na sexualidade normativa.</p>	<p>Interferências do dia-a-dia na experiência da sexualidade</p> <p>Influência equiparada com a sexualidade normativa</p>
<p>E: Perceciona que a comunidade BDSM e as suas práticas neste contexto marcou de alguma forma o seu estilo de vida?</p> <p>61. P1: Contribuíram, mas não alteraram radicalmente. Modificaram ligeiramente, ou seja, tudo com o que nós nos relacionamos causa impacto. Obviamente o fazer parte desta comunidade durante tantos anos introduziu alterações em mim, eu também gosto de pensar que introduzi uma ou outra alteração na comunidade, ou seja, isto é uma relação que não é estática, portanto sim, obviamente que produziu. Não diria que houve nenhuma</p>	<p>61. P1 perceciona o seu envolvimento na comunidade BDSM como uma relação dinâmica permutável, na qual a partilha de informação e experiências produziu influências tanto na comunidade como no estilo de vida de P1.</p>	<p>Influência da comunidade sobre o sujeito e do sujeito sobre a comunidade</p>

<p>mudança radical, não sou assim muito diferente do que era antes. Sim, mas obviamente que há diferenças...</p>		
<p>62. (Que alterações é que introduziu?). Fora do BDSM? (Sim). Mais desenvoltura, ou seja mais assertividade, no sentir mais à vontade para dizer que gostos de estas práticas ou que simpatizo com este género de ideias ou que isto é interessante ou que não recuso certas questões. Ou seja deixou-me ... mais à vontade para, e noutros contextos, falar da minha sexualidade.</p>	<p>62. A nível psicológico, P1 admite a influência da comunidade BDSM ao nível das atitudes que exhibe, percecionando-se como mais assertivo e menos conservador no que respeita à revelação e discussão dos seus interesses sexuais.</p>	<p>Influência da comunidade nas atitudes</p>
<p>E: Acha que tem maior afinidade relacional com as pessoas que pertencem a este mundo, isto é, que partilham os seus gostos?</p> <p>63. P1: Não. Com algumas tenho e outras não mas isso tem a ver com as pessoas e não com o fato de elas praticarem isto ou aquilo. Não há qualquer correlação neste aspeto.</p>	<p>63. P1 nega ter sentir-se mais próximo ou ter preferência em relacionar-se com praticantes de BDSM em detrimento da restante população.</p>	<p>Inexistência de preferências relacionais</p>
<p>E: Como é que funciona a dinâmica de poder existente consigo e a sua parceira?</p> <p>64. P1: Eu penso que o que eu falei na altura e não me recordo já bem, tem a ver com uma questão de, ok, apesar de isto não ser uma prática 24/7, não está ativa; há uma postura, há uma personalidade que está subjacente e que não se manifesta só nas práticas.</p>	<p>64. Embora a dinâmica de poder vivenciada no momento das práticas sádicas não se estenda à dinâmica relacional entre P1 e a parceira, o mesmo revela um certo desnível de poder na relação com a parceira que é percecionado como menos evidente e acentuado, o qual P1 atribui à sua personalidade dominante.</p>	<p>Desnível de poder nas práticas</p> <p>Desnível de poder no relacionamento, menos acentuado, atribuído à personalidade</p>

<p>Manifesta-se regularmente, obviamente com muito mais atenuantes e isso é muito mais atenuado mas manifesta-se. Portanto esta dinâmica que existe eu costumo chamar de ‘o voto de qualidade’ ou seja a última palavra é a minha. Tem a ver muito com essa situação. Depois acontece nos contextos mais diversos, claro, mas com uma ou outra exceção muito pontual e muito calculada, normalmente reflete-se por aí... no final quem decide sou eu.</p>		
<p>E: Diria que esta dinâmica acarreta um gasto de energia físico ou emocional?</p> <p>65. P1: Não. A coisa está mecanizada, já é algo que é natural.</p>	<p>65. P1 não atribui à manutenção deste desnível de poder qualquer investimento energético, na medida em que as práticas, por via da habituação, passaram a ser vivenciadas de forma automatizada.</p>	<p>Desnível de poder não acarreta investimento energético</p> <p>Práticas automatizadas</p>
<p>E: Mencionou na sua experiência a ideia de regras. No seu entender, existe algum inconveniente em aplicar regras, ou existem circunstâncias em que as mesmas não são eficazes?</p> <p>66. P1: A ideia de regras é sempre boa.</p>	<p>66. Para P1, a imposição de regras no decorrer das práticas é vista como vantajosa e necessária</p>	<p>Imposição de regras vista como vantajosa</p>
<p>67. Eu sei que há gente que não gosta muito delas, mas a ideia de regras é sempre boa. Pode é não ser as melhores regras, mas isso já é outra coisa. Há que balançar quais é que poderão ser melhores, mas desde safeword até regras de convívio até nas festas... há quem diga que é muito mecânico, torna a coisa</p>	<p>67. P1 percebe a implementação de regras no decorrer das práticas como vantajosas, embora admita ser necessária uma escolha e adaptação das regras às vivências de cada sujeito, sob pena das mesmas não cumprirem o seu propósito, o qual é descrito como</p>	<p>Implementação das regras como vantajosa</p> <p>Necessidade de escolha e adaptação das mesmas às vivências pessoais</p>

<p>cristalizada. Se calhar sim, mas então arranjam coisas melhores. Mas algumas regras tem de haver... é suposto ajudar a fluir sem problemas.</p>	<p>facilitador da realização das práticas</p>	<p>Regras como facilitadoras da realização das práticas</p>
<p>68. (E a nível da sua vivência sexual?) Não. Não interfere, porque, é a questão da safeword quando estamos em plays e de resto há uma lógica, digamos do sexo baunilha ser mais ativo e, não é bem ativo a palavra, mas pronto é isso, que considero tão natural que já nem considero regra, é natural, é como é.</p>	<p>68. P1 não experiencia consequências negativas decorrentes da implementação de regras, as quais percebe como fazendo parte integrante da expressão da sua sexualidade</p>	<p>Inexistência de consequências negativas percebidas</p> <p>Regras como parte integrante da expressão sexual</p>
<p>E: E por exemplo esta safeword. Considera que ela funciona sempre?</p> <p>69. P1: Sempre que é usada, raramente é usada mas sim. Tem que funcionar... Comigo sempre funcionou...</p>	<p>69. P1 percebe a regra da palavra de segurança como sendo eficaz</p>	<p>Palavra de segurança percebida como eficaz</p>
<p>E: E cuidados? Diria que tem algum tipo de cuidados para com a sua parceira no âmbito das práticas?</p> <p>70. P1: Sim, o normal. O normal, é acarinhar, acariciar um bocado, depois, se for preciso passar algum creme ou algum cuidado mais específico, aplicar um bocado. Baixar o tom de voz ou modificar um bocadinho o meu tom de voz, para um tom de voz mais apaziguante, exato. Pronto, todo o cuidado nas horas seguintes, ser muito mais com pezinhos de lã, do que seria</p>	<p>70. P1 refere sentir a preocupação de providenciar alguma atenção ao bem-estar da parceira na fase posterior às práticas efetuadas, tendo por objetivo assegurar que todas as suas necessidades são suprimidas. Este cuidado passa igualmente, para P1, por tratá-la de forma especialmente carinhosa e delicada.</p>	<p>Preocupação com o bem-estar da parceira</p> <p>Assegurar a supressão das necessidades da parceira</p>

<p>normalmente ou digamos um cuidado extra, uma atenção extra às necessidades, também. Se por preciso alguma coisa ou ir buscar alguma coisa, este género de situações. Para mim é o normal.</p>		
<p>E: E isto serve para quê?</p> <p>71. P1: Porque a pessoa que se colocou na posição de baixo, passou por uma experiência que foi mais intensa que a minha. Pelo menos certamente mais dolorosa foi. Esteve mais exposta, esteve dominada, pronto. E isto tem um impacto psicológico mais forte do que teria em mim. Como tal, é normal que para compensar este impacto de este choque, que depois hajam estes cuidados, o aftercare. Acho que por aí. Pelo menos é com este intuito que eu o faço.</p>	<p>71. Para P1, estes cuidados são da sua responsabilidade e permitem restaurar o bem-estar psicológico da submissa, o qual P1 percebe ter sido afetado, pelas práticas dominantes e dolorosas a que a mesma foi sujeita.</p>	<p>Cuidados percecionados como sua responsabilidade</p> <p>Cuidados objetivam a restaurar o bem-estar da parceira</p> <p>Bem-estar da submissa percecionado como afetado pelas práticas</p>

Anexo D
Análise do protocolo de P2

TABELA 13

Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico – P2

Unidades de Significado	Unidade de Significado Psicológico	Temas principais
<p>E: E: Considera-se sádico, sexualmente? Se sim, porquê?</p> <p>1. P2: Tecnicamente sou sádico, porque tenho, não tanto prazer no sofrimento da outra pessoa... eu tenho prazer no poder. Não propriamente no sofrimento da outra pessoa.</p>	<p>1. Em resposta à pergunta do entrevistador, o Participante 2 (P2) refere que se percebe como sádico sexualmente, por obter satisfação sexual a partir de uma relação de poder sobre outra pessoa. Não obstante, P2 não percebe a dor física como estímulo significativo para a sua satisfação sexual.</p>	<p>Perceção de ser sádico sexualmente.</p> <p>Obtenção de satisfação sexual a partir do exercício de poder sobre outrem.</p> <p>Sofrimento físico visto como acessório à gratificação sexual</p>
<p>2. De certa maneira o poder passa por impor algo que a outra pessoa não quer ou não deseja, havendo consentimento como é evidente.</p>	<p>2. P2 concebe o exercício do poder como a imposição de uma situação considerada indesejável pela outra, embora com o consentimento desta última.</p>	<p>Exercício de poder por imposição de situação a quem não a deseja</p>
<p>3. Mas, havendo esse consentimento, dessa troca de poder, eu tenho prazer em exercê-lo e é ao exercer dá-me gozo, dá-me prazer entre aspas obrigar a pessoa a fazer coisas que ela normalmente não faria.</p>	<p>3. Para P2, o consentimento para que exerça poder sobre outrem permite que este obrigue a parceira a tomar ações que normalmente se recusaria a fazer, retirando desta cedência de poder excitação sexual.</p>	<p>Consentimento percebido como cedência de poder.</p> <p>Excitação sexual derivada desta cedência.</p>

<p>E: Pode dar exemplos?</p> <p>4. P2: Tudo... vejamos, uma pessoa que seja muito orgulhosa, muito senhora do seu nariz, eu provavelmente colocá-la-ia a servir-me à mesa, a ir-me buscar tudo o que eu quisesse.</p>	<p>4. P2 descreve uma dinâmica de poder, na qual incita a parceira a servi-lo e obedecer às suas ordens, sendo estas ações vistas como indesejáveis pela parceira, por ser orgulhosa e independente.</p>	<p>Dinâmica de poder</p> <p>Imposição de ordens indesejadas pela parceira.</p>
<p>5. Não é tanto uma questão que... eu tenho mais gozo no jogo mental que no jogo físico. Portanto, eu iria jogar mais provavelmente com as fraquezas e com as vulnerabilidades da pessoa. Portanto, dependendo da pessoa, depende do que é que eu faria.</p>	<p>5. P2 experimenta maior prazer na componente psicológica da cedência de poder, ao invés da física. P2 percebe a dinâmica de poder como um jogo, no qual lhe dá gozo fazer a parceira enfrentar as suas vulnerabilidades.</p>	<p>Prazer na componente psicológica</p> <p>Dinâmica vista como um jogo</p> <p>Prazer em fazer a parceira enfrentar vulnerabilidades</p>
<p>6. Uma pessoa que é muito vulnerável, que é muito fraca entre aspas, não é fraca, é uma pessoa que tenha muitos complexos com ela própria e seja muito vulnerável à crítica não é uma pessoa que possa entrar neste género de jogos. Ou neste género de interação. Porquê? Porque não ia conseguir lidar com a emoção. Isto passa pela humilhação também. Isto está tudo interligado.</p>	<p>6. Por outro lado, P2 percebe indivíduos muito vulneráveis à crítica como incapazes de participar na dinâmica de cedência de poder, por ser incapaz de lidar adequadamente com a humilhação subjacente a este género de interação sexual.</p>	<p>Perceção de sujeitos com muitas vulnerabilidades como incapazes de lidar com a humilhação</p>
<p>7. E então quando... isto é como as sereias, agente começou por perguntar como é que eu tenho gosto pelo prazer sádico, pelo sofrimento da outra pessoa. Eu na prática não é propriamente o sadismo de fazer sofrer alguém por fazer sofrer. É, no exercer do poder que eu tenho sobre a outra pessoa, eu tenho gozo porquê? Se eu</p>	<p>7. P2 reforça a ideia de que a dor física não é um estímulo significativo à obtenção de prazer sexual, sendo o exercício do poder sobre outra pessoa a fonte de excitação sexual. P2 explica que desta dinâmica deriva satisfação sexual, por ser a única forma de usufruir da sensação de poder, que por sua vez o faz perceber-se como tendo esse poder.</p>	<p>Exercício do poder como fonte principal de excitação sexual</p> <p>Cedência de poder percebida como fonte de poder</p>

<p>não o exerço, não o tenho. Não usufruo dele. E se não usufruo dele, também não o tenho...</p>		
<p>E: E quando é que se apercebeu que tinha estas tendências? 8. P2: Por volta dos 6 anos.</p> <p>E: Pode explicar como isso aconteceu? P2: Eu tinha... os meus pais deram-me uma coleção da Disney e eu, de todas as personagens que eu gostei, era a Cinderela que eu gostava mais, ou melhor, me atraía mais. A situação em que ela estava sob o poder e impotente, da madrinha e das enteadas.</p>	<p>8. Para P2, a tomada de consciência veio em criança, quando, ao visualizar o filme da Cinderela se apercebeu ter um prazer especial ao ver a Cinderela impotente, subjugada ao poder da madrinha e das enteadas.</p>	<p>Tomada de consciência na infância a partir de materiais áudio-visuais</p>
<p>9. E comecei a imaginar coisas sobre o assunto... Cenários em que uma pessoa ficava presa e sob o domínio de outras, a imaginação era muita, e os cenários eram muito grandes, essencialmente, sumarizando, seria uma pessoa que estava por alguma razão, por algum motivo presa, e sob o domínio da outra pessoa e essa outra pessoa podia fazer o que quisesse sobre ela.</p>	<p>9. P2 relata ter fantasiado, após a visualização do filme, cenários complexos nos quais uma pessoa se encontrava subjugada ao domínio de outra, tendo esta última a liberdade para fazer dela o que lhe aprouvesse.</p>	<p>Fantasia sexuais com temas de domínio sobre outra pessoa</p>
<p>10. Eu comecei a experimentar coisas em mim próprio e continuei a fazê-lo sozinho, até aos 26, 27 anos...</p>	<p>10. P2 refere ter agido sobre as fantasias quando começou a fazer experiências com o seu próprio corpo, atividades estas que se prolongaram até à idade adulta.</p>	<p>Atuação sobre a fantasia com atos masturbatórios</p>
<p>11. Por volta dos 24, 25, descobri que havia uma coisa chamada BDSM, encontrei um livro numa livraria, e então aí comecei à procura e foi mais ou menos nessa altura que surgiu a internet em Portugal, e</p>	<p>11. Para P2, a descoberta do BDSM a partir de um livro, fez com que procurasse explorar o fenómeno na internet, recém-chegada a Portugal, representando assim a possibilidade de procurar ativamente pessoas</p>	<p>Descoberta do BDSM</p> <p>Procura de informação</p> <p>Procura de pessoas que compartilham dos seus interesses</p>

nessa altura comecei à procura de outras pessoas iguais a mim.	que compartilhavam dos seus interesses sexuais.	
<p>12. Até lá fantasiava e imaginava comigo mesmo.</p> <p>E: Quando diz que experimentou coisas consigo estamos a falar de que tipo de coisas?</p> <p>P2: ...Cera, cordas, por aí.</p>	<p>12. P2 refere que antes da descoberta do BDSM, apenas interagia no âmbito dos impulsos sexuais consigo próprio, por via da fantasia e toques autoeróticos, recorrendo a materiais como cera e cordas.</p>	Utilização de materiais durante os atos masturbatórios
<p>E: E sentia excitação sexual com isso?</p> <p>13. P2: Sim, os meus primeiros orgasmos eram assim.</p>	<p>13. P2 descreve os seus primeiros orgasmos como relacionados a estas experiências autoeróticas.</p>	Primeiros orgasmos provenientes de práticas autoeróticas com materiais
<p>E: Sentiu-se constrangido por ter estes impulsos?</p> <p>14. P2: Não. Posso dizer que sou um bocado autocentrado e nunca me preocupei muito com o que é que as outras pessoas iam pensar. Obviamente que não queria que a minha mãe descobrisse, mas isso não ia correr bem. Infelizmente ela apanhou-me uma vez ou duas, e achou que eu era assim meio avariado dos cornos.</p>	<p>14. P2 nega ter-se sentido constrangido ao experienciar estes impulsos, por ser autocentrado e dar pouca importância à opinião dos outros. Ainda assim, P2 descreve um sentimento de apreensão em que a mãe tomasse conhecimento das suas experiências, o que de facto se sucedeu e fez com que fosse visto pela mesma como perturbado psicologicamente.</p>	<p>Inexistência de constrangimentos</p> <p>Pouco significado atribuído à opinião dos outros</p>
<p>15. Mas, regra geral, fazia o que queria porque me apetecia, nunca perguntei se as outras pessoas eram iguais ou deixavam de ser iguais, ou aí por diante. Fazia porque me apetecia.</p>	<p>15. P2 refere ter por hábito ceder aos seus desejos sem preocupar-se em saber que os restantes partilhavam dos seus gostos.</p>	Cedência aos desejos sem preocupações
<p>E: E como é que essa sexualidade se enquadrava nos seus relacionamentos? Que papel é que ela tinha nos seus relacionamentos? Passou a procurar pessoas com esta sexualidade em específico?</p>	<p>16. Para P2, torna-se fundamental vivenciar relacionamentos nos quais a parceira seja sexualmente compatível com os seus desejos e necessidades sexuais.</p>	Relacionamento afetivo com parceira compatível sexualmente

<p>16. P2: Eu tenho de encontrar alguém que seja compatível com as minhas vontades e com as minhas necessidades...</p>		
<p>17. eu tive duas namoradas ditas baunilhas, não correu bem. Uma eu ainda não sabia muito bem o que era BDSM, ou o que é que era e o que é que acontecia, nós não nos demos muito bem e acabou por rebentar.</p>	<p>17. P2 designa momentos da sua vida em que vivenciou relacionamentos nos quais estas práticas não tinham lugar, que designa de ‘baunilhas’, tendo percecionado os mesmos como insatisfatórios. P2 descreve o primeiro relacionamento como tendo atingido o ponto de rutura, por a namorada não ter conhecimento do fenómeno BDSM e das práticas que o mesmo envolvia, o que originou atritos entre o casal.</p>	<p>Relacionamentos baunilha vistos como insatisfatórios</p> <p>Rutura do relacionamento devido a incompatibilidade com desejos sexuais</p>
<p>18. A outra pessoa tinha mais vinte anos que eu... ela tinha 55 e eu tinha 30 e picos e foi na altura mais ou menos em que eu comecei a dar os primeiros passos na comunidade BDSM internacional e descobri que havia mais gente. Comecei a procurar e a pesquisar o que é que as outras pessoas faziam e um dia disse-lhe, mostrei-lhe umas fotografias e quinze dias depois recebi um <i>sms</i> a dizer que não conseguia lidar com isso e adeus...</p>	<p>18. P2 situa o segundo relacionamento que designa de ‘baunilha’ na altura em que ele próprio descobriu a comunidade BDSM e pessoas que compartilhavam dos seus gostos. A rutura deste relacionamento, com uma parceira significativamente mais velha, é descrita por P2 como devida à inabilidade por parte da mesma em lidar com os gostos de P2, quando este lhe mostrou evidências fotográficas do que implicariam as práticas que desejava executar.</p>	<p>Tentativa de agir sobre os impulsos com a parceira</p> <p>Rutura do relacionamento devido a incompatibilidade com desejos sexuais</p>
<p>E: E atualmente? 19. P2: Eu encontro-me num relacionamento em que dentro das realidades da sociedade e do dia-a-dia nós fazemos o que podemos e vivemos muito bem. E somos muito</p>	<p>19. P2 refere encontrar-se neste momento num relacionamento, o qual descreve como sendo compatível com as suas necessidades e as da parceira. P2 considera este relacionamento como sendo satisfatório e adequado à</p>	<p>Relacionamento afetivo atual com parceira compatível sexualmente</p> <p>Relacionamento atual considerado satisfatório</p>

compatíveis um com o outro.	realidade social atual. P2 explica que no âmbito deste relacionamento, as práticas são executadas conforme possível, sendo o mesmo considerado satisfatório.	Execução das práticas conforme possível
E: Recorre a instrumentos para executar estas práticas? 20. P2: Há aqui uma diferença... Eu não uso propriamente objetos.	20. Em resposta à pergunta do entrevistador, P2 nega a utilização de objetos no âmbito das práticas sádicas.	Não utilização de objetos no momento das práticas
21. Nós (eu e a pessoa com quem eu estou) temos uma relação, e a nossa dinâmica... o que nós somos faz parte da nossa relação.	21. Para P2, a relação com a parceira engloba a dinâmica que partilham.	Relacionamento afetivo engloba a dinâmica sexual sádica
22. Se há coisas que nós usamos mais que outras? Há. Arrudes (ropes), uma chibata de vez em quando, um colete-de-forças, uma burka de vez em quando, e pouco mais. Neste momento, a nossa vida também não nos permite muito mais.	22. Para P2, a utilização de instrumentos é condicionada pelo seu estilo de vida. No entanto, P2 refere a utilização de instrumentos, em particular chibata, burka e colete de forças.	Utilização condicionada de instrumentos nas práticas.
23. Se pudéssemos, se tivéssemos mais vida pra isso, então havia mobília em casa, uns <i>Fucking Bench</i> como os ingleses chamam, uns anéis por toda a casa, umas jaulas, por aí por diante. Havia mais coisas.	23. Nesta sequência, para P2 outras condições de vida representam a possibilidade de recorrer a uma maior diversidade de instrumentos. Em particular, P2 refere o desejo em obter mobília para o efeito, anéis, jaulas e outros.	Desejo em obter mais objetos no futuro.
E: Associa rituais ou regras a estas práticas? 24. P2: Neste momento, não temos grandes rituais ou protocolos.	24. P2 afirma que os rituais e protocolos não fazem parte da sua dinâmica sexual com a parceira.	Inexistência de rituais ou protocolos
25. Ela faz o que eu lhe digo, <i>within reason</i> , permito-lhe, ela tem voto na matéria, pode discutir, pode argumentar. Mas a minha palavra é o voto final.	25. P2 refere a existência de uma regra na dinâmica sexual do casal, na qual a parceira obedece às suas ordens. P2 refere dar à sua possibilidade a possibilidade de opinar e argumentar acerca das suas ordens,	Parceira obedece às regras Permissão dada à parceira para argumentar

	sendo no entanto a sua vontade decisiva.	
<p>26. E essencialmente não há assim mais regras. Nós descobrimos que as regras são contraproducentes... Em primeiro lugar, as regras não são flexíveis o suficiente para o dia-a-dia. Em segundo lugar, e a partir da altura que se tem uma regra que não é cumprida no dia-a-dia, deixa de ser uma regra.</p>	<p>26. P2 enumera os motivos que o levam a desconsiderar a existência de outras regras no âmbito do seu relacionamento sexual. Por um lado, P2 considera-as pouco flexíveis para serem aplicadas no dia-a-dia, fazendo assim com que deixem de poder ser consideradas regras.</p>	<p>Inexistência de regras</p> <p>Perceção de regras como pouco flexíveis</p>
<p>27. Em segundo lugar, as regras, no primeiro dia é engraçado, no segundo dia é giro, ao quarto dia faz-se, ao fim de uma semana é um frete para os dois, ao fim de um mês, ninguém quer fazer aquilo.</p>	<p>27. Por outro lado, P2 refere não gostar de regras por se faltar das mesmas facilmente, passando estas a tornar-se um fardo para o casal.</p>	<p>Regras percecionadas como um fardo</p>
<p>E: Poderia dar um exemplo?</p> <p>28. P2: Por exemplo... a regra que muita gente fantasia: quando o dominador chega a casa, a submissa ou submisso tem de se ajoelhar à porta. No inverno não dá muito jeito, quando se tem filhos não dá muito jeito, e mesmo quando não se tem essas duas coisas, um dia a parte submissa teve um dia muito lixado e não está com a cabeça naquela onda, naquele espírito, ou magoa-lhe o joelho, ou o dominador chegou a casa e está cansado, está stressado, e a última coisa que quer é ter uma pessoa naquela posição, a lidar com isso.</p>	<p>28. Em resposta à pergunta do entrevistador, P2 dá um exemplo de como uma regra que inicialmente causa prazer se pode tornar um inconveniente. P2 refere que, a regra que consiste na submissa ajoelhar-se nua à porta quando o dominador chega a casa pode sempre ser conveniente. Em particular, P2 explica que razões como o frio, a existência de filhos na casa, dores no joelho ou o estado emocional da parceira submissa podem diminuir a sua vontade de obedecer à regra em determinada altura. Por outro lado, P2 refere que também o dominador pode ver-se inclinado ignorar a regra, em alturas de maior cansaço, nas quais não se sente capacitado para</p>	<p>Transformação das regras que inicialmente proporcionam prazer num inconveniente</p> <p>Estado psicológico ou condição física alteram a disponibilidade para aplicar a regra</p>

	interagir com a submissa naquele contexto.	
<p>29. Porque dominar também implica energia emocional. Porque quando uma pessoa se entrega a nós, nós também temos que nos entregar a eles. E quando nós não temos muita energia emocional, não funciona muito bem. Se tivermos um dia muito complicado no trabalho, não temos muita energia emocional.</p>	<p>29. P2 percebe o domínio sobre outrem como acarretando um gasto de energia emocional e psicológica. Neste sentido, P2 experiencia a entrega por parte da parceira submissa como uma exigência para que também este se entregue ela, pelo que um dia de trabalho mais exigente representa um desgaste emocional que impossibilita esta sua entrega.</p>	<p>Domínio acarreta um gasto de energia psicológico</p> <p>Processo de entrega recíproco</p> <p>Energia psicológica nem sempre disponível</p>
<p>30. Portanto essas regras em que tentam manter um certo... <i>mindcode</i> todos os dias é muito bonito mas isso só permite quando as pessoas têm emprego das nove às cinco e conseguem deixar o trabalho às cinco, quando saem. Não é o meu caso.</p>	<p>30. P2 percebe que a existência de regras que exigem um certo estado mental é um objetivo apenas alcançável pelos sujeitos cujo emprego lhes permita uma estabilidade de horários. P2 não se considera como pertencente a este grupo, pelo que percebe este objetivo como inatingível.</p>	<p>Regras exequíveis apenas quando da estabilidade de horários</p>
<p>E: A sua satisfação sexual deriva, maioritariamente, destas práticas?</p> <p>31. P2: Não consigo sentir satisfação sexual de outra maneira.</p>	<p>31. P2 afirma apenas conseguir obter satisfação sexual através destas práticas, sexualmente sádicas.</p>	<p>Satisfação sexual obtida exclusivamente por meio destas práticas</p>
<p>E: Sentia algum impulso que lhe indicasse que necessitava de incorrer nestas práticas?</p> <p>32. P2: Eu tanto posso estar (e isto é uma pescadinha de rabo na boca). Às vezes eu estou mais virado para fazer as práticas, às vezes é mais ela que está virada para fazer as práticas. E às vezes nenhum dos dois está virado para isso e passamos o serão no sofá a ver um filme qualquer, e às vezes a meio do filme,</p>	<p>32. P2 relata que a iniciativa para incorrer nestas práticas sexuais tanto pode partir deste como da sua parceira submissa, sendo que por vezes a mesma surge durante uma atividade do dia-a-dia, como ver um filme, de forma espontânea.</p>	<p>Iniciativa para execução das práticas parte dos dois parceiros</p>

<p>um de nós os dois provoca o outro de alguma maneira.</p>		
<p>E: E encontra-se inserido em comunidades BDSM, virtuais ou reais? 33. P2: Hoje em dia nada... Eu já estive muito envolvido na comunidade BDSM portuguesa e alguma coisa na estrangeira. Virtualmente e realmente, em físico.</p>	<p>33. Em resposta à pergunta do entrevistador, P2 refere não se encontrar, atualmente, envolvido com a comunidade BDSM, embora já tenha estado no passado, de forma marcada, nas comunidades nacional e estrangeira, tanto virtualmente como presencialmente.</p>	<p>Pertença à comunidade BDSM no passado</p> <p>Falta de ligação atual com a comunidade BDSM</p>
<p>34. Hoje em dia e há cerca de dois ou três anos a esta parte mais ou menos desliguei. Por um lado já não tenho vida, não tenho tempo, nem disponibilidade pra isso.</p>	<p>34. A retirada de P2 das comunidades BDSM deu-se há cerca de dois ou três anos, por falta de disponibilidade para se manter ativo nas mesmas.</p>	<p>Retirada da comunidade BDSM por indisponibilidade</p>
<p>35. Estar envolvido na comunidade implica um investimento de tempo que eu já não tenho disponível a esta altura do campeonato. E por outro, falta interesse, porque entrou muita gente nova, que está agora a perguntar coisas que eu já perguntei há muito tempo e já cheguei a essas conclusões e há muita gente que eu conheço e que não quero me dar, porque chegámos à conclusão que a melhor maneira de nós ajudarmos é concordar e discordar.</p>	<p>35. Para P2, o envolvimento na comunidade BDSM representa um investimento de tempo e interesse. Neste sentido, P2 atribui a sua retirada da comunidade à falta de disponibilidade e interesse em nelas participar, devido ao fluxo que novas pessoas inexperientes na área e à existência de outros membros da comunidade com os quais não pretende relacionar-se.</p>	<p>Comunidade BDSM requer investimento pessoal</p> <p>Retirada da comunidade por falta de disponibilidade e desinteresse nos novos membros</p>
<p>36. E sinceramente, já não sinto necessidade, aliás, é uma coisa que tenho visto. Já entrei nesta comunidade há cerca de 15 anos, que as pessoas à medida que vai passando o tempo, desligam-se da comunidade e nunca mais</p>	<p>36. P2 atribui igualmente a sua retirada da comunidade BDSM à falta de necessidade de envolvimento nesta. P2 vem percecionando, desde a sua entrada para a comunidade, há 15 anos, que os membros da mesma se vão retirando</p>	<p>Cessaçãoda de necessidade de pertença à comunidade BDSM</p> <p>Perceção de retirada</p>

<p>aparecem. Não viver a vida deles e seguem caminho.</p>	<p>progressivamente, com o passar do tempo, para nunca mais voltarem a participar na mesma.</p>	<p>progressiva dos membros</p>
<p>E: E o que procurava nestas comunidades BDSM quando com elas se envolveu?</p> <p>37. P2: Satisfação da minha curiosidade e da minha necessidade de BDSM e de ter este género de relações.</p>	<p>37. P2 atribui o seu envolvimento na comunidade BDSM como o meio que utilizou para satisfazer a curiosidade relativa ao BDSM, no âmbito das suas necessidades sexuais.</p>	<p>Procura da comunidade como meio de satisfação da curiosidade</p>
<p>E: Essa preferência sexual causou-lhe constrangimentos a nível social, pessoal ou profissional?</p> <p>38. P2: Não porque posso dizer que eu tenho muito pouca vergonha na cara. E quando alguém me pergunta sobre o assunto eu digo abertamente se gosto ou não gosto, se sou ou não sou, e se alguém não gosta, paciência.</p>	<p>38. P2 não vivenciou qualquer tipo de constrangimentos causados pela sua preferência sexual, por não atribuir importância ao que os outros pensam sobre si. P2 refere ainda falar abertamente sobre as suas preferências sexuais, quando sobre estas é indagado.</p>	<p>Inexistência de constrangimentos devido às preferências sexuais</p> <p>Desinibição / abertura quanto às preferências sexuais</p>
<p>E: Há aspetos positivos que associe a estas práticas?</p> <p>39. P2: Às práticas não sei. À vivência, sei. Uma pessoa só consegue ir para além de enxotar as moccas com um chicote quando se conhece a si próprio. E quando se é honesto consigo próprio. BDSM não é só práticas, aliás, a última coisa que o BDSM é são as práticas.</p>	<p>39. P2 percebe como essencial à vivência do BDSM o autoconhecimento e honestidade consigo próprio, o que representa, para si, uma vantagem.</p>	<p>Honestidade e autoconhecimento como essenciais à experiência</p>
<p>40. BDSM é uma relação entre duas ou mais pessoas. E quando se encontra as duas pessoas, e as duas pessoas aceitam o compromisso de estar uma com a outra e de viver uma vida mais ou menos, na medida do</p>	<p>40. P2 concebe a vivência de um relacionamento BDSM como um compromisso entre as partes envolvidas que tem por base a genuinidade.</p>	<p>Relacionamento BDSM com base na genuinidade</p>

<p>possível, sendo elas próprias.</p>		
<p>41. Por um lado, elas têm de ser verdadeiras e honestas com elas próprias, porque não podem dizer ao outro uma coisa que não são, porque não funciona. Não funciona, porque ao fim de uma semana, duas semanas, três semanas, a pessoa não pode ser o que não é. E vice-versa. Também não podemos ser o que não somos para as outras pessoas, nem para nós mesmos, nem para os outros. Então a relação rebenta, porque não somos aquilo que estávamos a anunciar. E eu acho que este é o maior benefício de muitos.</p>	<p>41. P2 percebe como essencial a um relacionamento BDSM funcional a honestidade entre as partes envolvidas, sob pena da verdade se tornar evidente passado algum tempo, culminando na rutura do mesmo. Para P2, esta necessidade de honestidade representa um benefício em relação aos relacionamentos que considerada ‘baunilha’.</p>	<p>Honestidade como essencial ao relacionamento BDSM</p> <p>Benefício relativo aos relacionamentos normais</p>
<p>42. A maior parte das pessoas baunilha vê o BDSM e as relações BDSM como uma coisa maluca, e um desvio de personalidade, em que as pessoas sofrem muito porque estão fora da normalidade da sociedade, e são estigmatizadas por ela, e aí por diante.</p>	<p>42. P2 considera que a sociedade composta pelas pessoas ‘baunilha’ percebe os relacionamentos BDSM como uma perturbação mental do foro da personalidade, que causa sofrimento e estigmatização por se desviar da normalidade.</p>	<p>Perceção de que a sociedade vê o BDSM como perturbação mental</p>
<p>43. Eu pessoalmente nunca me senti estigmatizado. Porque até hoje as pessoas com quem eu andei aceitaram bastante bem quando me perguntam ou eu lhes digo por alguma razão que sou praticante de BDSM levaram na boa, sem problemas. E uma ou outra pessoa que não levaram na boa, ninguém é obrigado a gostar de mim e também ninguém é</p>	<p>43. P2 não experienciou estigmatização por parte da sociedade ‘baunilha’, tendo sido bem aceite pela maioria das pessoas que tomaram conhecimento das suas preferências sexuais. P2 indica ainda não ter atribuído importância à opinião das pessoas que não respeitaram o facto de as suas preferências sexuais diferirem das suas.</p>	<p>Inexistência de sensação de estigmatização</p> <p>Aceitação por parte da sociedade</p> <p>Atribuição de pouca importância à opinião dos outros</p>

<p>obrigado a gostar deles. Não tenho problemas com isso.</p>		
<p>44. Isso é tanto igual como eu ter um amigo baunilha e dizer que gosto de futebol e do Benfica, e nunca mais falar comigo porque não gosta de gente do Benfica. Ou do PS, ou do PSD ou qualquer coisa assim do género.</p>	<p>44. P2 considera a estigmatização social devido às suas preferências sexuais como sendo equiparáveis à estigmatização devido a diferentes gostos no futebol ou política.</p>	<p>Estigmatização sexual equiparável à estigmatização desportiva ou política</p>
<p>45. Eu acho que acima de tudo BDSM obriga-nos a pensar. Mais do que uma pessoa normal pensa, em si próprio e na sua relação. E se não o fizer, não vai muito longe, nem consigo próprio nem com os seus instintos ou necessidades de ter qualquer tipo de relação de BDSM, pralém de enxotar as moscas com o chicote.</p>	<p>45. Para P2, o envolvimento num relacionamento BDSM exige uma maior autoanálise pessoal e do contexto relacionar, sob pena de, caso contrário, numa ser genuíno.</p>	<p>Análise pessoal e contextual como essencial à manutenção do relacionamento BDSM</p>
<p>E: Algum outro aspeto importante a referir que descreva a sua vivência neste contexto?</p> <p>46. P2: É difícil responder a uma coisa dessas, porque é como perguntar a qualquer outra pessoa como é que vive a sua vida e a sua sexualidade com o seu parceiro.</p>	<p>46. P2 experiencia dificuldade em descrever as suas vivências no âmbito desta sexualidade, por a enquadrar na sua vida sexual normal.</p>	<p>Dificuldade em descrever vivências sexuais</p>
<p>47. Eu vivo como sou e como nós somos, naturalmente. Não há nada de extraordinário. A minha relação com a pessoa com quem eu estou não é definida por regras, protocolos, práticas, sessões. É definida por quem nós somos mas pelas necessidades e vontades que nós temos</p>	<p>47. P2 enquadra as suas preferências sexuais, que considera comuns e ordinárias, como parte integrante do seu dia-a-dia. Para P2, o seu relacionamento não é definido pelas práticas que executa ou regras, mas antes pela personalidade, vontades e necessidades de ambos. P2 descreve variações na</p>	<p>Preferências sexuais enquadradas no dia-a-dia.</p> <p>Práticas vistas como pouco definidoras do relacionamento</p> <p>Relacionamento resultante de</p>

<p>um com o outro. E isso varia. Às vezes, já passámos dois ou três meses em que não fizemos absolutamente nada, nem mesmo sexualmente, baunilha ou não baunilha, e já houve semanas em que ninguém largava um do outro, dia e noite. Tem muito a ver com a disponibilidade emocional, com quem nós somos, com a fase da lua, sei lá. É o que acontece.</p>	<p>vivência sexual do casal, havendo períodos de tempo nos quais não se relacionam sexualmente, no que toca a práticas sádicas ou 'baunilha', e outros períodos no qual se relacionam sexualmente com grande frequência. P2 atribui esta variância à personalidade e disponibilidade emocional de ambos, entre outros fatores.</p>	<p>vontades, desejos e necessidades.</p> <p>Variações nas práticas sexuais, devido à disponibilidade emocional</p>
<p>48. Não há explicação, eu acho que as emoções não têm explicação, não têm termos nem títulos nem nada do género. Há dias em que eu lhe digo o que é que ela faz e ela me pergunta se pode ir à casa de banho, e há outros dias em que eu lhe pergunto a ela «olha, o que é que tu achas desta coisa?» e ela diz-me «olha, realmente, tens toda a razão, eu vou fazer assim» e pronto. Tem dias. É o dia-a-dia.</p>	<p>48. P2 experiencia dificuldade em explicar e descrever o seu relacionamento, considerando o mesmo como produto das emoções. P2 refere a existência de mudanças na dinâmica do casal, havendo alturas em que controla todos os movimentos da parceira, sendo necessário que a mesma peça autorização para ir à casa de banho, e outras em que discute as ideias com a sua parceira, dando lugar à sua opinião.</p>	<p>Dificuldade em descrever o relacionamento</p> <p>Varição do controlo sobre a dinâmica sexual</p>
<p>49. E: Considera que o prazer da sua parceira no âmbito das práticas é essencial à sua satisfação sexual? P2: O prazer "per se" não, mas a sua satisfação e realização emocional sim.</p>	<p>49. Para P2 o prazer sexual que a parceira deriva das práticas sexualmente sádicas é pouco significativo. No entanto, considera ser essencial à sua gratificação sexual, a satisfação da mesma face às práticas realizadas e a realização emocional que delas retira.</p>	<p>Prazer da parceira como pouco significativo à gratificação sexual</p> <p>Importância da satisfação da mesma perante as práticas e a realização emocional</p>
<p>50. E: Faz parte da sua vivência sexual o estabelecimento de limites, seus e da sua parceira? Se sim, em que medida? E estes limites são transponíveis? P2: Nós somos humanos, não somos autómatos, e já somos um</p>	<p>50. P2 enquadra as práticas sexualmente sádicas no relacionamento atual com a parceira, no qual a habituação e proximidade provenientes de um relacionamento longo,</p>	<p>Existência de limites transponíveis</p> <p>Proximidade com a parceira dita as práticas e</p>

<p>casal á vários anos. Não há limites rígidos, há conhecermos um ao outro e saber que reações cada um tem relativamente às coisas que cada um gosta. Não há limites rígidos, e por vezes as coisas mudam... às vezes um puxa outras vezes é puxado, outras vezes pede para ser puxado.</p>	<p>permite que, embora admita a existência de limites baseados nos gostos sexuais de cada um, estas práticas e limites sejam percebidos e vivenciados de forma natural e espontânea, sendo por isso transpostos conforme os desejos de ambos. P2 deixa implícito que este processo de transposição de limites por vezes é discutido ou verbalizado antes, e por vezes não.</p>	<p>transposição de limites com naturalidade e espontaneidade</p> <p>Discussão esporádica anterior à transposição de limites</p>
<p>51. E: Ao longo das suas práticas tem por hábito aplicar 'castigos' ou corretivos? Porquê? P2: Não. Primeiro porque não resulta quando se tem uma relação a "sério" com alguém. Não estou a tratar com uma criança mas com uma pessoa adulta que está aonde está porque assim o quer.</p>	<p>51. P2 nega o recurso a práticas mais violentas como forma de modelar o comportamento da parceira, na medida em que percebe estas práticas como ineficazes no âmbito das práticas realizadas num contexto afetivo. P2 não aceita a noção de que o comportamento deve ser ajustado com recurso a práticas extremas.</p>	<p>Recusa da noção de que o comportamento da parceira deve ser alvo de correção com recurso a práticas extremas</p>
<p>52. Se alguma coisa acontece que eu não gosto e falamos sobre isso, motivos, razões, etc. Se algum dia acontecer que ela faça algo com que eu não consiga lidar como em qualquer outra relação quando uma das partes não respeita a outra a relação provavelmente não irá durar muito.</p>	<p>52. P2 encara os comportamentos da parceira com naturalidade, sendo que nos casos em que um comportamento verificado lhe desagrade, o mesmo refere discutir o comportamento com a parceira, analisando os motivos subjacentes. Não obstante, perante a realização de comportamentos que P2 perceciona como inaceitáveis e seja incapaz de lidar, procede à dissolução da dinâmica, tal como faria em qualquer relacionamento que não envolvesse estas práticas.</p>	<p>Comportamentos encarados com naturalidade</p> <p>Comportamentos desagradáveis alvo de reflexão e discussão com a parceira</p>
<p>53. E: Sente que as atividades da vida diária ou as</p>	<p>53. P2 percebe determinadas contingências</p>	<p>Contingências da vida diária vistas</p>

<p>circunstâncias do dia-a-dia interferem na realização destas sessões? Se sim, como?</p> <p>P2: Não temos sessões, mas sim a falta de privacidade implica que nem tudo o que gostaríamos de Ser um com o outro não seja possível tanto quanto desejaríamos.</p>	<p>da vida diária como a falta de privacidade como condicionadoras da expressão da sua sexualidade. Ou seja, experiência restrições à expressão da sua sexualidade.</p>	<p>como condicionadoras da expressão da sexualidade</p>
<p>54. E: Tem cuidados ou aspetos a que dê importância antes, durante ou depois das sessões?</p> <p>P2: Tenho cuidado com o bem-estar físico e emocional da minha companheira antes, durante e depois de qualquer coisa. Estou sempre atento, e espero sempre continuar a estar. Em situações que ela está mais vulnerável eu obviamente estarei também com extra atenção a tudo o que se passar com ela.</p>	<p>54. P2 percebe-se como responsável pela manutenção do bem-estar físico e emocional da parceira no decorrer das práticas sádicas, evidenciando que esta é uma preocupação sua, que se intensifica quando a parceira lhe parece mais vulnerável.</p>	<p>Sentimento de responsabilidade para com o bem-estar da parceira</p>
<p>55. E: Considera que o envolvimento na comunidade BDSM as suas vivências sexuais marcaram de alguma forma o seu estilo de vida? Se sim, como?</p> <p>P2: No início da minha vivência do BDSM sim sem dúvida, hoje em dia nem por isso. Eu e a minha companheira contruímos o nosso <i>modus-vivendis</i> e muito pouco tem a ver com mundo das "sessões". As sessões por necessidade são estilizadas, quando existe uma relação entre duas pessoas para além da "sessão" as coisas tornam-se mais flexíveis e naturais... e honestas (não verdadeiras, mas honestas com o próprio e com o outro).</p>	<p>55. Para P2 o envolvimento com a comunidade BDSM teve impacto apenas no seu início, sendo que atualmente o mesmo desvaloriza o papel desta comunidade, ao insinuar que as sessões carateristicamente protagonizadas no meio BDSM são impessoais e inflexíveis. Atualmente, P2 estabeleceu uma dinâmica própria com a parceira, na qual as práticas são vivenciadas com maior naturalidade e flexibilidade, percebendo-as como conducentes a uma maior honestidade entre si e a companheira.</p>	<p>Envolvimento com a comunidade trouxe impacto inicial</p> <p>Desvalorização do seu papel na atualidade</p> <p>Sessões percebidas como impessoais e inflexíveis</p> <p>Dinâmica própria atual na qual há maior flexibilidade, naturalidade e honestidade</p>
<p>56. E: Acha que tem maior afinidade relacional com pessoas que compartilham dos seus gostos, em relação às pessoas 'baunilha'?</p>	<p>56. P2 nega ter relações de maior proximidade para com as pessoas do meio BDSM, por ter um estilo de vida no qual o BDSM toma apenas uma parte.</p>	<p>BDSM como apenas uma parte do estilo de vida</p>

P2: Já tive, hoje em dia a minha vivência resume-se a mais que o BDSM e portanto as pessoas que me rodeiam refletem isso.		
---	--	--

Anexo E
Análise do protocolo de P3

TABELA 14

Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico – P3

Unidades de Significado	Unidade de Significado Psicológico	Temas principais
<p>1. E: Considera-se sádico, sexualmente? Se sim, porquê?</p> <p>P1: Numas horas sim, noutras horas não, numa práticas sim, noutras práticas não. Se somar tudo, sim, às vezes. Se somar a outra parte, não, por vezes. Portanto, é um limbo, a definição de sádico, é complexa,</p>	<p>1. Em resposta à pergunta do entrevistador, o Participante 3 (P3) refere que percebe o seu sadismo sexual como correspondendo apenas a uma parte da sua sexualidade, na qual exerce algumas práticas sexualmente sádicas.</p>	<p>Perceção do sadismo sexual como parte integrante da sua sexualidade</p>
<p>2. mas... sim, sou, pronto, ok. Porque me dá prazer... não é a dor em si que me provoca prazer, eu não tenho prazer sexual algum em estar a chibatar alguém, não fico com tesão, como diz o outro... eu a mim, dá-me prazer digamos que cerebral, isto é, digamos que isto é um meio, não é um fim. O meu objetivo não é massacrar alguém fisicamente e extrair prazer disso, não.</p>	<p>2. P3 refere perceber-se como sexualmente sádico. Para P3, provocar dor a outrem constitui um meio para obtenção de gratificação sexual, e não um fim, pelo que P3 não associa a dor física diretamente ao seu prazer sexual.</p>	<p>Perceção de ser sexualmente sádico</p> <p>Dor como meio (e não fim) para atingir gratificação sexual</p>
<p>3. É mais o deixar marcas, ver o que é meu, impor as marcas também que me agradam ver quando se vai embora e que</p>	<p>3. P3 refere sentir excitação sexual derivada das marcas que deixa no corpo da companheira e de saber que</p>	<p>Excitação sexual derivada de marcas deixadas no corpo da parceira e do</p>

<p>está sozinha e olha pra ela. E... dentro dos limites estabelecidos do BDSM, seguro, consensual e saudável, não é? As regras básicas,</p>	<p>as mesmas irão permanecer no seu corpo posteriormente à interação sexual, fazendo com que a mesma se lembre da mesma nos momentos em que olha para as marcas. P3 refere restringir as suas práticas aos limites estabelecidos pela comunidade BDSM, segundo os quais as práticas devem ser seguras, saudáveis e consensuais.</p>	<p>conhecimento de que as mesmas permanecem temporalmente</p> <p>Práticas sexuais efetuadas dentro dos limites estimulados pela comunidade BDSM</p>
<p>4. portanto não sou um sádico daquele tipo que faz alguma coisa que alguém que não esteja para aí virado, mesmo sendo sub.</p>	<p>4. P3 diferencia-se de outros indivíduos sádicos que realizam práticas sem o consentimento do indivíduo submisso.</p>	<p>Diferenciação dos sádicos que realizam práticas sem o consentimento da outra parte</p>
<p>5. Não é preciso a pessoa (pode ser uma sub normal ou que nós chamamos baunilha, com definição de baunilha) portanto tem de haver um consentimento, quais são os limites até onde posso ir, e outros limites, com uma pessoa não vou. Quer dizer, de onde começa e de onde acaba, e cada pessoa é um caso, cada pessoa, gosta que vão mais longe com ela na dominação pública por exemplo, e outra na dominação privada. Uma gosta de sentir, cumprir ordens e não haver até nada físico mas há o forçar, o sadismo mental, que é aquele que se aplica a mim, nem tanto o outro... se bem que o executo.</p>	<p>5. P3 percebe como essencial o consentimento da outra parte, bem como o estabelecimento de limites e regras em relação às práticas que são vivenciadas por P3 e pela companheira. P3 refere respeitar os limites e gostos da outra parte, ajustando as práticas realizadas à pessoa com quem interage. P3 dá exemplos de gostos e limites, como a preferência pela dominação pública, privada ou puramente psicológica, sem contato físico. P3 percebe o sadismo psicológico, no qual há a dominação psicológica e não física do outro, como sendo o que mais lhe dá prazer.</p>	<p>Consentimento, regras e limites percebidos como essenciais à vivência</p> <p>Respeito pelos gostos e limites impostos pela parceira</p> <p>Práticas e vivência variam de acordo com a parceira com quem se relaciona</p> <p>Dominação psicológica preferida à dominação física</p>
<p>6. Mas é o sadismo mental. O <i>mindfuck</i> tem muito mais a ver comigo, e acho que sou bom, como diz o outro. De extrair</p>	<p>6. P3 experiencia mais prazer sexual a partir da dominação psicológica, que chama de sadismo mental. P3 percebe-se como um</p>	<p>Experiência de prazer sexual com a dominação psicológica</p>

<p>prazer dessa dominação cerebral. É por aí que eu vou.</p>	<p>bom dominador psicologicamente.</p>	<p>Perceção de ser bom dominador</p>
<p>E: E quando fala em dominação cerebral fala em que tipo de práticas?</p> <p>7. P3: As práticas: eu posso estar a falar contigo e a querer dominar, posso querer levar para um determinado caminho e não levar para outro... e conseguir fazer isso e conseguir fazê-lo assiduamente e não apenas uma vez mas digamos, também não é com um plano delineado mas nas pequenas coisas e tentando movê-las para o lado que eu quero, é isso.</p>	<p>7. Para P3, a dominação psicológica consiste em levar a parceira a pensar e agir da forma como pretende, de forma assídua.</p>	<p>Dominação psicológica, ao direcionar pensamento e atitude da parceira</p>
<p>8. É evidente que tudo começa pelo cérebro, eu acho que qualquer prática deste tipo começa pelo cérebro e só depois é que se desenvolve para práticas físicas. Porque estar a dominar alguém ou ter uma prática sádica pura e dura, isto é, usando um instrumento, um chicote, o que seja, uma paddle, o que seja: pôr a dominar fisicamente alguém, esse dominar fisicamente é para ela obter prazer e eu obter prazer.</p>	<p>8. Para P3, qualquer prática sexualmente sádica tem o seu início com a dominação psicológica, proporcionando assim as condições necessárias para se desenvolverem para o plano físico. P3 percebe as práticas sádicas de dominação física como fonte de prazer para si e para a parceira.</p>	<p>Práticas sádicas surgem a partir da dominação psicológica, proporcionando as circunstâncias que permitem a dominação física.</p> <p>Dominação física como fonte de prazer para o próprio e parceira</p>
<p>9. E eu obtenho prazer de facto em fisicamente marcar alguém. Se eu der uma dentada numa... mama de uma mulher, eu gosto de a pôr num sítio semivisível, isto é, tenho a preocupação de que ela tenha lá a negra. Agora não precisa ser uma negra ostensiva. Pode ser daquelas que se esconde e descaiu um</p>	<p>9. P3 refere obter satisfação sexual ao deixar uma marca física visível no corpo da parceira. Para P3, a marca deixada no corpo da parceira serve como recordação da vivência sexual na qual a mesma foi infligida, sendo essencial para P3 que a pessoa tenha a consciência</p>	<p>Satisfação sexual em marcar fisicamente a parceira em local visível.</p> <p>Marca serve como lembrete para a parceira, da vivência</p>

<p>bocadinho e agora já se vê. E que ela quando olha pra baixo, sabe que tem lá a marca, quem a deixou, em que condições, de que modo, porquê. Mas a pessoa tem de saber,</p>	<p>das circunstâncias em que a mesma foi realizada.</p>	<p>sexual da qual esta surgiu.</p>
<p>10. não me dá prazer dar uma trinca ou estar a chibatar alguém, e há pessoas que aguentam muito... eu tive uma experiência com uma sub que não era minha... tive uma vez uma sessão com ela e com o dono dela, e foi a pessoa mais hard que eu vi em termos de Masoquismo, de suportar dor, de suportar várias práticas... chegou a uma altura em que o prazer dela, queria ser chibatada hard, já não me estava a dar pica nenhuma, já estava a ser um pouco mecânico e eu não gosto nada da mecânica nestas coisas.</p>	<p>10. P3 não experimenta prazer sexual com o ato em si de infligir dor à parceira, mesmo que esta tenha alta tolerância à dor. P3 revela sentimentos de insatisfação perante uma experiência na qual a vivência de infligir dor extrema de dor sobre uma parceira que extraía prazer da experiência se tornou mecânica e repetitiva.</p>	<p>Ato de infligir dor por si só não proporcionador de satisfação sexual</p> <p>Sentimentos de insatisfação perante a infligir dor de forma mecânica.</p>
<p>11. Primeiro estão dois seres humanos. Um tenta dar prazer e outro tenta extrair prazer... porque eu não penso só em mim, quer dizer, eu tenho de pensar na parceira e em práticas que lhe deem prazer a ela e me deem prazer a mim, seja ela qual for a prática, sádica ou não.</p>	<p>11. P3 percebe a vivência como a troca de prazer entre dois seres humanos. P3 expressa preocupação em recorrer a práticas que proporcionem prazer tanto a si como à parceira.</p>	<p>Preocupação em recorrer a práticas sádicas que proporcionam prazer a ambos</p>
<p>12. É um bocado redutor pensar apenas num relacionamento BDSM é só sadismo: não, é um relacionamento normal com... nós somos uns baunilhas à frente, não no sentido que vai à frente mas é que passou outro patamar.</p>	<p>12. P3 percebe o relacionamento sexual com as parceiras como um relacionamento comum, no qual as práticas sádicas apenas tomam uma parte. P3 percebe-se como uma pessoa “baunilha” que evoluiu sexualmente.</p>	<p>Práticas sádicas percebidas como apenas uma parte integrante do relacionamento sexual</p>

		Percepção de ser um indivíduo “baunilha” evoluído.
<p>13. Que geralmente, o que acontecia aqui há muitos anos, era de quem praticava BDSM eram pessoas baunilhas que queriam mais da relação, que queriam mais, descobrir mais coisas... e portanto iam tentando outros jogos. Os baunilhas ficam por ali... o que eu reparava antigamente era que eram pessoas muito experientes como baunilhas, um sexo muito assíduo...</p>	-----	-----
<p>14. O que eu acho é que tem que haver um cruzamento entre mim e a parceira que está comigo, ela tem que ter prazer, eu tenho que ter prazer, ela tem prazer de uma forma, eu tenho prazer doutra, mas só eu ter prazer ou só ela ter prazer a mim não rende... não estou ali só a pensar em mim... eu quero o meu prazer, quero dar prazer ao outro e</p>	<p>14. P3 manifesta preocupação e sentido de responsabilidade para assegurar a obtenção de prazer da parte de ambos, recorrendo a práticas que agradem à parceira e práticas que lhe agradem a si</p>	<p>Preocupação em assegurar a satisfação sexual de ambos</p> <p>Responsabilidade de recorrer a práticas sexuais que permitam assegurar a satisfação sexual de ambos</p>
<p>15. quando eu não estiver a dar prazer ao outro (que eu não gosto que me corrijam) gosto de analisar quando a prática que eu estou a fazer não é aquela expectada para a pessoa que está comigo (por exemplo eu sou muito fraco em cordas, <i>bondage</i> a mim não é... eu sei amarrar alguém, enfim, mas não é... há subs que me pediam a mim: “epah, posso (geralmente tratam-se por senhor...) não se importa que o senhor então faça umas cordas comigo?” eu deixo que façam, não tenho problema nenhum.</p>	<p>15. P3 revela preocupação em analisar a eficácia das práticas sádicas que realiza e corrigir as que não proporcionarem prazer suficiente à parceira. P3 percebe-se como sendo mais experiente numas práticas em relação a outras, pelo que tem abertura suficiente permitir que a companheira recorra a alguém com mais experiência em determinadas práticas, quando esta o solicita. P3 refere gosto em</p>	<p>Preocupação em analisar a eficácia das práticas e ajustá-las</p> <p>Percepção de ser mais experiente em algumas práticas do que noutras</p> <p>Sentimento de abertura e permissividade para com a parceira, para</p>

<p>Até porque não é uma coisa que me dê pica, não é, a tal história, as cordas, as roupas... não é a minha área, eu sou <i>oldschool</i>, é mesmo chibatada para a frente é que é bom, o resto é converseta.</p>	<p>que a parceira submissa o trate como seu superior</p>	<p>que se envolva com outrem</p> <p>Prazer em ser tratado pela companheira como superior</p>
<p>E: E quando é que se apercebeu que tinha estas tendências?</p> <p>16. P3: 15 anos, 13 de Janeiro.</p> <p>E: Pode explicar como isso aconteceu?</p> <p>P3: Como? Eu sou um bocado precoce, costume dizer porque, o que é que eu fiz? Os meus quinze anos, fiz uma festa em casa de um amigo meu. Estava a estudar e tal e convidei uns gajinhos lá da minha turma da escola, e umas gajinhas lá da escola também. E acabei embrulhado, fiz a minha primeira ménage a trois. Embrulhado na casa de banho, numa banheira, a fazer uma sessão com elas duas. Fazer sessões de coisas de cacaracá, imobilizar com o cinto... palmadas, o cinto no rabo, ficaram as duas marcadas, e eram pitas como eu... quatorze, quinze anos deviam ter, mais ou menos da minha idade, da minha escola.</p>	<p>16. P3 iniciou as práticas sádicas no período de adolescência, ao iniciar a sua primeira atividade sexual consentida com duas parceiras da mesma faixa etária, recorrendo a práticas como imobilizar com o cinto, dar palmadas no rabo e bater com o cinto, tendo destas práticas resultado marcas no corpo das parceiras.</p>	<p>Início das práticas sádicas na adolescência, no âmbito da sua primeira atividade sexual.</p> <p>Recurso à imobilização das parceiras e à inflição de dor, resultando em marcas físicas.</p>
<p>17. E foi assim que começou, o que eu sei é que eu comecei a pensar nisso, no assunto... não foi logo no outro dia, foi uma coisa naturalíssima, aconteceu assim, aconteceu de outra maneira, só que depois eu</p>	<p>17. P3 vivenciou as práticas sádicas no âmbito da primeira atividade sexual de forma natural, não tendo dado grande atenção à experiência.</p>	<p>Vivência das práticas sádicas de modo natural</p> <p>Tomada de consciência</p>

<p>reparei que cada vez que eu estava ou com elas ou com outra pessoa havia sempre a propensão para fazer as coisas fora do normal e as coisas fora do normal era imobilização, o tal estalinho que era bem dado, que elas riam-se... mas depois faziam o que o homem queria, era a tal dominação.</p>	<p>Para P3, a tomada de consciência do gosto por práticas sádicas veio mais tarde, com as próximas atividades sexuais, nas quais se apercebeu da sua propensão para realizar práticas que percecionou como sendo fora do comum, nomeadamente imobilização e agressões. Fazendo uma retrospectiva, atualmente P3 tem consciência de que estas práticas consistiam numa iniciação nas práticas de dominação sobre as parceiras.</p>	<p>posteriormente, ao aperceber-se da sua propensão para realizar práticas sádicas nas atividades sexuais</p> <p>Consciência atual de que as primeiras experiências sexuais consistiram na iniciação às práticas de dominação</p>
<p>18. E depois, também fui aprendendo, fui lendo, pesquisando: a História de Oh é de 1975, por aí, lendo literatura, e fui vendo dessa maneira que, olha, há mais malucos que eu, que pensam da mesma maneira que eu. Mas assim no meio e na comunidade eu nunca conheci ninguém,</p>	<p>18. P3 refere ter sentido a preocupação de procurar saber mais sobre os seus gostos na literatura, tendo tomado a consciência de que existiam mais pessoas a partilhar os seus gostos sexuais. P3 refere não ter tido conhecimento de ninguém que partilhasse os seus gostos na comunidade em que se inseria.</p>	<p>Procura de mais informação relativa aos seus gostos</p> <p>Tomada de consciência de que os seus gostos eram partilhados por outros</p>
<p>19. já vi gajos muito violentos... sei de uma pessoa que por exemplo estava a fazer uma sessão numa piscina pública e partiu o pé a ela de propósito, mas a isso eu já não chamo sádico, eu chamo um nome doença, e não é uma doença por sadismo, é mesmo doente, o homem é completamente desequilibrado, porque uma sessão é para fazer bem, não é para fazer mal.</p>	<p>19. P3 diferencia o seu gosto por práticas sexualmente sádicas e o gosto por práticas prejudiciais à saúde do recipiente, caracterizados por violência extrema. P3 atribui o gosto pela violência extrema à doença mental, diferenciando-se dos indivíduos que a praticam.</p>	<p>Diferenciação e distanciamento dos indivíduos com práticas extremas prejudiciais à saúde.</p> <p>Atribuição do gosto por violência extrema à doença mental</p>

<p>20. Isto é, tudo tem limites, nunca me passaria pela minha cabeça, sou incapaz de deixar o rabo ou as tetas de uma sub impróprias para consumo, com os instrumentos que tenho. Mas também há limites, eu não vou matar ninguém, eu vou deixá-la fresquinha. E há pessoas que querem mesmo estar assim, não querem cá “Ah, um chicotinho assim à maneira...”</p>	<p>20. P3 refere a existência de limites no âmbito das práticas sádicas. P3 percebe-se como incapaz de recorrer a práticas prejudiciais à saúde da parceira, mesmo sendo desejado por esta.</p>	<p>Existência de limites no âmbito das práticas</p> <p>Perceção de incapacidade de executar práticas prejudiciais à saúde</p>
<p>E: Disse que foi aos 15 anos, mas antes disso nunca sentiu qualquer impulso indicativo deste gosto?</p> <p>21. P3: Não, nada. Espontaneamente, não houve nada que aos meus quinze anos, mesmo aquilo não foi pré-concebido... aconteceu assim, podia ter acontecido de outra maneira, quer dizer, com 15 anos ter uma ménage a trois também não é mas eu pensei, aconteceu, elas comerem-se e tal, eu ao pé delas, éramos pitos... Experiências.</p>	<p>21. P3 percebeu o gosto por estas práticas como espontâneo e natural, não tendo tido consciência de estímulos prévios indicativos do gosto por violência sexual</p>	<p>Inexistência de estímulos prévios indicativos do gosto por violência sexual</p>
<p>22. E foi por aí, mas antes disso não tive nenhum trauma de infância, tive uma infância super feliz, os meus pais... híper felizes, portanto, estive mesmo feliz. E nunca me lembro nem de nada de parecido nem de...</p>	<p>22. P3 refere nunca ter vivenciado nenhum evento traumático em criança que despoletasse o seu gosto por violência sexual</p>	<p>Inexistência de eventos traumáticos na infância que despoletassem o gosto por violência sexual</p>
<p>23. Eu vivo o BDSM, para mim é uma coisa normalíssima...</p>	<p>23. P3 enquadra o seu sadismo sexual na vivência BDSM, percebendo-a como um fenómeno natural.</p>	<p>Enquadramento do sadismo sexual na vivência BDSM</p>

		Fenómeno experienciado de forma natural
<p>24. Eu não sou muito agarrado ao Fet... não ando lá a postar, se for lá ver eu posto uma vez, três por ano, não quero exagerar, sou capaz de lá entrar, no limite 5 minutos, ver fotos, ou o que é que os outros postam, numa boa discussão eu normalmente publico posts... eu vou dar a minha opinião, mas não publico fotografias sem ser as minhas. Mas mesmo assim também muito poucas, não gosto por exemplo de (mas respeito quem lá põe) sexuais, com atos sexuais, a mim acho que ninguém tem nada a ver com a minha intimidade... indo na corrente, também tenho algumas minhas mas, especialmente aquelas que são o meu avatar, que é o Z com ferro, e outras de sessões, agora, eu ponho as menos, as mais suaves. Não me dá pica estar ali a expor o que faço, não publico lá há um ano, por aí, não pulico fotografias, não me interessa nada disso.</p>	<p>24. P3 refere um envolvimento na comunidade BDSM virtual, através da rede social Fetlife, a qual utiliza para visionar fotos e posts de outros sujeitos que compartilham dos seus interesses sexuais, e dar a sua opinião em discussões públicas.</p> <p>P3 refere ainda utilizar esta rede social para a publicação de fotos íntimas, por influência dos pares que aderiram a esta prática, embora expresse sentimentos negativos relativamente a sujeitos que publicam fotos íntimas de atos sexuais, por percecioná-las como uma exposição da privacidade do casal. P3 expressa desinteresse em publicar fotos íntimas de atos sexuais.</p>	<p>Envolvimento ativo na comunidade virtual de BDSM</p> <p>Partilha de informação com os pares</p> <p>Sentimentos negativos relativos à partilha de fotos íntimas</p>
<p>E: E voltando para trás um pouco, para quando tinha 15 anos. Sentiu-se constrangido por ter estes impulsos?</p> <p>25. P3: Não porque saiu de lá toda a gente contente. Não houve nenhuma prática... isto é, física e mentalmente ninguém saiu... quer dizer, uns estalinhos, uns cintinhos e tal mas na altura aquilo era tipo</p>	<p>P3 nega ter experienciado constrangimento aquando das primeiras práticas sexualmente sádicas, por percecionar que as práticas foram pouco elaboradas e violentas, não tendo produzido qualquer impacto negativo significativo, físico ou psicológico, para os intervenientes.</p>	<p>Inexistência de constrangimentos aquando da atuação sobre os impulsos</p> <p>Perceção de que as primeiras práticas trouxeram pouco impacto negativo</p>

<p>enxotar o pó, isto é, não era um tipo de práticas violentas nessa altura... de grau extremo. Coisa soft e tal.</p>		
<p>26. E foi engraçado porque pelo menos com uma delas ainda fiz mais meia dúzia de sessões... Porque houve ali um olhar, e na troca de olhar é que se vê o interesse de ir para a frente ou andar para trás ou parar aí, e as condições estavam reunidas para avançar e avançou um pouco mais para ali, mas lembro que ainda fiz mais algumas sessões com uma por exemplo, tanto quanto me lembro...</p>	<p>26. P3 afirma ter continuado a realizar estas práticas no âmbito de outras sessões com uma das intervenientes, por ter interpretado o seu olhar como um sinal de interesse em continuar a sua realização. P3 percebeu conseguir interpretar o olhar da parceira para determinar a satisfação da mesma com as práticas realizadas e avaliar o interesse desta em regressar, progredir ou cessar as práticas.</p>	<p>Continuação da realização das práticas sádicas</p> <p>Perceção de que o olhar da parceira é indicativo do seu desejo de continuar ou cessar as práticas</p>
<p>27. mas não me senti absolutamente mesmo nada mal porque do meu ponto de vista não fiz nada de mal e continuo a não fazer nada de mal.</p>	<p>27. P3 reforça o fato de nunca ter sentido qualquer tipo de constrangimento, por perceber que as suas práticas sádicas nunca foram prejudiciais a qualquer um dos intervenientes.</p>	<p>Inexistência de constrangimentos</p> <p>Perceção de que as práticas não são prejudiciais</p>
<p>28. As minhas subecas que estão ferradas é que podem pensar que sim... isto é, uma é casada e o marido tem de levar com aquele ferro. Mas são opções e desde que sejam bem explicadas – eu costumo explicar muito bem «não se esqueçam que quando é de ferro, essas coisas ficam para a vida, não é uma tatuagem que tu tiras, tu não tiras, pões por cima ou... não é bem, se bem que se vires alguma foto com o ferro que também tem «propriedade of zenux»... mas estás a ver, essa tatuagem não, eu não a queria pôr. Aliás, ela até é inestética, acho que está</p>	<p>28. P3 expressa a perceção de que as suas companheiras submissas podem ter experienciado constrangimentos devido às suas práticas sádicas, por terem marcas permanentes decorrentes destas.</p> <p>No entanto, P3 expressa ter tido a preocupação de explicar às companheiras submissas as consequências decorrentes de determinadas práticas, deixando à responsabilidade das mesmas a decisão da sua prossecução.</p>	<p>Perceção de que as companheiras experienciam constrangimentos</p> <p>Preocupação em explicar as consequências das suas práticas</p> <p>Atribuição da responsabilidade de decisão à parte submissa</p>

<p>muito grande. E ela é que por sua autorrecriação foi pôr aquela tatuagem... pronto, não disse nada, ela ia falando numa tatuagem, nem me disse onde nem nada... já lá tinha o ferro portanto também não era nada do outro mundo, e depois apareceu-me com aquilo, não gostei muito, não gostei nada que acho que é muito inestético.... É evidente que a vida dela pela frente, ela não está comigo, não é?</p>		
<p>29. Dá-me gozo, dá-me prazer saber que um gajo está a comer uma gaja e está a ver aquilo. Também se põe o problema que também diz «eu estou a comer a propriedade de outro gajo»... há sempre duas vertentes da moeda...</p>	<p>29. P3 percebe as suas companheiras marcadas permanentemente como sendo sua propriedade. P3 revela ainda experienciar prazer em saber que os parceiros sexuais das ex-companheiras sentem constrangimento perante a sua marca. P3 manifesta sentir desagrado pelo facto de alguns parceiros sexuais das ex-companheiras sentirem prazer ao ver no corpo das mesmas a marca de outro homem.</p>	<p>Perceção das companheiras marcadas como sua propriedade</p> <p>Prazer derivado do constrangimento dos atuais parceiros das ex-companheiras ao verem a sua marca</p> <p>Desagrado decorrente do prazer que alguns homens têm ao ver a sua marca no corpo das parceiras</p>
<p>E: E como é que essa sexualidade se enquadrava nos seus relacionamentos? Que papel é que ela tinha nos seus relacionamentos? Passou a procurar pessoas com esta sexualidade em específico?</p> <p>30. P3: É evidente que se estás inserida em grupos e não sei quê acabas por ter mais</p>	<p>30. P3 refere ter um vasto grupo de conhecidos no meio BDSM, por partilhar maior afinidade com estes do que com quem não toma parte destas práticas.</p>	<p>Maior afinidade com indivíduos que partilham dos seus gostos sexuais.</p>

<p>afinidades com elas e dar-te mais com elas do que com outras pessoas. Eu dou-me com toda a gente, mas é evidente que neste aspeto, conheço assim muita gente do meio.</p>		
<p>31. Eu casei com uma sub, eu sou casado duas vezes. A primeira não tinha nada a ver. A segunda, ela dizia-se dominadora, virou minha sub, e vivi 10 anos com ela. E portanto neste momento tenho mais uma sub,</p>	<p>31. P3 enquadra o seu sadismo sexual na sua vida afetiva, referindo envolvimentos afetivos com companheiras compatíveis e incompatíveis com as suas preferências sexuais, sendo que os dois primeiros não resultaram.</p>	<p>Enquadramento do sadismo sexual na sua vida afetiva</p> <p>Envolvimento afetivo com parceiras compatíveis e incompatíveis sexualmente.</p>
<p>32. cheguei a ter 3 subs ao mesmo tempo, no porto. Não quero voltar a ter que é uma trabalhadeira enorme... e eu já não tenho paciência para estas coisas,</p>	<p>32. P3 refere ainda um envolvimento afetivo e sexual no passado com 3 parceiras submissas concomitantemente. P3 expressa sentimentos negativos relativos ao envolvimento com várias parceiras</p>	<p>Envolvimento afetivo e sexual com 3 parceiras concomitantemente</p> <p>Sentimentos negativos resultantes deste envolvimento</p>
<p>33. mas neste momento tenho uma subeca, e pronto, com quem pratico BDSM mas também vou ao cinema, também vou jantar, faço compras de supermercado, converso do cão, do gato, do tempo.... Não sou... que só vejo BDSM...</p>	<p>33. P3 insere a sua sexualidade sádica no relacionamento afetivo, tendo de momento uma parceira sexualmente compatível, com a qual realiza também atividades da vida diária.</p>	<p>Enquadramento do sadismo sexual na sua vida afetiva</p> <p>Atual envolvimento afetivo com parceira sexualmente compatível</p>
<p>34. eu vejo por exemplo pessoas no fet que (eu não sei como é que eles conseguem ter tempo para aquilo) mas... não sei qual é a onda de uma pessoa estar... doze horas por dia agarrado ao fetlife ou ao</p>	<p>34. P3 percebe a sua sexualidade sádica e relacionamentos no âmbito do BDSM como configurando apenas uma parte da sua vida, sentindo necessidade de dedicar o seu</p>	<p>Sexualidade sádica e relacionamentos sádicos percebidos como apenas uma parte do seu dia-a-dia</p>

<p>Facebook ou o que seja... tenho uma vida, não é? Não se resume a BDSM</p>	<p>tempo a outras atividades da vida diária que não se coadunam com estes.</p>	
<p>35. Agora claro que o BDSM faz parte, a partir de uma determinada hora, isso é todos os dias... eu costumo dizer que comigo o BDSM tem hora. Porque... isto é como o álcool... eu só bebo álcool depois de jantar, geralmente, e bebo até bem. Mas tenho o hábito de não beber álcool durante o dia todo. Portanto o BDSM é a mesma coisa... tem hora mas quando me apetece mais.</p>	<p>35. P3 refere reservar as práticas sádicas, inseridas no contexto do BDSM, para o momento do dia em que não se vê constrangido pelos deveres profissionais e pessoais</p>	<p>Práticas sádicas reservadas para uma determinada altura do dia</p>
<p>36. É normal, mas... antigamente não, antigamente cheguei a ter 3 sessões por dia, deixei-me disso porque tinha de trabalhar. Eu tenho uma farmácia no Porto e aquilo era complicado gerir. E depois comecei a espaçar as sessões.</p>	<p>36. P3 faz uma retrospectiva de um momento da sua vida na qual tinha 3 sessões de práticas por dia, referindo no entanto aspetos da vida profissional que interferiram na periodicidade das práticas e o obrigaram a ajustá-la</p>	<p>Interferência da vida profissional da periodicidade das sessões</p>
<p>37. E agora eu, de semana a semana, tenho uma sessão... Porque eu em minha casa tenho cruzeiros, o que é preciso, tenho os materiais, não preciso de ir para lado nenhum quando convidado alguém para ter uma sessão na boa.</p>	<p>37. P3 refere manter todos os instrumentos necessários às práticas sádicas na sua habitação, para sua conveniência, tendo atualmente sessões com a periodicidade de uma vez por semana.</p>	<p>Armazenamento dos instrumentos em local de maior conveniência</p> <p>Periodicidade das sessões reduzida a uma vez por semana</p>
<p>38. A minha subeca, como é liberal nesse aspeto, uma sub que eu queira trazer para o redil, na boa, portanto temos esse bom relacionamento em que tudo é possível. E damos bem assim,</p>	<p>38. P3 refere um relacionamento liberal com a atual companheira, havendo abertura para que P3 execute sessões com novas parceiras</p>	<p>Abertura relacional permite realização de sessões com outras parceiras</p>

<p>39. mas quando eu tinha 3 era uma complicação. Depois quando uma não gosta da outra, então é uma chatice. Não é uma não gosta da outra, é: ciúmes de uma pela outra, porque tem de haver sempre a número 1, mas eu não dou números a ninguém, discutam lá, mas não à minha beira.</p>	<p>39. P3 faz uma retrospectiva para quando mantinha três parceiras submissas, experienciando atritos entre as mesmas. P3 refere não ter intervido nestes atritos, não se atribuindo nenhum papel na gestão dos mesmos. P3 manifesta não atribuir importância superior a nenhuma das suas companheiras em relação às restantes.</p>	<p>Existência de atritos entre as parceiras submissas</p> <p>Desresponsabilização e inércia face aos mesmos</p>
<p>E: Porque diz que é complicado?</p> <p>40. P3: Porque toma-te muito tempo. Porque tens que gerenciar 3 pessoas: três necessidades de pessoas que estão contigo. É evidente que eu tinha sessões com as 3 ao mesmo tempo. Tipo, sei lá, uma vez por mês, ou duas.</p>	<p>40. P3 manifesta ter sentido dificuldade em manter 3 parceiras sexuais concomitantes, referindo constrangimentos como falta de tempo e necessidade de gerir 3 conjuntos de necessidades. Perante as mesmas, P3 adaptou as suas práticas, implementando sessões periódicas conjuntas.</p>	<p>Inconvenientes decorrentes de ter várias parceiras submissas</p> <p>Necessidade de adaptação das práticas</p>
<p>41. Mas depois havia a necessidade quotidiana, tomar um café ou não sei quê. Mas se tomar um café com uma, já são 3 cafés. Portanto é muito difícil gerenciar três pessoas. Duas, ainda vá que não vai, quando as coisas estão bem, mas três é exagero, não desejo a ninguém... ou as pessoas são muito unidas e saber o que querem... poliamor e essas coisas... porque elas também se gerem a elas próprias, não gerem os quatro... eu é que tenho de gerir a mim e mais as três. É muito complicado...</p>	<p>41. P3 experienciou a responsabilidade de gerenciar, em adição, as necessidades afetivas e quotidianas das parceiras. P3 faz uma retrospectiva, admitindo ter sentido sentimentos negativos perante esta vivência, por ver-se obrigado a gerenciar vários conjuntos de necessidades, em adição às suas. P3 percebe ainda que a falta de união entre as suas parceiras dificultou esta gestão. Atualmente, P3 expressa o seu desagrado, não desejando ver-se envolvido noutra dinâmica semelhante.</p>	<p>Responsabilidade de gerenciar as necessidades das parceiras, além das suas</p> <p>Falta de união entre as parceiras dificulta a gestão das mesmas</p> <p>Sentimentos negativos perante a dinâmica vivenciada</p>

<p>42. e depois fisicamente também é extenuante. Porque, na altura eu tinha a chave de uma masmorra no Porto... tanto podia fazer uma sessão às três da manhã como de manhã, como ir à tarde. E às vezes elas também, uma trabalhava, outra não trabalhava....</p>	<p>42. P3 experienciou ainda constrangimentos referentes ao cansaço físico e necessidade de gestão de horários</p>	<p>Experiência de cansaço físico e necessidade de gestão de horários</p>
<p>E: A sua satisfação sexual deriva, maioritariamente, destas práticas?</p> <p>43. P3: Não. Nota uma coisa, eu não tenho sexo apenas com pessoas BDSM, eu tenho sexo com pessoas extra BDSM, com pessoas completamente baunilhas, numa discoteca ou um bar... e se der para ali, é para ali que vamos.</p>	<p>43. P3 manifesta ter relações sexuais com parceiras incompatíveis com as suas preferências sexuais, experienciando prazer sexual mesmo sem a prática de atos sádicos, pelo que percebe que a sua satisfação sexual não deveria necessariamente destas práticas.</p>	<p>Perceção de que a sua satisfação sexual não deriva maioritariamente destas práticas</p> <p>Envolvimento com parceiras baunilha</p>
<p>44. Não tem necessariamente, há sempre aquela para puxar um bocadinho, não é? Mas é a tal história de eu ser suficientemente inteligente para eu ver o que é que funciona com uma pessoa e o que não funciona com outra: há pessoas que não têm nada a ver com isso, forçar é... muito mau. Eu ajo de acordo com as pessoas... danço a música que se enquadrar no ambiente.</p> <p>Não tem necessariamente que levar as pessoas a fazer o que eu gosto. Eu tento mas se a pessoa não está nem aí não vale a pena. Não sou uma pessoa... dominadora «ah, não quero» «mas agora tem de ser». Não faz sentido para</p>	<p>44. No âmbito do envolvimento com parceiras baunilha, P3 admite testar a disponibilidade da parceira para a realização de práticas sádicas, ao efetuar tentativas que lhe permitem avaliar e interpretar a sua responsividade. Não obstante, P3 refere adaptar-se às preferências das mesmas.</p>	<p>Avaliação da disponibilidade da parceira baunilha à realização de práticas sádicas</p> <p>Adaptação às preferências da mesma</p>

<p>mim, não tenho a mínima pica, prazer em fazer isso.</p>		
<p>E: E nestes relacionamentos baunilha sente falta destas práticas?</p> <p>45. P3: Sinto, porque eu sei que estando a explorar a outra ou o outro, podia ir mais além, e até se calhar dar-lhe mais prazer.</p>	<p>45. No âmbito dos relacionamentos baunilha, P3 refere sentir falta das práticas sádicas, por percecioná-las como formas mais avançadas para proporcionar prazer.</p>	<p>Desejo de efetuar práticas sádicas em relacionamentos baunilha</p> <p>Perceção das práticas sádicas como formas mais avançadas para proporcionar prazer</p>
<p>46. Há muitas formas de funcionar com baunilha as primeiras vezes, e eu já me aconteceu também, um baunilha e ir iniciando ele em novas práticas. Coisas muito <i>softs</i> mas que funcionavam, não é por acaso que está agora na moda as mulherzinhas comprarem para os maridos umas algemas muito cor-de-rosa, muito fixes, e mais uns adereços para apimentar a</p>	<p>46. P3 faz uma retrospectiva para uma altura em que guiou a iniciação de um parceiro baunilha com práticas sádicas que perceciona como sendo mais suaves.</p>	<p>Iniciação de parceiro baunilha em práticas sádicas</p>

relação... a tal das sombras, não é?...		
47. A ausência do toque, eu posso estar com alguém e simplesmente não lhe tocar. E não tocando, eu estou, porque há aqui duas histórias... eu costumo dizer que uma coisa é dominar, outra coisa é domar. Domar é eu contorcer a tua vontade, eu tenho que te domar, e só depois é que te domino. Mas se eu não te domar antes, eu não tenho hipótese de te dominar depois.	47. P3 percebe como necessária à dominação física a dominação psicológica, considerando esta última como o exercício de força sobre a vontade da submissa, de forma a que esta pense ou aja como P3 quer. P3 refere executar práticas nas quais o contato físico não toma parte, havendo apenas dominação psicológica	Perceção de que a dominação psicológica é requisito para a dominação física Vivência de práticas que se restringem à dominação psicológica
48. E é uma fase que a mim me agrada especialmente é domar alguém levá-la a fazer, primeiro não vai fazer nada contra a sua vontade, mas ensinar a caminhar.	48. P3 sente muito prazer em dominar psicologicamente as parceiras, fazendo com que pensem e ajam da forma como pretende. P3 nega obrigá-las a ter práticas contra a vontade destas.	Prazer em direcionar o pensamento e a ação das parceiras, através da dominação psicológica
49. Por exemplo, uma mulher que nunca foi ensinada, viu muitos filmes pornográficos, chegar lá e mamar um gajo... geralmente, em Portugal e acho que no mundo... sexologia não existe nas escolas, os pais também não, portanto as pessoas acabam por aprender os amigos com os amigos. E se um aprender mal, o outro que está a ensinar ao outro também acaba por aprender mal.	-----	-----
50. E o que eu quero dizer é que eu gosto deste jogo, porque no fundo também serve a uma mulher fica com mais, não é mais experiência, é a capacidade de ter mais prazer,	50. P3 manifesta sentir prazer na dominação psicológica das parceiras, percebendo-a como impulsionadora da evolução sexual das mesmas. Para P3,	Prazer na dominação psicológica Dominação psicológica

<p>de dar mais prazer, de sentir mais prazer, porque as mulheres até são... a favor do devagar, do começar pelo princípio, do devagarinho. E isto é também ir um pouco ao encontro dela, não ser bruto, não ser brusco, não querer ser tudo de uma maneira, essa altura lá chegará. Mas começar com pequenos passos, com pequenas coisas, o tal domar, de modo a que depois as coisas evoluam. Não é chegar ao pé da mulher e toma lá, e pimba de chicote, é agarrar alguém, lê-la bem, porque é importante ler o cérebro da pessoa, como a pessoa funciona, como a pessoa anda, como a pessoa olha, como a pessoa fala, como a pessoa escuta, como a pessoa n coisas, e ter capacidade para assimilar isso e ter um raciocínio de modo a levar a... dele. E tornar aquilo numa experiência positiva para a pessoa que está contigo...</p>	<p>a dominação psicológica serve como passo inicial para uma posterior evolução para a dominação física e envolvimento em práticas sádicas. Contudo, P3 admite analisar primeiramente a personalidade da parceira, de modo a adaptar a sua abordagem e a proporcionar uma experiência positiva para ambos os intervenientes.</p>	<p>percecionada como impulsionadora de evolução sexual</p> <p>Dominação psicológica como iniciação à dominação física</p> <p>Avaliação da personalidade da parceira e adaptação da abordagem utilizada</p> <p>Preocupação em criar uma experiência positiva para ambos</p>
<p>51. Eu costumo dizer, eu posso ser muito violento mas é violento q.b. porque eu sou muito violento com uma pessoa e sou capaz de ser muito soft para outra, a capacidade de dar ou extrair prazer não é de quando tenho mais prazer, e quanto menos violência menos prazer. Não é nada disso, o meu prazer deriva em função daquilo que o outro sente, daquilo que eu sinto e da conjugação daquilo que ambos sentimos. Portanto não tem a ver.</p>	<p>51. P3 nega que o prazer que sente na interação sexual seja diretamente proporcional à violência das práticas que executa ou à dor sentida pela parceira. Para P3, a experiência de excitação sexual deriva do prazer que proporciona à parceira, ao prazer que sente e à dinâmica vivenciada por ambos.</p>	<p>Excitação sexual derivada do prazer sentido por si, pela parceira e pela dinâmica vivenciada</p>

<p>52. Já se sabe, há dias, que há meninas que já sabem que eu tenho uma coisa que eu chamo o livrinho dos castigos. Que é para mim, meteu o pé na argola, ponta dez. Já sabe que vai lá apontar, eu às vezes esqueço-me. Se eu só estiver daqui a um mês com ela, eu sei lá quantos castigos eu já lhe dei? E então, mostra lá o caderninho, e está lá escrito: x disto e x daquilo. E há cenas que as pessoas fazem, tanta coisa daquelas que não deviam fazer, e às vezes fazem de propósito que é para apontarem os respetivos. Ah, quando são muitos os castigos, a mim dá-me pica «olha lá, fizeste esta merda, olha que isso é mesmo feio, quando te apanhar vou-te, como diz o outro, vais apanhar...».</p>	<p>52. P3 menciona a realização de práticas mais violentas, às quais recorre como forma de ‘castigo’ quando as parceiras submissas não agem de acordo com o que delas espera. P3 manifesta sentir grande prazer quando os castigos se acumulam e se proporciona a oportunidade de realizar práticas mais violentas. Para P3, algumas das ações das submissas são percecionadas como tendo sido propositadas, de modo a que sejam sujeitas às práticas violentas.</p>	<p>Recurso a práticas mais violentas como castigo, quando a parceira não age como espera</p> <p>Excitação sexual perante a oportunidade de castigar</p> <p>Ações das submissas percecionadas como propositadas</p>
<p>53. E acabam por não ganhar, eu agora vou dizer uma asneira, que assim também se educa, mas não é. Digo isto mas entre aspas... Não é o chicote nem a brutalidade nem o sadismo que educa alguém. Tem que haver alguém predisposto a ser masoquista, a suportar qualquer tipo de dor, e a fazer uma pessoa que suporte muita dor... eu sou suficientemente sádico para provocar dor. Se a pessoa estiver suficientemente disponível, e eu saber que é assim que ela obtém prazer, eu também tenho prazer, na boa.</p>	<p>53. P3 perceciona os castigos como uma forma de moldar os comportamentos das submissas. Não obstante, para P3, as práticas violentas apenas são vistas como educativas se aplicadas em parceiras masoquistas, que tenham prazer e tolerância perante níveis elevados de dor. Nesta dinâmica, P3 afirma sentir prazer em aplicar os castigos.</p>	<p>Castigos percecionados como modeladores de comportamento</p> <p>Práticas apenas percecionadas como educativas em dinâmicas onde a submissa é masoquista</p> <p>Prazer na aplicação de castigos, por saber que a submissa também o está a experienciar</p>
<p>54. Agora eu não ajo para uma pessoa A como ajo para uma</p>	<p>54. P3 refere que as dinâmicas relacionais que</p>	<p>Conceção de diferentes graus de</p>

<p>peessoa B. Com uma ajo de uma maneira, com outra ajo doutra. Uma tem liberdade para me ligar, outra não tem liberdade nem para me mandar uma mensagem, portanto espera.</p>	<p>experiencia variam de acordo com a parceira, concedendo diferentes graus de autonomia e liberdade</p>	<p>autonomia e liberdade às parceiras</p>
<p>E: Há pouco falou-me de instrumentos. Que instrumentos utiliza e porque recorre a eles?</p> <p>55. P3: Bem, tenho todos aqueles instrumentos que são normais dentro do BDSM: chicotes, paddles, as canas, tudo, as velas, as ceras, os strap-ons, o que houver, vibradores, aquela panóplia que normalmente se conhece no BDSM. Tenho cruces... não tenho jaulas...</p>	<p>55. P3 nomeia os instrumentos que utiliza, percecionando-os como sendo os mais comuns utilizados na comunidade BDSM. P3 refere o recurso a instrumentos imobilizadores, que provocam dor e estimuladores.</p>	<p>Recurso a instrumentos imobilizadores, estimulantes e que provocam dor.</p> <p>Perceção de que os instrumentos que possui são os mais comuns</p>
<p>56. Vamos lá ver, o fundamental em mim é o mindfuck, o instrumento é a minha mente. Por continuação, tendo em conta que são práticas físicas, não é à mão, não é? Se bem que dói a ambos, e aquilo dói-me mais a mim, se bem que não é muito a minha onda, o slapping, eu faço mas não é... se dói aos dois, espera aí que eu tenho ali o chicote, e a mim não me dói nada. Os instrumentos são um braço, um instrumento é um instrumento, é uma maneira de pôr marcas, de outra maneira não as conseguia fazer se não forem os instrumentos, se eu não tiver uma cana, é muito mais difícil verdascar na horizontal.</p>	<p>56. Para P3, o instrumento fundamental à sua prática é a dominação psicológica, que apelida de <i>mindfuck</i>. P3 perceciona a utilização de instrumentos no âmbito das suas práticas como uma extensão da dominação psicológica ao plano físico. Para P3 a utilização dos instrumentos permite diversas vantagens, como a maximização da dor e das marcas infligidas sobre a parceira, e minimização da dor sentida pelo próprio.</p>	<p>Dominação psicológica como instrumento fundamental</p> <p>Instrumentos percecionados dominação estendida ao plano físico</p> <p>Instrumentos para maximizar a dor e marcas na parceira, minimizando a sua</p>

<p>57. Mas tem piada, que eu gosto e que é um pouco primário e pouco usado, mas que eu uso bastante: o cinto. E uma coisa que eu tenho experimentado, é uma coisa que eu tenho reparado, é que a maior parte das pessoas gosta. E depois o cinto é uma coisa diferente, porque há cintos que fazem muito barulho e não doem nada e nem deixam marcas, e há cintos que não fazem barulho e marcam... geralmente utilizo o cinto quando tenho sessões assim de repente...</p>	<p>57. P3 refere o gosto pelo recurso a objetos do dia-a-dia com frequência, como o cinto, como instrumento em momentos de improvisação.</p>	<p>Recurso a objetos do dia-a-dia como instrumento</p>
<p>E: Associa rituais ou regras a estas práticas?</p> <p>58. P3: Eu tenho as regras básicas, que são aquelas primeiro que a minha consciência me dita, que são positivas, segundas são aquelas também que incidem sobre BDSM, o ser consensual, etc. etc... Essas são as regras com que eu tenho sessões com as pessoas e a regra é nunca ultrapassar o limite das pessoas.</p>	<p>58. P3 refere a implementação de regras aquando das práticas sexualmente sádicas. Para P3, a regra fundamental no âmbito desta vivência consiste em nunca ultrapassar os limites impostos pela parceira. Em adição, P3 menciona ainda recorrer às regras que pessoalmente considera serem adequadas e às regras recomendadas pela comunidade BDSM, acerca de necessidade de consensualidade, sanidade e segurança.</p>	<p>Implementação de regras nas práticas sádicas.</p> <p>Respeito pelos limites da submissa</p> <p>Regras importas pela consciência e comunidade BDSM</p>
<p>59. Atenção que há limites que eu ultrapasso... é muito subjetivo dizer assim: vamos estabelecer aqueles limites e depois destes não passamos. Eu acho isso também uma grande merda, porque depois é: então agora chegou ali e não há mais nada... eu sou mais a</p>	<p>59. No entanto, P3 percebe alguns dos limites estabelecidos pela submissa como maleáveis, podendo ser expandidos com o tempo e experiência. P3 defende o estabelecimento de limites iniciais pela submissa, que</p>	<p>Rigidez / maleabilidade de alguns dos limites impostos pela submissa</p>

<p>favor em que as paredes vão caindo, podem-se estabelecer regras iniciais, e depois ir quebrando barreiras e ir fazendo coisas que as pessoas, enfim, eu lembro-me de uma subeca que não gostava de <i>pissing</i>, e a primeira vez que eu fiz <i>pissing</i> com ela foi ela que pediu, porque ela tinha sobressaído aquela barreira, eu para mim, na boa. Como a coisa foi evoluindo e ela queria evoluir e quebrando barreiras, foi ela que me pediu...</p>	<p>eventualmente são expandidos por sua iniciativa ou a pedido da própria. P3 manifesta sentir a necessidade de evoluir nas suas práticas como tempo, através da transposição dos limites da submissa, manifestando desagrado com a estagnação dos mesmos.</p>	<p>Expansão dos limites iniciais</p> <p>Necessidade de evolução das práticas</p> <p>Desagrado com a estagnação dos limites</p>
<p>60. Eu próprio também tenho limites, há coisas que eu gosto e há coisas que eu não gosto. Eu nunca fiz chuva dourada nem o queria fazer, isso não me dá a mínima pica. Nem me estou a ver nesse embrulho. Há coisas que não me dão prazer a mim, eu também não vou... há coisas que eu não faço.</p>	<p>60. P3 refere ainda a existência de limites da sua parte, que são estabelecidos de acordo com as práticas que está disposto ou não a realizar, e que lhe dão ou não prazer. Não obstante, P3 refere a transposição de um dos seus próprios limites, ao realizar a prática de chuva dourada (<i>pissing</i>) a pedido da parceira.</p>	<p>Existência dos seus próprios limites</p> <p>Rigidez / maleabilidade de alguns limites</p>
<p>E: E regras específicas que aplique a toda a gente?</p> <p>61. P3: Não, como eu digo, tenho as do bom senso, tenho aquelas que têm a ver com a minha educação e com a minha cultura e que são básicas e que são civilizadas, entre aspas, mesmo assim, dentro do BDSM civilizadas.</p>	<p>61. P3 nega estabelecer regras que aplique a todas as parceiras, aplicando as regras que considera serem básicas, provenientes da educação recebida, cultura, e as ditadas pela comunidade BDSM para garantir uma interação com base no respeito.</p>	<p>Inexistência de regras transcendentais a todas as parceiras</p> <p>Conjunto de regras decorrente da educação, cultura e comunidade BDSM</p>
<p>62. Não tenho regras, porque eu pensando que cada pessoa é uma pessoa: com umas ajo de uma maneira, vamos supor que eu tenha regras, mas entre as regras, elas moldam-se, para aquela pessoa são aquelas, para</p>	<p>62. P3 defende a inexistência de regras transcendentais a todas as parceiras, por considerar que, como as práticas vivenciadas variam de parceira para parceira,</p>	<p>Regras são ajustadas à parceira, de acordo com as práticas vivenciadas</p>

<p>outras pessoas é: se for assim, tudo bem. Com uma faço uma coisa, com outra faço outra, e a regra que aplico a uma não aplico à outra.</p>	<p>também as regras devem ser ajustadas ao tipo de práticas vivenciadas.</p>	
<p>E: E encontra-se inserido em comunidades BDSM, virtuais ou reais?</p> <p>63. P3: Vamos pelo princípio, eu pertença à comunidade desde o <i>Mirc</i>.</p>	<p>63. P3 refere encontrar-se inserido na comunidade virtual de BDSM desde o momento em que esta teve início em Portugal, com a rede social Mirc.</p>	<p>Inserção na comunidade virtual de BDSM através de rede social</p>
<p>Só com o <i>Mirk</i> é que as pessoas começaram a teclar, e tal, e a fazer bondage, BDSM em Portugal, etc.</p>		
<p>64. Depois, a comunidade que era virtual, é evidente, nós fizemos umas saídas aos bares, umas jantaradas, e umas festinhas mais privadas. Que era assim que começou o BDSM...</p>	<p>64. O envolvimento de P3 na comunidade virtual BDSM evoluiu, ao participar em encontros presenciais com outros membros da comunidade.</p>	<p>Evolução do envolvimento na comunidade virtual para o plano presencial.</p>
<p>65. Eu vim uns anos depois a descobrir... no Porto... que se praticava muitas festas de BDSM e outras mais liberais mas com muito BDSM à mistura mesmo nesta altura em que éramos 10 aqui, portanto as pessoas se protegem, não aparecem, não querem aparecer, porque há pessoas que não querem mesmo aparecer, e mesmo as do fet, na sua vida real.</p>	<p>65. P3 menciona ter tomado consciência da dimensão da comunidade BDSM em Portugal, noutras cidades, tendo a perceção de que na cidade de Lisboa a comunidade é mais reservada.</p>	<p>Tomada de consciência da dimensão da comunidade BDSM em Portugal</p>
<p>66. E há outras que fartam de dar discurso, aquilo parece que são os reis e os dominadores do melhor que há e das submissas também do melhor que há. E eu desconfio... também</p>	<p>66. P3 manifesta um sentimento de desconfiança perante membros da comunidade BDSM que são demasiado vocais quanto às suas vivências</p>	<p>Sentimentos negativos perante alguns membros da comunidade</p>

respeito quem quer manter o anonimato, mas quando a bota não bate com a perdigota, aquilo não funciona.		
67. Portanto eu comecei no <i>Mirk</i> , não sou nada adepto, nunca fui também, de fazer uma sessão via Skype, Skype não me diz nada, nem BDSM nem sexo virtual, do lado de cá, não me diz nada. Não quer dizer que já não tenha feito umas brincadeiras, mas nada de significativo.	67. P3 manifesta a sua preferência pela interação presencial com outros membros da comunidade no âmbito da prática de sessões, percecionando as interações virtuais como pouco prazerosas, embora já tenha realizado algumas interações virtuais, pouco significativas.	Preferência pela interação presencial ao invés da virtual Experiências virtuais percecionadas como pouco prazerosas
68. E depois, na real, já fui a todas as grandes festas que por aí se fazem, maior parte delas é mais privadas, com meia dúzia de pessoas,	68. P3 refere o seu envolvimento na comunidade presencial, através da participação em grandes eventos e encontros mais privados	Envolvimento na comunidade presencial Participação em eventos
69. e mantenho-me lá com perfil, tenho perfis espalhados por tudo o que é sítio,	69. Embora manifeste a sua preferência por interações presenciais, P3 refere manter o seu envolvimento na comunidade virtual de BDSM, através da criação de perfis em diversas redes sociais dedicadas ao tema.	Envolvimento na comunidade virtual Criação de perfis em redes sociais dedicadas ao BDSM
70. até porque eu viajo bastante, conheço 54 países, e uma das coisas que eu faço quando viajo é conhecer o BDSM de lá, os bares, vou muito a bares de BDSM, para os Estados Unidos a mesma coisa... e tento fazer o trabalho de casa em casa, para quando chegar ao país e saber para onde ir, não estar à espera da internet... e sempre possível em países onde posso ir buscar isso, costumo acompanhar as	70. P3 mostra preocupação em incluir as vivências BDSM e sádicas nas suas viagens, ao procurar ativamente conhecer a comunidade BDSM do país para onde viaja, nomeadamente as suas especificidades, através de pesquisas da internet e visita a bares dedicados à comunidade.	Inclusão das vivências BDSM nas suas viagens Envolvimento nas comunidades BDSM de outros países

tendências, aqueles barzinhos de BDSM.		
<p>E: E o que procurava nestas comunidades BDSM quando com elas se envolveu?</p> <p>71. P3: Eu até nem sei se fui eu que me envolvi com a comunidade ou se foi a comunidade que se envolveu comigo. Como é que tu te envolves numa comunidade de amigos? Falas com eles e ficam teus amigos. É a mesma coisa com a comunidade virtual ou real, é exatamente a mesma coisa.</p>	<p>71. Para P3, o envolvimento nas comunidades BDSM deu-se através da formação de laços de amizade, virtuais ou presenciais.</p>	<p>Envolvimento na comunidade BDSM através da formação de laços de amizade</p>
<p>72. Eu por acaso conheço imensa gente, eu, há uma coisa que eu faço no Fet que é, os pseudo-dominadores, os pseudo-submissos, eu penso que as verdadeiras submissas e submissos, e os verdadeiros dominadores e dominadoras eu conheço quase todos. E nota bem, e não é porque têm mais práticas ou fazem mais coisas, é a história de olhar para aquilo e aquilo não joga a bota com a perdigota. Conheço muitas dominadoras que são subecas, mais subecas que as subecas. E eu tenho experiências práticas nisto...</p>	<p>72. P3 refere relacionar-se com grande parte das pessoas envolvidas na comunidade BDSM portuguesa, referindo conhecer quase todos os elementos da comunidade que considera serem genuínos. P3 refere ter a perceção de conseguir distinguir os elementos da comunidade genuínos dos não-genuínos, não com base na experiência ou prática dos mesmos mas com base na sua experiência e intuição.</p>	<p>Relação com grande parte dos elementos da comunidade portuguesa BDSM</p> <p>Distinção das pessoas genuínas e não genuínas</p>
<p>74. há pessoas cujo BDSM tem a ver comigo, e outros cujo BDSM não tem nada a ver comigo. Eu respeito quem tem diferente do meu, mas não se enquadra no meu...</p>	<p>74. P3 manifesta ter consciência da existência de diferentes práticas e vivências no contexto do BDSM, expressando respeitar os sujeitos que têm práticas distintas das suas</p>	<p>Respeito pelas diferentes vivências no âmbito do BDSM</p>
<p>75. o outro partir o pé à gaja de propósito, e acho que isso não</p>	<p>75. P3 manifesta sentimentos negativos</p>	<p>Sentimentos negativos perante</p>

<p>tem a ver com sadismo, tem a ver com um parafuso a menos na cabeça naquele dia e naquela hora. Aquilo não tem a ver com sadismo, que eu não ando a partir pés e pernas a ninguém. Mas pronto, no fundo são opções, e até me afastei dele,</p>	<p>perante práticas de violência extrema, por considerá-la produto de doença mental e não sadismo sexual, desrespeitando assim o princípio da segurança e sanidade estabelecido pela comunidade BDSM. Perante um sujeito que elaborou uma prática que P3 considerou de violência extrema, o mesmo refere ter-se afastado do indivíduo.</p>	<p>práticas de violência extrema, por considerar que violam as regras estabelecidas pela comunidade BDSM</p> <p>Afastamento dos indivíduos que incorrem nestas práticas</p>
<p>76. porque eu gosto de me dar com boas pessoas. Pessoas que funcionam, que sejam inteligentes, também que sejam cultas, que tenham qualquer coisa para me dar a mim que eu também gosto de aprender, portanto eu gosto disso.</p>	<p>76. P3 manifesta a preferência em relacionar-se com pessoas que percebe como boas, isto é: funcionais, inteligentes, cultas e que permitam a troca de experiências e aprendizagem. P3 percebe assim os relacionamentos como propícios a oportunidades de aprendizagem</p>	<p>Preferência em relacionar-se com boas pessoas</p> <p>Relacionamentos como oportunidade de aprendizagem</p>
<p>E: Sentia algum impulso que lhe indicasse que necessitava de incorrer nestas práticas?</p> <p>77. P3: Não, é um apetecimento. Olha, hoje apetece-me comer um gelado. E tu até nem costumavas comer gelados, mas há um dia que tu dizes, hoje apetece-me comer um gelado. Portanto, é no fundo, só que a mim apetece-me comer muitas vezes gelado. Portanto hoje apetece-me uma sessão,</p>	<p>77. P3 equivale os impulsos que sente para vivenciar práticas sádicas aos impulsos que sente para realizar outras atividades da vida diária.</p>	<p>Impulsos para práticas sádicas equiparados aos impulsos para realizar atividades da vida diária</p>
<p>79. portanto ultimamente, que eu tenho imenso trabalho, não tenho tempo para estas práticas. Porque há alturas em que uma pessoa tem de arranjar</p>	<p>79. A vivência da sexualidade sádica é equiparada à sexualidade normativa, pelo que P3 equipara os estímulos que</p>	<p>Estímulos no âmbito da sexualidade sádica equiparada aos estímulos da</p>

<p>um tempo para ter uma sessãozinha porque está me a fazer falta, mas isso eu também não faço sexo todos os dias, quer dizer, faço sexo quando me apetece. Esquece lá o BDSM, portanto apetece-me ter sexo, apetece-me comer um gelado, apetece-me ter uma sessão. Não tem que acontecer nada no dia...</p>	<p>sente para realizar uma sessão sádica aos estímulos que sente para ter sexo normativo. P3 refere experienciar constrangimentos à realização de sessões, nomeadamente as obrigações profissionais.</p>	<p>sexualidade normativa</p> <p>Interferência do dia-a-dia na realização das práticas</p>
<p>80. ou então, evidente que se te liga alguém, ou se recibes o e-mail de outra pessoa, em que depois já te puxa «olha lá, onde é que tu tás?»... pronto, ok, tenho de reservar umas horinhas para nós fazermos umas brincadeiras. Apenas isso.</p>	<p>80. Segundo P3, é frequente o seu impulso para incorrer em práticas sádicas ser decorrente de oportunidades repentinas, instigadas pelas parceiras submissas</p>	<p>Impulsos decorrentes de oportunidades repentinas para práticas</p>
<p>81. Não há nada que despolete em mim.</p>	<p>81. P3 nega a existência de acontecimentos específicos no seu dia-a-dia que despoletem a necessidade de incorrer nestas práticas</p>	<p>Inexistência de acontecimentos específicos de despoletem os impulsos</p>
<p>E: E como é que isto se insere nos seus relacionamentos atuais?</p> <p>82. P3: Isto é complicado, é assim, eu tenho um relacionamento com uma subeca já há um ano e meio...</p>	<p>82. P3 afirma encontrar-se atualmente num relacionamento afetivo com uma parceira que é submissa, há cerca de ano e meio</p>	<p>Relacionamento afetivo atual com parceira submissa</p>
<p>83. em termos afetivos sou muito escorregadio. Eu tanto estou bem, depois de repente estou mal. E eu digo Xau é na primeira, não é na segunda nem na terceira. Se eu estou a viver contigo e me apetece bazar agora, eu bazo, não sou muito de segundas.</p>	<p>83. P3 refere ser impulsivo no âmbito dos seus relacionamentos afetivos, terminando os mesmos ao primeiro sinal de que se encontra insatisfeito com a relação</p>	<p>Impulsividade nos relacionamentos afetivos</p>

<p>84. Portanto, como é que funcionam? Acho que são bem, uns dias bem, outros dias mal, mas não vivo com ninguém, portanto não tenho nenhum relacionamento, não vivo com ninguém, vivo sozinho.</p>	<p>84. P3 refere não manter um relacionamento em que haja coabitação, vivendo sozinho</p>	<p>Relacionamento afetivo não inclui coabitação</p>
<p>85. Mas tenho relacionamentos com pessoas, com namoradas. Umas coloridas, outras BDSM, e há uma que é mais fixa. Mais fixa até no sentido de não me chatear a cabeça, porque aquela do ligar mais fazer, jantar mais vezes, como é que eu estou mais vezes, ainda por cima ela mora no meu prédio, e ela de vez em quando vai lá pedir “açúcar”, mas depois tem um problema, porque ela é casada. Que é complicado, com o marido lá em casa vem me pedir açúcar a mim. Há estes relacionamentos assim um bocado estranhos.</p>	<p>85. P3 refere ter vários relacionamentos em simultâneo, estando alguns enquadrados no âmbito do BDSM e outros nos quais P3 não vivencia práticas sádicas. P3 refere a existência de uma relação mais estável com uma das parceiras, a qual é casada, com quem mantém interações mais frequentemente.</p>	<p>Diversos relacionamentos em simultâneo</p> <p>Relacionamentos no âmbito do BDSM e relacionamentos ‘baunilha’</p> <p>Existência de uma relação mais estável</p>
<p>E: Essa preferência sexual causou-lhe constrangimentos a nível social, pessoal ou profissional?</p> <p>86. P3: Não tenho nenhum.</p>	<p>86. P3 nega que as suas preferências sexuais lhe tenham proporcionado qualquer tipo de constrangimentos</p>	<p>Inexistência de constrangimentos</p>
<p>87. Não ando aí com um cartaz na testa a dizer que pratico BDSM, uns sabem que pratico BDSM, sei perfeitamente dizer o que é quer quero e ninguém tem nada a ver com isso.</p>	<p>87. P3 nega sentir preocupação em esconder as suas preferências sexuais, não sentindo qualquer constrangimento em dar a conhecer aos seus conhecidos as suas preferências. As suas preferências sexuais de P3 são conhecidas por alguns dos seus conhecidos, embora P3 atribua pouca importância às opiniões dos</p>	<p>Inexistência de constrangimentos em expor as suas preferências sexuais</p> <p>Atribuição de pouca importância às opiniões relativas à sua sexualidade</p>

	outros sobre a sua sexualidade.	
88. Portanto nunca tive nenhum constrangimento nem social, nem pessoal, nem profissional, de nada.	88. P3 não experienciou constrangimentos pessoais, sociais ou profissionais decorrentes das suas preferências sexuais	Inexistência de constrangimentos
89. Agora, é como eu digo, não ando com um coiso na testa a dizer que pratico BDSM. Eu por exemplo tenho uma mala de primeiros socorros no carro, uma mala mesmo, com um chicote, quando tenho de ter uma sessão, já aconteceu abrir a mala e as pessoas verem: amigos meus, amigas minhas, que nem sabiam que. E o que tens a ver com isso? É problema teu? Não é, então fecha a mala. Há outros e outras que ficam muito curiosas...	89. Embora não anuncie no seu dia-a-dia as suas preferências sexuais, P3 não sente preocupação em ocultar evidências indicativas destas preferências. P3 afirma fazer-se acompanhar de uma mala de instrumentos no veículo, a qual não tem a preocupação de esconder dos seus conhecidos, mesmo quando as suas reações são menos favoráveis.	Inexistência de preocupação em esconder evidências das suas preferências sexuais Permanência de uma mala com instrumentos no veículo
90. mas não me envergonha nada, não faço nada com que tenha de me envergonhar, todas as minhas práticas são consensuais, com as pessoas que eu quero e pessoas que me querem a mim, só assim é que funciona, não há outra maneira.	90. P3 nega experienciar sentimentos negativos face às suas práticas, por considerá-las como consensuais e portanto moralmente aceitáveis. P3 percebe que um relacionamento com base nestas práticas apenas pode funcionar havendo consensualidade.	Inexistência de sentimentos negativos perante as práticas Perceção de que são consensuais e moralmente aceitáveis
E: Há aspetos positivos que associe a estas práticas? 91. P3: Vantagem em ter essas práticas tem sempre. A vantagem primeira é que eu faço aquilo que gosto. O que é muito inibidor é tu teres um gosto sobre uma determinada coisa... e não experimentares.	91. Para P3, as práticas sádicas possuem a vantagem de poder agir sobre os seus impulsos. P3 percebe como insatisfatório a impossibilidade de experimentar atividades que sabe satisfazerem os seus impulsos.	Práticas sádicas como vantajosas Satisfação de impulsos

<p>92. Na minha vida, mesmo sem ser sexualmente ou etc., sempre tentei ser inovador, sempre tentei fazer coisas diferentes, descobrir coisas diferentes, mas isso na minha vida...</p>	<p>92. P3 refere uma preocupação, em todos os aspectos da sua vida, em tentar inovar e vivenciar experiências diferentes e novas</p>	<p>Preocupação em inovar e vivenciar novas experiências</p>
<p>93. No aspecto sexual e no aspecto do BDSM, BDSM para mim é, eu não costumo dizer que é uma fuga porque não é fuga porra nenhuma, quer dizer, o BDSM é como eu respiro, é como eu vivo, é como eu, é uma coisa para mim absolutamente normal.</p>	<p>93. P3 percebe as práticas sádicas e de BDSM como um fenômeno tão natural como a respiração</p>	<p>BDSM como fenômeno natural</p>
<p>94. Não ando como os burrinhos a pensar naquilo durante o dia, quando me apetece faço, se não me apetece não faço. Fico feliz de fazer? Fico. Por isso as faço. Quer dizer, era idiota de fazer uma coisa que não tivesse prazer com ela. Ao mesmo tempo também era idiota não a fazer, ou não extrair prazer dessa coisa ou ter medo dessa coisa...</p>	<p>94. P3 refere não atribuir demasiada importância ao fenômeno no dia-a-dia, pensando e agindo sobre os seus impulsos apenas quando os sente, experienciando satisfação sexual quando sobre eles age. P3 expressa ainda sentimentos negativos perante os sujeitos que pensam diariamente sobre este tipo de práticas e não agem sobre os seus impulsos, bem como perante os sujeitos que executam as práticas sem delas extrair prazer.</p>	<p>Atenção às vivências BDSM apenas quando sente os impulsos, realizando práticas quando sente desejo</p> <p>Sentimentos negativos perante os sujeitos que não agem de acordo os seus impulsos</p>
<p>95. eu faço aquilo que eu vejo que na minha consciência não prejudica ninguém, faço aquilo que me dá vontade de descobrir, e vou à luta. Eu sou um gajo de ir à luta, seja em todos os aspectos.</p>	<p>95. Para P3, a tendência para lutar pelo que deseja faz parte da sua personalidade, embora evidencie preocupação em que as suas ações não sejam prejudiciais para os que o rodeiam.</p>	<p>Tendência para lutar pelo que deseja como traço de personalidade</p> <p>Preocupação em ter ações não prejudiciais aos outros</p>

<p>E: Algum outro aspeto importante a referir que descreva a sua vivência neste contexto?</p> <p>96. P3: Também é muito difícil alguém conhecer alguém ou alguém dar assim uns bitaques lá para o teu trabalho sobre isto.</p>	<p>96. P3 manifesta dificuldade em explicar as suas vivências sexuais por entrevista</p>	<p>Dificuldade em explicar as suas vivências</p>
<p>97. Eu acho que começo pelo princípio... para mim são coisas bestialmente normais,</p>	<p>97. P3 percebe as suas vivências no âmbito da sexualidade sádica como um fenómeno natural</p>	<p>Sexualidade sádica percebida como um fenómeno natural</p>
<p>98. eu lembro-me no meu tempo, no teu tempo não, mas a minha avó fazia sexo com o meu avô que nunca a viu nua. Eu e milhões de portugueses. Ou que o sexo anal era uma coisa (quem diz isso diz um broxe ou outra coisa qualquer) com a mulher não, faz-se com a prostituta da rua.</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>99. Portanto, a sociedade evolui. O BDSM existe há tantos anos como o homem, é como a violência doméstica, ou que seja...</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>100. que é uma coisa que eu abomino, e com muita violência, quem tem estas práticas fica mais sensível... isso, a pedofilia, sou muito maia agudo, de um modo geral as pessoas que praticam BDSM são muito mais atentas a isso e contra isso do que o normal....</p>	<p>100. P3 expressa sentimentos negativos perante a violência doméstica e percebe que os indivíduos praticantes de BDSM encontram-se mais sensibilizados a temáticas que envolvam violência não consentida, como a violência doméstica e a pedofilia.</p>	<p>Sentimentos negativos perante violência doméstica</p> <p>Perceção de que indivíduos praticantes de BDSM são mais sensíveis a violência não consentida</p>
<p>101. Porque eu faço coisas que me fazem bem, fazem bem aos outros, ninguém me faz a cabeça, não faço a cabeça a</p>	<p>101. P3 diferencia as suas práticas da violência não consentida na medida em que as realiza com o intuito</p>	<p>Diferenciação das suas práticas e da</p>

<p>ninguém. Agora quando fodo a cabeça, fodo a cabeça àquela pessoa, e porque eu quero e sei o que é que ela quer, e está predisposta àquilo...</p>	<p>de providenciar uma experiência de prazer a ambos os intervenientes, sendo o sofrimento consentido pela parceira</p>	<p>violência não consentida</p>
<p>102. Dá-me um prazer enorme aliás, despoletar isso nas pessoas, e acho que sendo consensual, e no havendo, mesmo que a pessoa diz assim «ai o meu rabinho tá todo vermelho e dói-me tanto» mas que depois diga «dói-me um bocadinho mas até foi fixe»</p>	<p>102. P3 sente prazer em despoletar prazer a partir da dor, em parceiras que dão o seu consentimento para tal</p>	<p>Prazer em despoletar prazer a partir da dor, com consentimento</p>
<p>103. há práticas que tu tens, até mesmo na tua vida: às vezes um gajo embebeda-se e vomita. E enquanto tá a beber, aquilo tá bem, mas quando vomita, fogo. Isto é como a prática. Enquanto está a ser chibatada por exemplo, o álcool está a saber bem. De repente vomita, que aquilo pára.</p>	<p>103. P3 equipara os efeitos decorrentes das práticas sádicas aos efeitos da bebida alcoólica, na qual o sujeito está a sentir prazer durante o ato, apenas sentindo os efeitos adversos posteriormente.</p>	<p>Efeitos das práticas equiparados aos da bebida alcoólica</p> <p>Prazer sentido durante o ato</p> <p>Efeitos adversos sentidos após o ato</p>
<p>104. Sabes que tem um pouco a ver com a temperatura do ser humano, às vezes até... e isso é preciso ter muito cuidado, que é: não estás a ter uma sessão na prática, se está muito frio, se está muito calor. Deves ter atenção se a pessoa precisa de água, não precisa de água, aquelas regras básicas. Há bocado falavas, eu tenho de ter em conta: saber o historial da pessoa por exemplo é muito importante para mim... agente não precisa de fazer um interrogatório sobre a saúde da pessoa, mas de vez em quando, temos de andar um bocadinho para saber porque, tu podes</p>	<p>104. P3 expressa preocupação em fazer um levantamento prévio da condição médica da parceira, bem como monitorizar o estado de saúde da mesma durante as atividades sádicas, por forma a garantir a sua execução de forma segura e evitar consequências prejudiciais inesperadas.</p>	<p>Preocupação em monitorizar o estado da saúde da parceira antes e durante as práticas</p> <p>Evitamento de consequências negativas inesperadas</p>

<p>passar uma corda e imobilizar uma veia e a pessoa ter um problema; por exemplo há faltas de açúcar, açúcar a mais, isto ou aquilo.</p>		
<p>105. Há um conjunto de circunstâncias que vem, às vezes, agora nem tanto, mas houve uma altura que eu .. muito lá no Fet para pedir concelhos, e a primeira coisa que eu aconselhava era: estuda o corpo humano. Porque há pessoas onde tu vais bater não podes bater por exemplo no rim... como chibateias, onde chibateias, há pessoas que têm varizes, há pessoas que têm má circulação, há pessoas que têm isto. Para uma pessoa que tem má circulação, cordas é preciso ter muito cuidado. Portanto há um conjunto de práticas que convém aprender.</p>	<p>105. P3 expressa ter tido a preocupação de estudar o corpo humano de modo a garantir a segurança das suas práticas e evitar infligir dor ou restringir em locais que possam ser prejudiciais à saúde da parceira. Neste sentido, P3 sentiu necessidade de aprender a infligir dor de maneira eficaz e segura, manifestando ainda a preocupação em aconselhar os iniciantes às práticas BDSM a atenderem a estes cuidados.</p>	<p>Preocupação em estudar o corpo humano e aperfeiçoar as práticas de modo garantir a saúde e segurança da parceira</p> <p>Aconselhamento dos iniciantes às práticas BDSM a atenderem a estes cuidados</p>
<p>106. É evidente que algumas, eu, quando me fazem a pergunta «eu gosto de BDSM, eu gosto disto e tal, o que é que me aconselha?» olha, conhece o mapa do corpo humano e tal, aprende umas coisitas, que essa merda é fundamental.</p>	<p>106. P3 percebe que o conhecimento do corpo humano é fundamental à execução das práticas sádicas, pelo que o aconselha aos sujeitos que pretendem iniciar estas práticas.</p>	<p>Conhecimento do corpo humano como fundamental à prática</p>
<p>107. Porque eu já vi pessoas a chibatarem em rins, isso, é mesmo uma besta.</p>	<p>107. P3 expressa sentimentos negativos perante os sujeitos que infligem dor em locais prejudiciais à saúde, descurando assim a segurança da parceira</p>	<p>Sentimentos negativos perante sujeitos com práticas prejudiciais à saúde</p>
<p>108. Portanto as pessoas ao terem determinadas práticas têm de ter conhecimento</p>	<p>108. P3 percebe algumas práticas como sendo aceitáveis e outras como inaceitáveis, defendendo a necessidade deste</p>	<p>Necessidade de conhecimento ao aplicar as práticas</p>

daquilo que podem ou não fazer.	conhecimento ao aplicar as práticas	Distinção entre práticas aceitáveis e inaceitáveis
109. Porque podem estar a fazer uma coisa na pessoa e a pessoa cair, como também deve ter a noção dos primeiros socorros de modo a que se tem uma prática em que a pessoa por exemplo desmaiou, aconteceu qualquer coisa, tem de saber como se desvenenilhar. Por exemplo se estás a chibatar alguém, tens de ter alguma pomadas, ou não sei quê, aliás, convém dizer a ela para comprar, olha... vai ali à farmácia, compra disto, disto e daquilo, eu dou-lhe a listinha e ela vai comprar.	109. P3 expressa ter ainda a preocupação em ter algumas noções de primeiros socorros, percecionando este conhecimento como necessário, aplicando-o na eventualidade de as práticas culminarem consequências inesperadas. Em adição, P3 prepara a parceira para as eventuais consequências decorrentes das práticas, instigando-a a munir-se de produtos farmacêuticos que minimizem as consequências. Estas preocupações decorrem provavelmente de P3 percecionar o bem-estar da parceira submissa como sua responsabilidade	Preocupação em ter noções de primeiros socorros Medidas de preparação para eventuais consequências das práticas Bem-estar da parceira percecionado como sua responsabilidade
110. Porque são coisas, sei lá ferrar alguém, não é chegar lá e ferrar. É estar preparada para ferrar, e estar preparada para durante pelo menos oito dias, aquilo doer muito, e segundo, aquilo não pode infetar, não é? Em sítios daqueles, tem de ter ali as pomadas... e não aconteça nada disto...	110. P3 dedica especial atenção à preparação da submissa para práticas mais extremas, como infligir marcas permanentes no corpo da mesma com ferro. P3 mostra preocupação em preparar a parceira mentalmente para a vivência de tais práticas e as suas consequências, expressando especial cuidado em garantir um processo de recuperação rápido e sem complicações.	Preparação da submissa para as consequências de práticas mais extremas Cuidado em garantir o processo de recuperação
111. As práticas... que eu até nem gosto muito mas até é a minha área que é o medical play. No medical play é que eles utilizam mais as agulhas, eu faço agulhas mas não é, agora também há, isto é por	111. P3 refere ter experiência em certos tipos de práticas, nomeadamente as práticas sádicas que envolvem agulhas, embora as mesmas não lhe proporcionem especial	Experiência em práticas com agulhas

<p>fazes, agora também é a fase das agulhas e depois é a quantidade, que eu acho piada: «ah eu agora fiz 300 e tal agulhas»</p>	<p>prazer, provavelmente por as ver como ineficazes na inflicção de dor à submissa.</p>	<p>Práticas ineficazes não proporcionam prazer</p>
<p>112. e eu olho para aquela merda (e eu faço agulhas, mas eu faço agulhas de). Vou-te explicar. Sabes uma coisa que eu gosto? Tu pões as tuas tetas em cima desta mesa e eu prego-as com pregos. Para quem gosta disso, o que é agora aquela merda de estar a espetar agulhas? Tás a ver?</p>	<p>112. P3 percebe que o seu gosto por práticas mais extremas como a utilização de pregos na pele diminui o seu interesse em práticas menos dolorosas, como a utilização de agulhas.</p>	<p>Gosto por práticas extremas diminui o interesse em práticas pouco dolorosas</p>
<p>113. E depois é engraçado... para quem já fez, não é nada disto. Não é nada como pode aparentar. Porque há práticas que aparenta-te que vão doer muito. Quando começaram as agulhas as pessoas tinham todas medo... a agulha não dói. É uma prática que não dói, aquilo não dói, aquilo é estético. Faz o design... e por incrível que parece eu até fui mais bruto quando disse «faço isso e não sei quê»... porque depende.</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>114. A prática depende sempre do que tu fazes com a prática. Eu posso pregar e dói-te tanto como uma agulha, é preciso é saber onde, como e de que maneira. E ter os requisitos de saúde necessárias. Mas é uma prática que parece mais dolorosa porque agente pensa: um prego, numa mama, numa mesa? Pensa num martelo, pensa num prego e pensa bem, porque um martelo e um prego, mas não dói tanto como possa parecer, que eu já fiz e não dói</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>

<p>tanto como pode parecer. Dói tanto, um bocadinho mais talvez, que uma agulha, porque tu não estás ali tic tic tic, é traou, e depois de ela furar furou.</p>		
<p>115. É como o ferro, as pessoas têm a mania ou o pensamento que aquilo é uma dor infernal, queima a pele. Cheira a queimado, queima a pele, é verdade, mas não é uma dor, é mais o visual da coisa do que é a dor que ela está a suportar. E por exemplo, na vagina, que é uma pele muito mais sensível e dói mais, do que no rabo e numa nádega, que não dói praticamente nada.</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>116. E às vezes quando assisto a filmes de BDSM... ferros e não sei quê, acho que é mais show. Eu já fiz, sei o que as pessoas aguentam ou não. Aquilo também tem práticas que é preciso saber, os segundos que deve estar a queimar e não deve estar a queimar, e esterilizar, e fazer isto. Há um conjunto de práticas que se deve fazer.</p>	<p>116. P3 afirma saber o grau de dor suportável para o ser humano, demonstrando preocupação em obter conhecimentos específicos que permitam efetuar certas práticas mais extremas como o mínimo de dor e consequências adversas possível.</p>	<p>Preocupação em efetuar práticas extremas envolvendo o mínimo de dor e consequências adversas</p>

Anexo F

Análise do protocolo de P4

TABELA 15

Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico – P4

Unidades de Significado	Unidade de Significado Psicológico	Temas principais
<p>1. E: Considera-se sádico, sexualmente? Se sim, porquê?</p> <p>P4: É assim, porque o fato de causar algum tipo de sadismo me excita. E aqui quando falo de ‘me excita’ estou a falar, ou aliás, quando falo de sadismo estou a falar não só de questões de dor mas também de situações em que a pessoa se sente indefesa. Ou ligeiramente assustada em relação a alguma coisa que possa existir, pronto. Posso chamar de sadismo psicológico, se calhar até é, mas de fato a própria ideia de que a pessoa pode estar em situação que vá sentir dor, ou mesmo que não a sinta, provoca excitação.</p>	<p>1. Em resposta à pergunta do entrevistador, o Participante 4 (P4) refere que se percebe como sádico sexualmente, por experimentar excitação sexual perante estímulos indicativos de sofrimento a ser provocada a outros sujeitos. P4 esclarece que a excitação decorre da percepção de que o outro está em sofrimento, não tendo necessariamente de estar a sofrer para retirar prazer.</p>	<p>Percepção de ser sádico sexualmente.</p> <p>Excitação perante percepção de sofrimento alheio</p>
<p>2. E: Muito bem. E quando é que se apercebeu que tinha estas tendências?</p> <p>P4: Olhe, eu vou-lhe dizer que eu comecei a aperceber-me quando li alguns livros, isto pode parecer um bocado estranho, mas é verdade.</p>	<p>2. Para P4, a tomada de consciência de que sentia prazer perante estímulos sádicos surgiu durante a leitura de certos livros. P4 mostra perceber este momento de tomada de consciência como incomum.</p>	<p>Tomada de consciência a partir da leitura</p> <p>Percepção do momento como ‘incomum’</p>
<p>3. Quando comecei a ler alguns livros na puberdade que tinham a ver com sofrimento, com restrição, com, eu até vou lhe dizer mais pormenorizadamente: eu li livros que relatavam a vida de campos de concentração Nazi, e então aquilo de alguma maneira, toda aquela ambiência, todo aquele</p>	<p>3. P4 refere ter-se sentido estimulado com as descrições de violência e sofrimento constantes em livros sobre campos de concentração Nazi.</p>	<p>Estimulação perante descrições de sofrimento em livros</p>

sofrimento, aquilo impressionou-me bastante.		
4. E foi a primeira vez que eu notei que aquilo, que havia alguma coisa naquilo que me dizia respeito.	4. Para P4, as sensações despertadas pela leitura de tais descrições foram tomadas como um sinal de que não era indiferente à dor e sofrimento dos outros	Sinal de prazer perante estímulos sádicos
5. Entretanto também fui lendo algumas coisas, tive acesso porque havia uma livraria na cidade onde eu morava que tinha alguns livros do Marquês de Sade, expostos, e aquilo era uma livraria onde as pessoas podiam ler livremente os livros que estavam expostos. E li alguns livros, nomeadamente A Filosofia na Alcova, do Sade, e também a Justine, ou Os Infortúnios da Virtude.	5. Perante as sensações despertadas pela leitura, P4 procurou explorar a literatura à procura de obras que abordassem a dor e o sofrimento, especificamente alguns que os relacionavam ao prazer sexual, a saber, as obras do Marquês de Sade.	Exploração de leitura relacionada com temas de sofrimento e prazer
6. E tudo isso contribuiu um bocadinho para me inteirar que sentia algum prazer nisso.	6. Foi quando P4 associou as descrições de sofrimento ao seu prazer, que tomou a consciência das particularidades inerentes à sua sexualidade.	Associação das descrições de sofrimento ao seu prazer Tomada de consciência da sua sexualidade.
7. E: Quando é que começou a pôr em prática estes impulsos? Quando os associou à sexualidade em si? P4: Exatamente através da leitura de Sade, que aquilo excitava-me sexualmente... Nas alturas em que me masturbava também	7. Para P4, esta tomada de consciência da sua sexualidade impulsionou-o a pôr em prática os impulsos que sentia, através da masturbação.	Tomada de consciência impulsionou masturbação
8. até porque o sentimento de vergonha, repare eu tenho quase 60 anos, e então no meu tempo estas questões eram todas um bocado, eram complicadas. Havia muito, eu tinha muito o sentimento de culpa por ter este tipo de impulsos, por me darem prazer, por tudo isso. E pronto, um bocadinho toda aquela mentalidade cristã de que a	8. P4 menciona ter encarado o prazer sentido perante o sofrimento de outros de forma negativa, tendo sentido vergonha, por ter a perceção de que os seus impulsos não seriam bem aceites pela comunidade em que se inseria, por terem uma mentalidade marcadamente 'fechada' caracterizada pela	Sentimentos negativos perante os estímulos sentidos Perceção de que os mesmos não eram bem aceites pela comunidade

minha geração ainda era muito vítima.	moralidade cristã que subsistia na época.	
9. E então, com parceira a coisa era muito complicada, até porque eu próprio não me sentia confortável nesse papel, achava que tinha alguma coisa aberrante em mim, e então era, embora o desejasse, era muito complicado. Não conseguia fazer isso, não é?	9. P4 expressa sentimentos de ambivalência, pois, para além de proporcionarem prazer, os impulsos sádicos também eram vistos como vergonhosos, algo a ser restringido a quando estava sozinho. P4 percebeu-se como estando obrigado a manter esta fonte de prazer um segredo, pelo que esta ambivalência trouxe sentimentos de desconforto e dúvidas sobre a sua identidade sexual, ao fazê-lo perceber-se como psicologicamente doente.	Sentimentos de ambivalência Impulsos percebidos como prazerosos mas fonte de vergonha Necessidade de segredo Percepção de ser doente
10. Isso veio muito mais tarde quando por acaso encontrei uma parceira em que em determinado momento, num ato sexual me pediu para lhe bater, e eu bati-lhe.	10. P4 manteve as suas preferências sexuais um segredo, tendo colocado em prática os impulsos primeira vez com uma parceira muito mais tarde, quando por sugestão da própria, lhe bateu.	Sexualidade mantida em segredo Prática com parceira por sugestão da própria
11. E: Então daquilo que eu entendi, apesar de se masturbar com estes pensamentos, não colocava os impulsos em prática com as parceiras, é isso? P4: Não.	11. Até esta altura, P4 manteve as suas preferências sexuais escondidas das suas parceiras sexuais, apenas agindo sobre elas através da masturbação	Sexualidade mantida em segredo Práticas restringiam-se à masturbação
12. E: E como é que estes impulsos se enquadram nos seus relacionamentos? P4: Eu tive uma parceira sexual em que a determinada altura do campeonato me pediu de fato para lhe bater. Pronto, e isso foi o suficiente para abrir uma porta, não é? Em que eu percebi que havia pessoas, ou havia mulheres neste caso, que além de mim também sentiam prazer neste tipo de jogos, eu vou-lhe chamar jogos para já. E pronto	12. Para P4, a sugestão da sua parceira constituiu um marco importante, ao fazê-lo tomar a consciência de que haveriam mais mulheres que pudessem disfrutar deste tipo de práticas, significando assim o fim da necessidade de manter as suas preferências um segredo e uma transição destas práticas para os seus relacionamentos sexuais e afetivos. Provavelmente, este	Consciência de que certas mulheres disfrutavam destas práticas Transição destas práticas para os relacionamentos Fim da necessidade de segredo

<p>isso abriu-me as portas para começar a praticar estas atividades com alguma parceira.</p>	<p>momento permitiu também diminuir os sentimentos de ambivalência sentidos por P4, ao colocar em causa a sua crença de que seria doente.</p>	<p>Redução do sentimento de ambivalência</p>
<p>13. Não foi fácil encontrar, até porque não havia a internet na altura, e todo este mundo está muito ligado à internet, não foi fácil encontrar na altura uma parceira. O que aconteceu foi ir, em conjunto com parceiras que tinha... a nível sexual, explorando ligeiramente este tipo de coisas.</p>	<p>13. Perante este facto, P4 passou a desejar procurar ativamente parceiras que pudessem ser compatíveis com as suas preferências sexuais, o que não fez, por P4 não ter acesso à internet na altura. Perante esta dificuldade, P4 passou a elaborar tentativas de inserção destas práticas, de forma gradual, com as parceiras com quem tinha um relacionamento afetivo</p>	<p>Desejo de procura ativa de parceiras compatíveis</p> <p>Dificuldades levaram à inserção das práticas nos relacionamentos afetivos</p>
<p>14. Mais tarde, com o advento da internet, mas muito mais tarde de fato, comecei de fato a procurar companheiras que gostassem deste mesmo tipo de atividades. E de facto encontrei.</p>	<p>14. P4 encarou o advento da internet como uma oportunidade para finalmente passar a procurar ativamente parceiras sexualmente compatíveis consigo, tendo sido bem-sucedido</p>	<p>Procura ativa de parceiras através da internet</p>
<p>15. E: E atualmente, vivencia algum tipo de relacionamento no qual estas práticas fazem parte? P4: Sim, tenho. Eu tenho uma relação com uma submissa há quatro anos, e claro que isto faz parte da nossa relação, não é? Pronto, é mesmo a relação baseada não somente nos jogos de sadismo mas toda a componente BDSM que vai um bocadinho mais além do sadismo, mas do qual o sadismo faz parte.</p>	<p>15. Atualmente, P4 menciona ter um relacionamento afetivo do qual as práticas sádicas e de BDSM (nas quais o sadismo se enquadra) fazem parte</p>	<p>Práticas sádicas como parte integrante do relacionamento afetivo</p>
<p>16. E: A sua satisfação sexual deriva, maioritariamente, destas práticas consideradas sexualmente sádicas? P4: Não. Acima de tudo deriva de uma coisa que é o prazer de dominar, exercer controlo, de exercer domínio sobre a outra</p>	<p>16. Para P4, o seu prazer sexual deriva fundamente da sensação de controlo e domínio sobre a parceira. Nesta dinâmica de poder, P4 faz uso das práticas sádicas como uma ferramenta para atingir este objetivo.</p>	<p>Prazer sexual derivado do domínio sobre a parceira</p> <p>Práticas sádicas como ferramenta</p>

<p>peessoa, do controlo que usufruo ao estar com outra pessoa. O sadismo em si, digamos que é apenas meramente uma ferramenta para atingir esse controlo, para sentir esse prazer, mas não é mais do que isso.</p>		
<p>17. E: Mas aplica estas práticas na maior parte das suas atividades sexuais ou não sente falta destas? P4: Quer dizer, eu aplico, é assim: a partir de um determinado momento eu comecei a ter relações apenas com submissas, ou seja, não é que às vezes não haja uma relação normal, mas de fato a maioria delas são dentro de uma ambiência de sadismo.</p>	<p>17. P4 refere recorrer a práticas sádicas na maioria das suas atividades sexuais, por ter passado a relacionar-se com parceiras submissas, sendo o relacionamento sexual composto pela dinâmica dominação/submissão</p>	<p>Relacionamento afetivo no qual as práticas sádicas se inserem</p> <p>Envolvimento exclusivo com parceiras compatíveis</p>
<p>18. E: Recorre a instrumentos para executar estas práticas? Porque é que sente necessidade de recorrer a estes instrumentos? P4: Eu utilizo imensos instrumentos: chicotes, diversos tipos de chicotes, cordas, diversos tipos de cordas, mordanças, vendas, agulhas, brinquedos sexuais diversos utilizados normalmente e outros não, enfim.</p>	<p>18. P4 recorre a diversos instrumentos no âmbito das práticas sexualmente sádicas, nomeadamente instrumentos de restrição de movimentos e sentidos, perfurantes e de flagelação, entre outros, alguns dos quais, percebe como sendo comuns nestas práticas.</p>	<p>Recurso a instrumentos de restrição, flagelação e perfurantes</p> <p>Perceção de que os instrumentos são comuns</p>
<p>19. A questão é: eu vejo estes instrumentos meramente como uma ferramenta, não tenho assim nenhuma relação com eles mais próxima do que esta... São ferramentas para conseguir alcançar esse domínio.</p>	<p>19. Para P4, os instrumentos servem o propósito de serem ferramentas que auxiliam o alcance do domínio da parceira, sem os quais provavelmente P4 teria mais dificuldade em controlar a mesma.</p>	<p>Instrumentos como ferramentas para domínio</p>
<p>20. E: Sentia algum impulso que lhe indicasse que necessitava de incorrer nestas práticas? P4: Não. Eu conheço pessoas que realmente dizem que usufruem estas práticas como</p>	<p>20. P4 não experiencia qualquer tipo de impulso ao longo do seu dia-a-dia para realizar as tais práticas sádicas, embora perceba ser um fenómeno comum</p>	<p>Inexistência de impulsos ao longo do dia</p> <p>Perceção de ser um fenómeno comum</p>

<p>forma de relaxar, de, pronto, de se equilibrarem de alguma maneira com, em relação ao seu dia-a-dia. Não é o meu caso.</p>	<p>entre os praticantes de uma sexualidade sádica</p>	
<p>21. Pronto, para lhe dar um exemplo, a minha submissa vive e dá aulas na Madeira, portanto agente encontra-se uma vez, duas vezes por mês. Ou seja, eu não ando à procura de, pronto, não tenho nem nenhuma vez criei este hábito de chegar ao fim do dia e descarregar nela as minhas frustrações.</p>	<p>21. Para P4, as práticas sádicas não têm por objetivo aliviar a tensão decorrente dos seus problemas da vida diária, sendo que este apenas incorre em práticas sádicas uma a duas vezes por mês, quando se encontra com a parceira.</p>	<p>Práticas sádicas com frequência mensal, não sendo usadas para alívio de tensão</p>
<p>22. Aliás, sou totalmente contra isso. Acho que isto deixa de ser um jogo limpo porque a pessoa não está ali para usufruir prazer, mas está ali de fato para gozar aquilo como forma de terapia, à custa de alguém. Ou seja não me parece correto estar a fazer isso, acho que isto roça o abuso, e pronto há uma certa diferença entre fazer algumas práticas sádicas e o abuso...</p>	<p>22. P4 expressa sentimentos negativos perante os sujeitos que fazem uso das práticas sádicas como forma de alívio de tensão, por perceberem que as mesmas são efetuadas com segundas intenções, sob o pretexto de se tratar de uma interação sexual quando na verdade são realizadas pelo sádico num contexto de terapia. P4 percebe as práticas efetuadas neste contexto como abusivas, por não se tratar de uma interação com base na obtenção de prazer sexual.</p>	<p>Sentimentos negativos perante sujeitos que usam as práticas como terapia</p> <p>Intenções que ultrapassam o prazer sexual percebidas como abusivas</p>
<p>23. E: Associa rituais ou regras a estas práticas? P4: Não, não que eu tenha notado pelo menos.</p>	<p>23. As práticas de P4 não são percebidas por este como obedecendo a rituais ou regras</p>	<p>Percepção da inexistência de regras ou rituais</p>
<p>24. Eu acho que a única diferença de fato que existe em relação àquilo que nós convenciamos chamar de baunilha, que é o sexo normal, é a diferença de ambientes, de meios, do erotismo que se usa porque de resto, a questão basicamente é a mesma. Seduz-se, tem-se preliminares, faz-se sexo, embora de outra maneira, apenas.</p>	<p>24. Para P4, a diferença entre este tipo de sexualidade e a sexualidade 'baunilha' reside no ambiente de erotismo no que as práticas são efetuadas e nos meios utilizados para a obtenção do prazer sexual, equiparando as fases da relação sexual em si à sexualidade comum.</p>	<p>Diferença da sexualidade baunilha reside no erotismo e nos meios para atingir o prazer</p> <p>Fases da relação equiparadas às relações 'baunilha'</p>

<p>25. E isso, eu pessoalmente, eu vivo isso de uma maneira muito espontânea. Não preparo, por exemplo eu sei que há pessoas que preparam as suas sessões. Ou seja, aquilo que vão fazer num momento de sadismo ou de BDSM. Não é o meu caso, não faço isso, deixo isso ao critério do momento, ao sabor do momento.</p>	<p>25. P4 vivencia as interações sexuais de forma espontânea, não efetuando qualquer tipo de preparação antes das sessões, embora percecionone que esta seja uma prática comum entre sádicos.</p>	<p>Vivência da sexualidade de forma espontânea</p> <p>Ausência de preparação das sessões</p>
<p>26. E: E em relação ao consentimento? P4: São práticas para mim, fundamentais...</p>	<p>26. Para P4, o consentimento da parceira é fundamental ao exercício das práticas sádicas</p>	<p>Consentimento da parceira como fundamental</p>
<p>27. Aqui há algum tempo atrás, isto foi uma coisa que nós, neste meio isso já é um tema de discussão há muito tempo. O que é que separa o BDSM e estas práticas, do abuso. Do ato antissocial de cometer um abuso, de passar a linha, é de fato o sentimento, é o acordo que há entre as pessoas.</p>	<p>27. P4 menciona uma preocupação em discutir a questão da consensualidade com os seus pares na comunidade BDSM. Para P4, a diferença entre as práticas sádicas que executa e o abuso sexual reside da partilha de sentimentos e o mútuo acordo entre os dois intervenientes.</p>	<p>Preocupação em discutir consensualidade na comunidade BDSM</p> <p>Diferenciação das práticas sádicas e abuso</p>
<p>28. Há um conjunto de princípios por que eu me rego, eu e muita gente nestes meios que é, o são, seguro e consensual. Isso é que é? São princípios que regulam a relação entre as pessoas ou seja: se é são, isto é, se não põe em perigo nada na vida, na integridade da outra pessoa. Se é seguro, ou seja, se é feito com o mínimo de segurança, sei lá, estou a pensar nas agulhas, e na higienização das mesmas. Dos cuidados a ter, assim como chicotadas e tudo isso, ou então pendurar a pessoa com uma corda, ao fim de algum tempo as cordas começam a cortar a pele, pronto. Todo um conjunto de cuidados que é preciso. E o consensual, que é, pode-se traduzir até numa expressão muito simples, que é, “dois não</p>	<p>28. Embora as práticas de P4 sejam percecionadas por este como ausentes de regras ou rituais, P4 refere reger as mesmas de acordo com os princípios da sanidade, segurança e consensualidade. No âmbito destas regras, P4 tem a preocupação de efetuar as práticas de modo a não pôr em causa a integridade física e psicológica da parceira, tendo o cuidado de higienizar os instrumentos, monitorizar as consequências da utilização dos mesmos na pele da parceira, e por fim, garantir que a mesma consente a todas as práticas realizadas.</p>	<p>Práticas regidas por regras SSC</p> <p>Preocupação com a integridade física e psicológica</p> <p>Cuidados antes e durante com os instrumentos e o estado da parceira</p> <p>Garantia de consensualidade</p>

<p>fazem o que um não quer”. É preciso que as pessoas estejam de acordo, é preciso que haja consenso em relação a fazer as coisas, se não, mais vale estar quieto.</p>		
<p>29. E: Utiliza palavra de segurança? P4: Utilizo porque isso é, vamos lá ver, não é que a safeword resolva todos os problemas, porque em relação a isso eu tenho uma ideia que é: o dominador tem de estar muito atento em relação ao que está a acontecer, porque nem sempre a submissa consegue dizer a safeword porque muitas vezes perde um bocado a noção se está para lá daquilo que se sente bem ou não.</p>	<p>29. P4 refere implementar uma medida de segurança para garantir que as práticas sejam realizadas de acordo com os princípios da segurança, sanidade e consensualidade, nomeadamente a implementação de uma palavra de segurança a ser utilizada quando a submissa deixar de se sentir bem perante a atividade realidade. Não obstante, P4 percebe esta medida como ineficaz, tendo experienciado momentos em que a submissa se encontra incapaz de pronunciar a palavra de segurança ou perde a noção do limite do seu bem-estar. Neste sentido, P4 sente a responsabilidade de monitorizar o bem-estar da parceira a todo o momento.</p>	<p>Implementação de palavra de segurança</p> <p>Perceção de ineficácia da mesma</p> <p>Experiência de momentos de ineficácia da medida de segurança</p> <p>Responsabilidade pela monitorização do bem-estar da parceira</p>
<p>30. Ou seja é melhor uma pessoa estar atenta e ir verificando se as coisas estão a correr bem com a submissa, se não é melhor parar, pronto isto é um contínuo jogo de equilíbrio entre o continuar e o parar, até que ponto é que eu posso ir sem ir para além da linha do que é ok, porque muitas vezes a submissa não consegue dizer nada.</p>	<p>30. P4 considera ser necessária uma monitorização atenta das reações da parceira submissa, e ajustar a intensidade das práticas, de modo a garantir o bem-estar da mesma sem necessitar de esperar ouvir a palavra de segurança, que percebe como um método falível, na medida em que nem sempre a submissa utiliza a palavra de segurança.</p>	<p>Monitorização constante das reações da parceira</p> <p>Ajustamento das práticas</p> <p>Garantia de bem-estar sem recorrer à palavra de segurança</p>
<p>31. Ainda há poucos dias por exemplo eu tive uma situação com um amigo, em que ele estava a fazer cordas e de</p>	<p>31. P4 vivenciou um momento de aprendizagem com a experiência de um amigo que partilha dos seus</p>	<p>Momentos de aprendizagem</p>

<p>repente, a submissa começou-se a sentir mal. E curiosamente, ele ficou completamente, pronto, ficou chateadíssimo, não é? «Mas como é que isto me aconteceu?», e então depois logo estivemos a ver e de fato a submissa não conseguiu, não quis dizer a palavra, a safeword. Porque muitas vezes querem agradar aos donos, muitas vezes querem ir para além daquilo que são os seus próprios limites ou seja, é preciso estar atento.</p>	<p>gostos sexuais. Desta experiência que culminou de forma inesperada, e com o mal-estar da parceira, P4 aprendeu a necessidade de monitorização do bem-estar das parceiras, na medida em que se pode dar o caso destas não utilizarem a palavra de segurança por forma a ultrapassar os limites definidos pelas próprias e agradarem os parceiros, as quais são percecionadas por P4 como sendo propriedade.</p>	<p>Necessidade de monitorização do bem-estar da parceira</p> <p>Perceção das parceiras submissas como propriedade</p>
<p>32. E: E tem mais cuidados ao longo destas práticas? P4: ... Se tenho mais alguns cuidados? Sim, tenho mais alguns cuidados. Tenho que, no final, não é que a pele da submissa esteja exatamente igual, mas que pelo menos não esteja num estado calamitoso em que, a precisar de ajuda médica.</p>	<p>32. P4 experiencia ainda a preocupação em regular a intensidade das suas práticas de modo garantir o bem-estar físico da parceira submissa, e que desta interação não resultam consequências prejudiciais à integridade física.</p>	<p>Preocupação em regular a intensidade das práticas de modo a evitar consequências prejudiciais à integridade física</p>
<p>33. E além do mais, procuro depois também passarmos um bocado, juntos, a reviver o que é que aconteceu, a começar a fazer um balanço do que é que correu bem, do que é que correu mal, se as coisas foram bem, como é que ela está... Olhar um bocadinho para o bem-estar dela, porque de fato, vamos lá ver. Uma submissa não é um bocado de carne que se usa e se deita de seguida, não é? Então é preciso tratar as pessoas como elas são.</p>	<p>33. Terminada a sessão, P4 manifesta a preocupação em comunicar com a parceira, trocando impressões sobre a experiência vivenciada, de modo a analisar as práticas realizadas e o seu efeito sobre o prazer e bem-estar da submissa.</p>	<p>Troca de ideias no final da sessão</p> <p>Preocupação com o bem-estar e prazer da parceira</p>
<p>34. E: E encontra-se inserido em comunidades BDSM, virtuais ou reais? P4: Bem, eu, o meu primeiro contato com a internet foi em 2003. De fato, a comunidade portuguesa que existia e da qual, muito pomposamente me orgulho fazer parte, já existia, e</p>	<p>34. P4 menciona um envolvimento com a comunidade virtual de BDSM portuguesa, da qual se orgulha fazer parte, bem como com a comunidade internacional. Este envolvimento realizou-se por via da internet, através de</p>	<p>Envolvimento nas comunidades de BDSM portuguesa e internacional por meio da internet</p> <p>Orgulho na pertença à comunidade BDSM portuguesa</p>

<p>existia ao nível do IRC que era o canal que era um bocadinho como o meio de comunicação na altura, e via alguns grupos como o canal <i>bondage</i> em que as pessoas conviviam, falavam, trocavam ideias... a nível internacional, pronto também havia e continua a haver uma série de grupos de debate, <i>sites</i> de encontros, tudo isso, mas isso, os sites de encontros também não eram o meu objetivo, o meu objetivo era de fato conviver e encontrar pessoas que pensassem como eu.</p>	<p>canais, de modo a comunicar com as pessoas que compartilhavam dos seus interesses e debater temas que surgiam das vivências dos sujeitos. P4 menciona que embora a internet fosse utilizada por alguns dos seus pares para organizar encontros entre praticantes, não recorria à internet para este fim.</p>	<p>Utilização das comunidades para comunicar com pessoas que compartilhavam dos seus interesses e participação em debates</p>
<p>35. E entretanto esta mesma comunidade depois evoluiu ao nível de fóruns, de debates onde as pessoas acabavam por debater temas de BDSM, de tudo isso, nomeadamente por exemplo entrevistas que eram feitas no canal <i>bondage</i> do IRC depois eram transferidas para esses fóruns, tudo isso. Daí começaram a aparecer as redes sociais, isto a nível virtual. As redes sociais, como por exemplo o Fetlife, embora tenha havido algumas outras antes e as pessoas começaram a frequentá-las tipo, pronto é uma rede social com tudo o que tem de bom e o que tem de mau, não é?</p>	<p>35. P4 refere ter acompanhado a evolução da comunidade, tendo tido acesso a debates e entrevistas nos fóruns existentes, e ter participado nas redes sociais de BDSM, das quais ainda hoje faz parte.</p>	<p>Comunidade como meio de acesso a entrevistas e debates</p> <p>Participação em redes sociais BDSM</p>
<p>36. E as pessoas vão ali, algumas estão ali e já se conhecem cá de fora, outras vão ali e trata-se de um princípio, para vir a conhecer outras pessoas... um exemplo real onde as pessoas se encontravam que era a noite de copos, uma noite normal, muito banal, num bar qualquer, sobretudo na margem sul, onde as pessoas se encontravam e conversavam, e divertiam-se e bebiam um copo</p>	<p>36. P4 experienciou a passagem de relacionamentos virtuais para o mundo real, tendo participado em encontros noturnos de convívio, nos quais trocava conhecimento e experiências com os restantes pares</p>	<p>Passagem de relacionamentos virtuais para reais</p> <p>Envolvimento em encontros</p> <p>Troca de experiências e conhecimento</p>

<p>e acima de tudo trocavam conhecimento umas com as outras.</p>		
<p>39. Se há uma comunidade real? Há! Se faço parte dela: também. Eu tenho o meu grupo de amigos, se é que isso se pode chamar de uma comunidade, com os quais costumo conviver, às vezes eles vêm aqui para casa, outras vezes vou eu a casa deles, sobretudo a casa deles porque tenho uma amiga que tem uma masmorra e então vamos para lá, juntamo-nos na área que acaba por ser mais interessante até.</p>	<p>39. P4 menciona encontrar-se inserido na comunidade 'real' de BDSM, tendo constituído um grupo de amigos no meio, com os quais convive no dia-a-dia, sendo os encontros realizados na habitação dos mesmos ou na sua. P4 refere a preferência em frequentar a casa de uma amiga, por ter uma masmorra que permite uma experiência mais enriquecedora.</p>	<p>Inserção na comunidade 'real' de BDSM</p> <p>Constituição de grupo de amigos no meio</p> <p>Convivência frequente na habitação</p>
<p>40. Mas realmente as pessoas, a comunidade real está sempre associada ao virtual,</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>41. evidente que há uma comunidade virtual apenas. São pessoas que andam à volta do meio, aquelas curvas de contemplação, que não sabem muito bem se hão-de apegar, se não, pronto, enfim, porque há pessoas que têm medo, e é compreensível que o tenham. Costuma-se dizer, temos medo do desconhecido, não é? E de fato isso dificulta muitas vezes que as pessoas apareçam e se mantenham nesta comunidade virtual.</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>42. E: Referiu que envolveu com a comunidade na internet em 2003. E antes disso, já havia algum contato com a comunidade? P4: Não, não tinha envolvimento com nenhuma comunidade antes de 2003. Nesta altura eu ainda desconhecia as comunidades virtuais, tentava encontrar pessoas, pronto, no meu quotidiano, ainda continuo, de</p>	<p>42. Anteriormente ao seu envolvimento com a comunidade virtual, P4 desconhecia a sua existência, recorrendo ao seu quotidiano para procurar pessoas que compartilhem da sua sexualidade. Não obstante o envolvimento na comunidade, P4 continua a procurar ativamente pessoas que compartilhem da sua sexualidade a partir das</p>	<p>Procura ativa de pares, anterior e posterior ao envolvimento nas comunidades de BDSM</p>

vez em quando ainda continuo, a encontrar pessoas.	relações que estabelece no seu dia-a-dia.	
43. Tenho muito menos problemas em falar destas coisas hoje em dia do que tinha na altura, em 2003. Ou antes. Acaba por ser muito mais fácil até conhecer pessoas assim.	43. P4 experimentou atualmente uma diminuição das restrições que doutro sentia em falar abertamente das suas preferências sexuais, o que facilitou o processo de descoberta de pessoas semelhantes no quotidiano.	Restrições no passado em falar abertamente sobre o assunto Diminuição destas restrições no presente Maior facilidade em conhecer pessoas semelhantes
44. E: Essa preferência sexual causou-lhe constrangimentos a nível social, pessoal ou profissional? P4: Não causa constrangimentos, também não causou nunca constrangimento.	44. Para P4, a sua vivência sexual não traz qualquer tipo de constrangimento.	Perceção de inexistência de constrangimentos
45. Vamos lá ver, eu acho, pronto, que é um bocado por instinto de proteção, as pessoas arriscam na medida que sentem que podem arriscar. E é o meu caso, também nunca fui muito daquilo que achava que as pessoas podiam encaixar e ouvir-me e sentir-me aceite. Portanto, acabei por nunca ter esse tipo de problemas.	45. P4 experienciou a necessidade de ter de medir o que poderia contar sobre a sua sexualidade e a quem o poderia fazer, selecionando apenas pessoas que compartilhavam das suas preferências sexuais ou indivíduos que o fizessem sentir-se aceite. P4 tomou estas medidas provavelmente por receio de despoletar reações negativas como o preconceito.	Necessidade de medir o que contar sobre a sexualidade e a quem Receio de reações negativas
46. Acho sim é que este tipo de, vamos lá ver, além de uma sexualidade isto também é um estilo de vida, não é? Que envolve uma comunidade então a gente só acaba por de fato se envolver dentro de um tipo de meio social. E isso pode trazer algum detrimento do resto da vida da pessoa. Já vi casos que isto aconteceu, regra geral acho que isto não acontece... as pessoas não têm de parar de ter família, ter filhos, ter um emprego, ter os seus colegas de	46. Para P4, o envolvimento preferencial com os restantes membros da comunidade, decorrente da sua sexualidade, teve impacto no seu estilo de vida, que passou a ser dominado pelas dinâmicas que caracterizam a comunidade. Ainda assim, P4 procura manter os grupos de pares e amigos da esfera familiar, social e profissional, os quais não se coadunam com a comunidade BDSM.	Envolvimento preferencial com membros da comunidade BDSM Impacto no estilo de vida, dominado pelas dinâmicas da comunidade BDSM Procura em manter as relações familiares,

<p>trabalho, o grupo de amigos com quem vai ver um jogo de futebol ou outro, que não é o meu caso que eu não gosto de futebol, mas pronto, as pessoas não deixam de ter isso tudo, não é...</p>		<p>profissionais e sociais</p>
<p>47. vamos lá ver, eu não compartilho com qualquer um este tipo de gostos, para já porque é assim... cada macaco no seu galho e eu no emprego, quer dizer, não faz muito sentido estar a falar disso com outras pessoas a não ser uma ou outra pessoa e de fato já aconteceu. Posso dizer que uma das minhas submissas já foi minha colega de trabalho, portanto, isto para ver. Se é hábito isso? Não. Pronto, às vezes fala-se disto a brincar, mas não tenho o hábito de estar declaradamente a falar disto.</p>	<p>47. P4 separa as suas relações profissionais das restantes, ocultando as suas preferências sexuais dos colegas de trabalho, por achar que não se trata de um assunto adequado ao ambiente vivenciado. Não obstante, P4 manifesta revelar estas preferências aos colegas de trabalho que percebeu receptivos a tal, numa ou outra ocasião. Foi esta abertura que permitiu a P4 ter vivenciado um relacionamento BDSM com uma colega de trabalho.</p>	<p>Separação das relações profissionais do BDSM</p> <p>Ocultação das preferências sexuais</p> <p>Revelação das preferências sexuais a colegas receptivos</p> <p>Vivência de relacionamento BDSM com colega de trabalho</p>
<p>48. Não me sinto nenhum apóstolo para estar a levar a boa nova, não acho que isto seja por aí, acho que isto funciona doutra maneira, mais por atração... do que propriamente porque agente tenta vender-lhes uma imagem disto. Eu não vendo imagem nenhuma, às vezes até mando assim umas piadas mais ou menos inerentes ao sadismo e ao BDSM, mas não...</p>	<p>48. P4 refere que apesar de dar indícios das suas preferências sexuais, não se sente na responsabilidade de promover ao seu estilo de vida, por perceber que a vivência desta sexualidade deve surgir de forma natural.</p>	<p>Fornece indícios da sua sexualidade</p> <p>Inexistência de responsabilidade de promover o estilo de vida</p>
<p>49. E: Há aspetos positivos que associe a estas práticas? P4: O maior aspeto positivo é de fato a pessoa sentir-se muito mais completa. Há uma sexualidade que não é reprimida... a pessoa sente-se muito melhor consigo, acaba por ser uma pessoa muito mais completa e menos escondido até de si próprio... esta era a principal.</p>	<p>49. P4 percebe as práticas sádicas como vantajosas, por lhe fazerem sentir-se mais completo, na medida em que permite a aceitação da sua identidade sexual, experienciando bem-estar.</p>	<p>Percepção de vantagens</p> <p>Aceitação da identidade sexual e bem-estar</p>

<p>50. Mais vantagens que eu encontro tem muito a ver também com o nível social, porque uma pessoa acaba por descobrir amigos aqui, acaba por descobrir realmente amizades, e isso é uma coisa que não é fácil acontecer no dia-a-dia, que aliás, aqui também não, não é, mas pronto, também há aqui amizades.</p>	<p>50. Para P4 as vantagens desta sexualidade passam ainda por poder criar laços profundos de amizade com indivíduos que compartilham das suas preferências sexuais e por isso provavelmente o fazem sentir-se aceite e bem consigo próprio.</p>	<p>Criação de laços de amizade com pares</p>
<p>51. (Mais alguma?) Vamos lá ver, uma sexualidade é sempre uma sexualidade, as vantagens que advêm da sexualidade, não estou muito a ver que tragam outro tipo de vantagens.</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>52. E: Algum outro aspeto importante a referir? P4: Aqui há tempos eu comecei a pensar que «ok, eu sou sádico, isto é uma doença, não é uma doença» isto também é um debate que existe muito no nosso meio. E então senti necessidade de ir ver um bocado do sadismo no passado.</p>	<p>52. Perante dúvidas relativas à sanidade dos impulsos que sentia e práticas que realizava, P4 sentiu-se compelido a procurar mais informação sobre o sadismo sexual e a forma como era manifestado no passado.</p>	<p>Dúvidas relativas à sanidade dos impulsos Procura de informação</p>
<p>53. E o que é certo é que, não sei se é porque sempre houve pessoas com alguma parafilia / perversão, que é mais simples dizer perversão, o que é certo é que eram situações de sadismo que eram sentidos ao longo da história, não é? Mesmo costumes sádicos, sabemos que a flagelação era um hábito, como em orgias egípcias, que o Sócrates era adepto de um jogo que é o pony play, que fazia de cavalinho e a mulher passeava. Pronto, não vou falar sequer do Sade, porque o Sade já vem numa fase muito posterior, mas a verdade é que durante toda a história sempre existiu esse tipo de sexualidade.</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>54. Se ela algum dia foi reprimida ou não, não sei. Se de fato é uma forma um bocado</p>	<p>54. P4 revela que dúvidas relativamente à sanidade dos seus impulsos persistem.</p>	<p>Persistência de dúvidas relativas à</p>

<p>doente de viver a sexualidade, sinceramente também não sei. E sinceramente também cada vez me importa menos, porque aquilo que a mim cada vez mais me importa é uma coisa tão simples quanto isto, dou-me bem comigo. E é isto...</p>	<p>Contudo, por aceitar a sua identidade sexual e sentir bem-estar, P4 sente cada vez menos preocupação em categorizá-la como sendo saudável ou não.</p>	<p>sanidade dos impulsos</p> <p>Aceitação da identidade sexual</p> <p>Menor preocupação</p>
<p>55. E: Mas e em relação à sua vivência? Como a descreve? P4: A minha vivência sexual é perfeitamente satisfatória. Agrada-me este tipo de sexualidade, é minha, naturalmente ela acontece e naturalmente me traz prazer, não procuro, não me forço sequer a ter outro tipo de sexualidade porque sinceramente encontrei a minha.</p>	<p>55. P4 percebe a sua sexualidade como muito satisfatória, tendo aceitado a sua identidade sexual. Deste modo, P4 não sente interesse em experimentar outro tipo de práticas que se insiram noutra forma de sexualidade.</p>	<p>Sexualidade percebida como satisfatória</p> <p>Aceitação da identidade sexual</p> <p>Inexistência de interesse noutras práticas</p>
<p>56. Não acho que fosse beneficiar grande coisa se fosse procurar ter sexo baunilha, por exemplo. Acho que ia apenas forçar-me a uma coisa para dizer «ah, sou capaz, gosto», não acho que não. Estou muito bem como estou, obrigada.</p>	<p>56. P4 percebe não sentir prazer na sexualidade baunilha, não sentido necessidade de a experimentar para se sentir bem consigo próprio.</p>	<p>Inexistência de prazer na sexualidade 'baunilha'</p>
<p>57. E: Considera que o prazer da sua parceira no âmbito das práticas é essencial à sua satisfação sexual? P4: Claro, apesar de toda a atmosfera de dominação sádica, não nos podemos esquecer que as pessoas procuram o prazer e a satisfação. Posso mesmo dizer que me causa prazer o prazer da minha submissa.</p>	<p>57. Para P4, apesar da dinâmica de poder existente, o prazer da submissa contribui para a sua gratificação sexual, pelo P1 o considera importante</p>	<p>Prazer da parceira como importante à gratificação sexual</p>
<p>E: Com a descrição da sua experiência, apercebi-me da existência de uma dinâmica de poder. Diria que esta dinâmica acarreta gastos de energia física / psíquica para si ou a sua parceira? Como? 58. P4: Alguma dinâmica no âmbito da sexualidade não tem esse desgaste de energia?</p>	<p>58. P4 equipara o investimento físico e emocional contigo nestas práticas ao investimento realizado no âmbito de práticas normativas</p>	<p>Investimento físico e emocional equiparado à sexualidade normativa</p>

<p>59. Neste caso tem porém mais que o habitual, pela intensidade e tipo de coisas que se fazem. Suspender por cordas a submissa para depois ter sexo com ela (por exemplo) é algo que causa esforço físico a ambas as partes.</p>	<p>59. Para P4, o investimento físico é percecionado em relação à sexualidade normativa, por as práticas exigirem maior esforço físico de ambos.</p>	<p>Investimento físico percecionado como superior</p>
<p>60. E: Ao longo das suas práticas tem por hábito aplicar 'castigos' ou corretivos? Porquê? P4: Não são propriamente castigos ou correctivos (notei as aspas) são praticas sádicas que nos trazem prazer.</p>	<p>60. Para P4, o recurso às práticas violentas não tem por objetivo corrigir o comportamento da parceira, tendo como propósito proporcionar-lhe prazer</p>	<p>Práticas violentas proporcionam prazer Práticas violentas não são percecionadas como castigos</p>
<p>61. Se fossem castigos/corretivos, como dominador era complicado aplicar visto ter de estar a espera que a minha submissa cometesse um erro, o que pode ser difícil.</p>	<p>61. O uso de práticas mais violentas como corretivos constitui um impedimento a que P4 efetue estas práticas quando sente desejo, vendo-se constringido pela necessidade de esperar que a mesma cometa um erro</p>	<p>Aplicação de castigos traz constrangimentos</p>
<p>62. A resposta mais simples que me ocorre e talvez a mais honesta é: porque sou sádico e me dá prazer.</p>	<p>62. P4 recorre às práticas mais violentas sem necessidade de pretexto, tendo estas por único objetivo proporcionar-lhe prazer</p>	<p>Práticas mais violentas proporcionam prazer</p>
<p>63. Mas é mais complicado que isso. Trata-se de uma simbiose entre duas pessoas.</p>	<p>63. Não obstante, P4 refere que estas práticas mais violentas são realizadas no âmbito da dinâmica estabelecida com a sua parceira, na qual estas práticas fazem parte de uma relação complexa.</p>	<p>Práticas violentas como parte de uma relação complexa com a companheira</p>
<p>E: Sente que as actividades da vida diária ou as circunstâncias do dia-a-dia interferem na realização destas sessões? Se sim, como? 64. P4: Interferem no sentido em que se tem de resumir a espaços de tempo limitados. A minha submissa trabalha no Funchal, eu estou na zona de Lisboa, vemos-nos só em fins-</p>	<p>64. Para P4, o quotidiano interfere na expressão da sua sexualidade na medida em que as limitações de tempo que experiencia para estar com a parceira, limitam a oportunidade de efetuar estas práticas.</p>	<p>Quotidiano interfere com a expressão da sexualidade Limitações de tempo limitam a realização das práticas</p>

<p>de-semana ou em férias de um ou de outro. Gostava de a ter mais perto, a vida não o permite.</p>		
<p>65. Não acho que seja muito diferente das relações normativas. Estas também são condicionadas do mesmo modo. Imagine-se um casal, com filhos e empregos. Pode-se imaginar maiores limitações à vivência da sexualidade? Posso acrescentar que mesmo quando o casal consegue ter um fim de semana para si, sobretudo se os filhos são pequenos, estão regra geral tão cansados que o descanso e o saborear da companhia um do outro, fala mais alto que a libido.</p>	<p>65. P4 equipara os constrangimentos de tempo experienciados às relações que ocorrem no âmbito da sexualidade normativa.</p>	<p>Constrangimentos de tempo equiparados aos constrangimentos das relações normativas</p>